



Universidade Federal
de Campina Grande



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

**SERROTE DO DIAMANTE: a especialização da fé em Padre Cícero
no sítio Coxá em Aurora (Ceará, 2012-2021)**

CÍCERO ALVES PEREIRA

CAJAZEIRAS - PB

2022

CICERO ALVES PEREIRA

**SERROTE DO DIAMANTE: a espacialização da fé em Padre Cícero
no sítio Coxá em Aurora (Ceará, 2012-2021)**

Monografia apresentada à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do curso de Licenciatura Plena em História da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais, Centro de Formação de Professores, Universidade Federal de Campina Grande UFCG – Campus Cajazeiras, na Paraíba – como pré-requisito à obtenção do título de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Firmino Sales Neto

CAJAZEIRAS-PB

2022

P436s Pereira, Cícero Alves.

Serrote do Diamante: a espacialização da fpe em Padre Cícero no sítio Coxá em Aurora (Ceará, 2012-2021) / Cícero Alves Pereira. - Cajazeiras, 2022.

118f.: il.

Bibliografia.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Firmino Sales Neto.

Monografia (Licenciatura em História) UFCG/CFP, 2022.

1. Padre Cícero. 2. Aurora-CE. 3. Sítio Coxá. 4. Serrote do Diamante. 5. Espaço sagrado. 6. Catolicismo. I. Sales Neto, Francisco Firmino. II. Universidade Federal de Campina Grande. III Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU – 27-522

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764
Cajazeiras - Paraíba

CICERO ALVES PEREIRA

**SERROTE DO DIAMANTE: a espacialização da fé em Padre Cícero
no sítio Coxá em Aurora (Ceará, 2012 – 2021).**

Monografia apresentada à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do curso de Licenciatura Plena em História da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais, Centro de Formação de Professores, Universidade Federal de Campina Grande UFCG – Campus Cajazeiras, na Paraíba – como pré-requisito à obtenção do título de Licenciado em História.

Aprovada em: ____/____/____.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Francisco Firmino Sales Neto
(Orientador – UACS/CFP/UFCG)

Profa. Dra. Silvana Vieira de Sousa
(Examinadora – UACS/CFP/UFCG)

Prof. Ms. Emerson José Ferreira de Sousa
(Examinador – externo)

Prof. Dr. Israel Soares de Sousa
(Suplente – UACS/CFP/UFCG)

Dedico este trabalho aos meus avós, João Ferreira, Raimunda Rita, Manoel Alves e Francelina Maria; e a minha tia de coração, Rosa Rodrigues (Neta). Pessoas que me fizeram conhecer de forma mais profunda o significado de amor. (*In memoriam*)

AGRADECIMENTOS

Gratidão, palavra de tão lindo significado, sensação que nos faz acreditar em dias melhores. Não foi fácil! Eu sabia que não seria. Os desafios, em certas horas, pareciam querer me derrubar, testar-me a todo momento. Mas, felizmente, aqui estou: forte como nunca, motivado mais ainda. E gostaria de expressar aqui algumas palavras de agradecimento.

Gratidão...

Ao dom da razão, a permitir que as emoções, as perturbações, os desafios e as vaidades não tomassem o lugar de meus objetivos, possibilitando que eu não me desviasse de minha meta e acreditasse que um dia seria possível. Feliz por compreender e executar o que precisava ser feito e não o que meu ego desejava que fosse feito.

A minha turma 2016.1, por me proporcionar uma alegria que nunca tive no ensino básico: ser feliz, ser eu mesmo e me sentir seguro numa sala de aula. Aprendi um pouco com cada colega, cada amigo. Ter conhecido e convivido com vocês foi uma experiência que jamais esquecerei. De forma especial, agradeço aos amigos(as) Jacqueline, Vitória, Camila, Fabriciana, Janicleide, Aline, Fernanda, Antônio e Raenna, com quem dividi os melhores momentos nas salas e nos corredores do CFP.

Ao meu querido colega e amigo Mário Pedoni (*In memoriam*), que nos deixou em 2020, causando um vazio imensurável em nossa turma. Mário, você sempre disse que eu não desistisse, que eu conseguiria e que ainda iria assistir a minha defesa de monografia. Ah, meu amigo, quem me dera ter você neste momento tão especial... mas saiba que, para sempre, você viverá em minhas melhores lembranças e será para mim uma das maiores referências! Obrigado por tudo o que fez por mim, saudades.

Aos meus colegas de quarto da residência universitária masculina. Primeiramente aos do quarto 9, minha primeira estadia: Luiz, Messias, Bruno, Tiago e João Carlos, que me proporcionaram momentos únicos. Mesmo com o distanciamento físico e temporal, nunca esquecerei a amizade de cada um de vocês. Segundo, aos amigos do quarto 10, de quem a maldita pandemia de Covid-19 me separou após um semestre de convivência: Antônio, Luis e Alexandre. Obrigado, colegas do quarto 10, por me acolherem quando necessitei de transferência.

As minhas colegas e amigas de outros cursos e da residência universitária feminina, que sempre estiveram ao meu lado nos caóticos primeiros semestres de curso: Rosa Mística, Rosa das Neves, Hérica Jennifer, Cicinha, Paloma, Tatiane e Carol. Rosa

Mística, minha amiga, irmã e anjo da guarda, jamais esquecerei tudo o que fez por mim. Obrigado por me sustentar nos momentos em que eu pensei não suportar minhas dores, obrigado por ser minha verdadeira auxiliadora nessa caminhada tão difícil que juntos percorremos. Nós vencemos!

Aos meus amigos de fora do ambiente acadêmico, que com sua alegria e carinho, me encheram de boas energias para continuar tentando a cada dia. As festas, passeios, conversas, as bebidas socialmente consumidas e aventuras são coisas que me fizeram um bem danado. Foram momentos que adorei colecionar. Não vou mencionar nomes neste grupo para não cometer a desfeita de esquecer alguém, mas cada um que pertence a meu círculo de amizades, sabe. Amo vocês!

Às pessoas que me auxiliaram em minha instável trajetória. Obrigado prima Inara Camila, que fez minha inscrição no Enem 2015, quando eu não consegui fazer em minha casa. Gratidão as minhas madrinhas, Maria Erivalda e Adecir, que me hospedaram em suas casas na cidade de Aurora, no início do curso e no ensino remoto, quando meu sítio ainda não possuía *wi-fi*. Obrigado amiga Camila Penaforte pela confiança em me emprestar um de seus notebooks no ano de 2020, quando eu ainda não tinha conseguido um, permitindo que eu pudesse continuar minha jornada, obrigado de coração! Obrigado também à Prefeitura Municipal de Aurora pelo transporte universitário gratuito. E obrigado às direções e professores das escolas estaduais João Milanês, Nicea Claudino e Crispim Coelho, em Cajazeiras, por me permitirem estagiar em suas dependências. Nesse meu percurso sempre me faltou sorte, mas nunca me faltaram amigos!

Aos meus professores, por todo saber e experiências compartilhadas conosco. De forma especial, agradeço aos professores Isamarc Lôbo, grande “mestre em educação” deste curso; Silvana Vieira, que me proporcionou as aulas mais engraçadas e divertidas; Viviane Ceballos, por me fazer crescer com seus desafios lançados; Eliana Rolim, exemplo de empatia; e Osmar Luiz com sua metodologia incomparável durante o ensino remoto. Sou muito grato também à professora Uelba Alexandre que, ao sair de forma temporária para o pós-doutorado, presenteou-me com alguns eletrodomésticos de seu apartamento, melhorando a estrutura e moradia de meu quarto na residência. Nunca esquecerei este seu gesto, professora. E muito, muito obrigado aos membros da banca!

Meu muito obrigado também aos que me concederam seus depoimentos para que esta pesquisa pudesse ser realizada. De forma especial, muito obrigado à família Rodrigues por sua hospitalidade incomparável quando viajei para Juazeiro do Norte a fim de colher depoimento. Depoentes, este trabalho é nosso!

E de forma mais que especial ao meu orientador, Dr. Sales Neto. Professor, desde sua primeira disciplina conosco, aquela incrível disciplina de Projeto de Pesquisa I, eu sabia que você era a pessoa certa para me orientar. Lembro de como gostou de meu tema, classificando-o como muito original. Naquele momento eu não tinha mais dúvidas que você era o professor certo para me auxiliar nesta jornada. Obrigado por toda a atenção, dedicação, pela paciência, por acreditar em mim, você é um pesquisador ímpar!

Gratidão à vida, com todo seu mistério e beleza!

“Como primeira aproximação, eu defino a crença não como objeto de acreditar (um dogma, um programa, etc.), mas como o investimento do sujeito em uma proposição, o ato de dizer isso e considerando isso como verdadeiro.”.

(Michel de Certeau, 1998).

RESUMO

Este trabalho têm o objetivo de historiar as práticas católicas, ditas populares, que levaram ao surgimento de um espaço sagrado em homenagem ao Padre Cícero Romão Batista, em uma elevação, conhecida como Serrote do Diamante, localizada na zona rural da cidade de Aurora, estado do Ceará, Brasil. Para problematizarmos a trajetória e a construção da santidade do referido sacerdote dialogamos com autores que trabalharam com a escrita de sua biografia e a problematização de seu personagem, como Ralph Della Cava (2014), Lira Neto (2009), Antônio Mendes C. Braga (2007), Luitgarde C. Barros (1988), Francisco Régis L. Ramos (2014) e Rui Facó (1976). Com o auxílio das práticas de História Oral, discutidas por especialistas como Alessandro Portelli (1997), Verena Alberti (2004) e Lucília Delgado (2010), realizamos as entrevistas para a pesquisa. A partir de uma história social da cultura, com base em estudos de Sandra Pesavento (2014) e Perter Burke (2012), e das práticas sertanejas ligadas à manipulação do sagrado historicizadas em trabalhos como os de Edianne dos Santos Nobre (2010), Michelle Ferreira Maia (2010) e Emerson José F. Sousa (2021) buscamos discutir como se deu o surgimento do referido santuário, em um recorte temporal entre 2012 e 2021. Analisamos, ainda, fatores culturais e sociais do cotidiano local e regional, que são constituintes das práticas às quais chamamos de espacialização da fé.

Palavras-chave: Padre Cícero; Aurora - CE; Sítio Coxá; Serrote do Diamante; Espaço Sagrado.

ABSTRACT

This work aims to history the Catholic practices, popular sayings, that led to the emergence of a sacred space in honor to the Priest Cícero Romão Batista at an elevation known as Serrote do Diamante, located in the countryside of the city of Aurora, state of Ceará, Brazil. To problematize the trajectory and construction of holiness of that priest, we dialogue with authors who worked with the writing of his biography and the problematization of his character, as Ralp Della Cava (2014), Lira Neto (2009), Antônio Mendes C. Braga (2007), Luitgarde C. Barros (1988), Francisco Régis L. Ramos (2014) and Rui Facó (1976). With the help of Oral History practices, discussed by experts as Alessandro Portelli (1997), Verena Alberti (2004) and Lucília Delgado (2010), we conducted the interviews for the research. Through a culture social history, based on studies of Sandra Pesavento (2014) and Perter Burke (2012), and the country practices linked to the manipulation of the sacred historicized in works such as those of Edianne dos Santos Nobre (2010), Michelle Ferreira Maia (2010) and Emerson José F. Sousa (2021), we seek to discuss how the emergence of the aforementioned sanctuary, in a time frame between 2012 and 2021. We also analyze, cultural and social factors of local and regional daily life, that are constituents of the practices we call the faith spacialization.

Keywords: Priest Cícero; Aurora - CE; Place Coxá; Serrote do Diamante; Sacred Space.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Vista parcial do território que compreende a comunidade do Coxá e, ao fundo, o Serrote do Diamante.....	15
Imagem 2: Formações rochosas presentes no pico do Serrote do Diamante.....	16
Imagem 3: Fotografia de Cícero com um colega, no Seminário.....	26
Imagem 4: Fotografia da beata Maria de Araújo, onde se localizava seu túmulo, na Capela do Socorro.....	38
Imagem 5: Túmulo do Padre Cícero na Capela do Socorro.....	38
Imagem 6: Dr. Floro Bartholomeu.....	42
Imagem 7: Fotografia de Padre Cícero com comitiva visitante, em Juazeiro.....	46
Imagem 8: Padre Cícero doente, ao lado do médico.....	49
Imagem 9: Devotos conduzindo o caixão no sepultamento do patriarca.....	50
Imagem 10: Floro Bartholomeu e seus jagunços nas terras do Coxá.....	65
Imagem 11: Francélio Rodrigues à frente, levando a “estátua da fundação” ; logo atrás, seu irmão Francinilton e dois moradores da comunidade.....	73
Imagem 12: Vista da primeira estátua colocada no alto do serrote.....	77
Imagem 13: Representações do Padre Cícero em diversas imagens, na capela do Serrote.....	78
Imagem 14: Vista da Capela abriga as imagens e artigos de devoção em sua estrutura atual.....	82
Imagem 15: Vista do interior da capela, com seus objetos de devoção e ex-votos.....	89
Imagem 16: Devotos em meio às pedreiras do serrote, ao redor da capela, assistindo à missa.....	93
Imagem 17: Cavaleiros participam da cavalgada realizada.....	93

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
Capítulo I	24
PADRE CÍCERO: UMA TRAJETÓRIA ENTRE A RELIGIÃO E A POLÍTICA	24
1.1 <i>Sacerdócio: objetivo maior de Cícero</i>	25
1.2 <i>O “milagre” de 1889: o divisor de águas</i>	32
1.3 <i>Padre Cícero: político, latifundiário... coronel?</i>	40
1.4 <i>A morte do patriarca de Juazeiro: o fim que não ocorreu</i>	49
Capítulo II	55
SERROTE ENCANTADO: O COMUM E O SAGRADO NA HISTÓRIA DO COXÁ	55
2.1 <i>As Minas do Coxá: o serrote antes da edificação sagrada</i>	56
2.2 <i>Os irmãos Rodrigues nas terras do Coxá</i>	69
2.3 <i>O natal de 2012: a “posse” da terra por seu “proprietário”</i>	74
2.4 <i>Do alto da pedra para dentro da capela: o desenvolvimento da especialização</i>	78
Capítulo III	87
PRÁTICAS DA FÉ: ESPAÇO SAGRADO NO SERROTE DO DIAMANTE	87
3.1 <i>Como se sacraliza um espaço: práticas do catolicismo popular no Sertão</i>	87
3.2 <i>Trabalho voluntário: o exercício da devoção</i>	96
3.3 <i>Coxá e catolicismo: fé e tradição na constituição cotidiana</i>	99
3.4 <i>Serrote do Diamante ou do Padre Cícero: as reconfigurações de um espaço</i> ...104	
CONSIDERAÇÕES FINAIS	110
FONTES	115
REFERÊNCIAS	116

INTRODUÇÃO

História... este curso não era minha escolha antes de ingressar no Ensino Superior. Mesmo gostando da disciplina no Ensino Básico, por causa de alguns ótimos professores que tive, eu não era apaixonado pela matéria. Na conclusão do meu Ensino Médio, jamais eu havia desejado ingressar em história. Meu sonho era cursar Geografia, disciplina que amei desde sempre e que ainda amo. Tenho interesses por várias áreas dela, principalmente a da climatologia. Mas, com o fim do Ensino Médio, as dificuldades financeiras, minha ingenuidade e minha falta de conhecimento sobre as formas de ingressar no Ensino Superior me fizeram não cursar nada. Saí do Ensino Médio em dezembro de 2013, mas só ingressei no ensino superior no primeiro semestre de 2016.

Matriculei-me em História porque não consegui ingressar em Geografia, já que este curso era noturno no semestre em questão e eu não tinha como me deslocar de meu sítio em Aurora (Ceará) para Cajazeiras (Paraíba). Assim, “caí de paraquedas” neste curso, que não era nada do que eu imaginava. Pensei muitas vezes em desistir, passei por muita angústia, mas continuei. Era cursar ou aceitar o fracasso. Eu não era (e sinceramente, acho que ainda não sou) bom em História, mas eu sempre quis atuar na docência. Então, este fator me motivou a não largar tudo. Só vim me adaptar ao curso no sexto semestre, após perder várias disciplinas no quarto e quinto. Mas no sexto, decidi que não dava mais para voltar atrás e, daquele dia 20 de agosto de 2018 para cá, nunca mais fui o mesmo. Perdi várias cadeiras, mas as recuperei posteriormente, a maioria com médias superiores a 9,0.

Todo mundo sempre falava no tal do TCC, o trabalho que faz os alunos perderem o juízo ao final de seus cursos de graduação. Mas pelo menos neste ponto eu posso dizer, sem sombra de dúvidas, que eu sabia com o que queria trabalhar desde o início. Eu queria escrever uma história que não fosse só mais um volume que fica depositado no repositório da universidade e que ninguém lê. Eu queria escrever acima de tudo, a minha história! Quando o professor Sales Neto, na disciplina de Projeto de Pesquisa I, perguntou-nos sobre o que a gente pensava em escrever, eu falei deste mesmo tema, o qual hoje se configurou na monografia que tanto desejei escrever. Como diz Peter Burke, eu escrevi um trabalho que pode ser classificado como “orgulho local”, pela felicidade em escrever algo que não é apenas um relato sobre as práticas de fé de uma comunidade, mas é acima

de tudo algo que me representa, que representa minhas origens, meu porto seguro. Sempre quis contar esta história, sempre quis mostrar a riqueza histórica de meu humilde sítio e, aos poucos, neste pequeno recorte temporal, estou tentando.

A diversidade histórica do sítio Coxá sempre me chamou atenção. A mais marcante de todas as histórias que eu ouvia na infância, através dos contos do meu amado avô, era a do Serrote do Diamante, uma pequena elevação que pode ser vista de toda a comunidade do Coxá e das vizinhanças. Há mais de um século as terras do Coxá eram propriedade do venerado Padre Cícero Romão Batista, que decidiu firmar a compra através da influência de Floro Bartholomeu, baiano recém-chegado no Cariri em companhia de um engenheiro de minas francês, chamado Conde Adolphe Van Den Brule. Em 1908, a demarcação era feita por Floro e o conde, o que provocou conflitos com jagunços de homens influentes da região que desejavam se apossar também das minas de cobre que havia em Coxá (FACÓ, 1976, p. 151).

Pelo fato de o sacerdote ter sido proprietário das terras, não era raro se escutar alguém dizendo que “o Coxá é de Padre Cícero”, em referência ao apossamento das terras, as quais foram herdadas pela ordem dos Salesianos e, aos poucos, vendidas a cada morador que iria conseguindo comprar pequenos lotes.

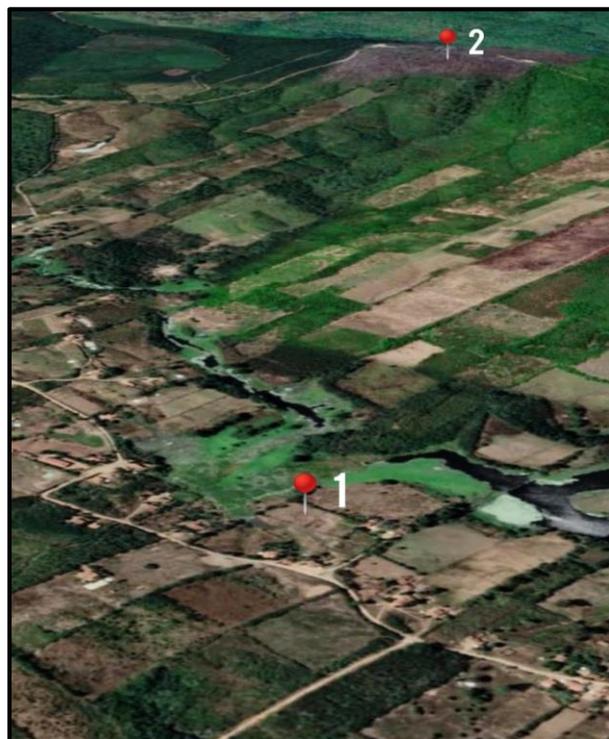


Imagem 1: Vista parcial do território que compreende a comunidade do Coxá (alfinete 1) e, ao fundo, o Serrote do Diamante (alfinete 2). Fonte: Google Earth, 2022.

Observando a imagem 1, percebemos como ainda hoje as terras da localidade se encontram divididas em lotes retangulares que lembram uma padronização das delimitações dos terrenos, um sinal de quando foram fatiadas para venda, pela ordem dos Salesianos, herdeiros das ditas terras. Essa configuração permitiu que as casas se encontrem muito próximas umas das outras.

Com a exploração de minérios iniciada no começo do século XX, o espaço passou também a ser chamado cotidianamente de “Minas do Coxá”, uma referência às terras que abrigam vasta quantidade de riquezas naturais exploradas muitos anos consecutivos por diversas empresas de mineração. Fato que causou impactos na economia e na rotina local, a cada vez que uma nova expedição era iniciada.



Imagem 2: Formações rochosas presentes no pico do Serrote do Diamante. Acervo pessoal, 2021.

O Serrote do Diamante possui em seu ponto culminante vários pedregulhos enormes, característica que já atraía pessoas para visitas antes de o referido local ser sacralizado. Sua beleza natural aparece imortalizada nos versos do poeta Cícero Saraiva, morador da comunidade:

Pedras rochosas, pitorescos montes
São testemunhas destes versos meus
Estrelas que brilham nos seus horizontes
Viram as pesquisas dos minérios seus
Se nos enganaram, a gente não sabe

Mas nada fica impune aos olhos de Deus¹

De fato, como poderemos constatar no capítulo segundo desta monografia, não se sabe quais tipos ou quantidades de riquezas foram retirados das terras do Coxá. Além dos versos sobre as minas, Cícero Saraiva também escreveu um mote² intitulado “O Coxá guarda a lembrança de Virgulino Ferreira”, em referência à passagem de Lampião, o “Rei do Cangaço”, pelas terras do Coxá, em 1926, quando voltava de Juazeiro, onde foi chamado por Floro Bartholomeu para lutar contra a Coluna Prestes, e seguia em direção a cidade de Mossoró, no Rio Grande do Norte, a fim de invadi-la.

Dentre as possibilidades de escrita histórica sobre o Coxá e seu passado carregado de aventuras e impasses, resolvemos escolher uma bastante recente, mas que pudesse chamar à discussão todo um passado. Ao escolhermos o tema da *espacialização da fé em Padre Cícero*, isto é, a materialização de sua crença a partir da criação de um espaço sagrado para o culto de sua devoção, buscamos elaborar um trabalho que desse conta de dois fatores: a história da comunidade e a execução das práticas de devoção ao patriarca de Juazeiro nesse sítio.

No cume do Serrote há uma pequena capela pintada na cor branca. Esta construção é derivada da colocação de uma primeira estátua de oitenta centímetros no alto das pedreiras, no final do ano de 2012. Esse fato provocou significativo número de visitas ao local desde então. Com o passar dos anos, a materialidade no Serrote foi aumentando gradativamente, sendo a capela inaugurada em dezembro de 2014. Este pequeno santuário, até o presente momento, abriga a “estátua da fundação” (a de oitenta centímetros, em cor preta) e uma outra, agora tida como principal, que mede cerca de um metro e sessenta centímetros, em cor branca. Essas realizações se iniciaram quando o juazeirense Francinilton Rodrigues Vieira fixou a primeira imagem, em um ato de homenageasse ao antigo proprietário do Serrote: o Padre Cícero.

A ideia teve o acolhimento dos devotos do padre, tanto de pessoas residentes no Coxá, como de localidades vizinhas. Através de doações (financeiras e de materiais)

¹ Fragmento do poema “Meu querido Coxá”, de autoria de Cícero Saraiva (2020), ex-professor, repentista e morador da comunidade do Coxá. Transcrito pelo autor.

² Mote é o verso ou conjunto de versos criado como desafio poético, para criação de uma composição poética improvisada na hora da cantoria pelos violeiros repentistas, em que o mote se repete por diversas vezes ao longo do desafio.

destinadas aos coordenadores da construção tornaram possível o crescimento e modernização do espaço. Mas como isto foi possível? Quais as razões que poderiam levar os devotos a se empenharem na determinada causa e fazê-la ter bons resultados em curto período de tempo? Quais fatores levaram o Serrote a se tornar um espaço sagrado? Como se deu esse processo de sacralização do espaço do Serrote do Diamante?

Para as pessoas que costumam frequentar o santuário para fazerem preces e realização ou pagamento de promessas, o local é considerado sagrado, um ponto de encontro espiritual com o Padre Cícero. Mas como podemos definir uma espacialidade sagrada? Para Michel de Certeau (1998) o conceito de espaço se difere do conceito de lugar pelo fato de que o espaço é resultado de práticas, dos modos de fazer. Assim, um espaço pode ser considerado sagrado porque nele são executadas um conjunto de ações e rituais que o torna simbolicamente diferente, sendo produzido pelas operações que o orientam (CERTEAU, 1998, p. 202). Assim, as práticas de fé são o que formaram o espaço do Serrote, tornando-o sagrado.

São perceptíveis a presença de hierofanias (manifestação do sagrado), e estas são possíveis graças a um conjunto de crenças que os homens constroem, tornando um espaço comum uma espacialidade sagrada através de práticas religiosas exercidas. Para Edianne dos Santos Nobre (2010), “a noção de espaço sagrado está, portanto, ligada à ideia de repetição do ato hierofânico que consagrou o lugar, distinguindo-o por sua vez dos espaços profanos” (NOBRE, 2010, p. 23). Deste modo, defendemos que a sacralização de um espaço como o do Serrote do Diamante acontece devido às práticas da religiosidade católica nele exercidas, uma vez que são constantemente repetidas, no caso dos espaços que homenageiam o Padre Cícero, aos dias vinte (20) de cada mês. Práticas de uma religiosidade popular relacionadas à concepção de Juazeiro do Norte como espaço sagrado e de Pe. Cícero como santo.

Utilizamos o termo “religiosidade popular” ou “catolicismo popular” como referência à fé em Padre Cícero e à materialidade (capelas, estátuas, espaços de oração que recebem seu nome) que essa fé realiza, porque até o presente momento o sacerdote não se encontra canonizado pela Igreja Católica. Porém, cabe lembrar que este catolicismo popular, ao mesmo tempo em que pode ser interpretado como práticas marginais, carrega aspectos fundamentados na tradição católica milenar. Para Solange Ramos de Andrade (2010), o conceito de religiosidade católica abarca:

[...] todas as manifestações que envolvem as crenças e práticas ligadas ao catolicismo, que tem como ponto crucial o culto aos santos reconhecidos ou não pela Igreja. É o contato com um transcendente que, apesar de estar fortemente ligado ao institucional, ao mesmo tempo distancia-se dele, num processo de apropriação que muitas vezes marca um conflito simbólico na adoção de crenças e práticas não sancionadas (ANDRADE, 2010, p. 132)

As práticas da religiosidade popular são carregadas de uma ambiguidade, em que o oficial se entrelaça com o marginal (à margem da Igreja), num hibridismo que mostra serem as práticas populares baseadas nas constituições bíblicas da fé católica. Religiosidade milenar, conservadora, mas que ao mesmo tempo não depende da Igreja para considerar um espaço como sagrado ou um determinado sujeito como santo, a exemplo do Padre Cícero. Assim, classificamos as práticas que serão posteriormente apresentadas e debatidas como populares por não fazerem parte de um conjunto de ações eclesiais, reconhecidas oficialmente pelo Vaticano. O catolicismo popular, na fé de seus adeptos, classifica como santos sujeitos comuns, mas que ao mesmo tempo se destacaram por seu exemplo quando em vida, pessoas “nas quais as santidades transcendem o abstrato para encarnar-se na imagem daquele que representa” (ANDRADE, 2010, p. 141).

Quanto ao recorte temporal (2012-2021) este se dá pelo fato de a espacialização da fé ter sido iniciada em dezembro de 2012, no Serrote do Diamante. O Ano de 2021 é uma referência ao término de nossa pesquisa, culminada com a coleta de todos os depoimentos no mês de novembro do referido ano e observadas as últimas modificações ocorridas na infraestrutura do santuário. Neste trabalho, o leitor encontrará discussões sobre fatos ocorridos desde fins do século XIX, mas pelos motivos apresentados, não colocamos este recorte temporal no título da pesquisa.

Mas como escrever uma história que não têm sequer referências acadêmicas sobre ela? Para solucionar este impasse, recorreremos a arma que nos era disponível, a História Oral, que nos proporciona prática de escrita e documentação contemporânea. Mas o que seria a História Oral? Para Lucília de Almeida Neves Delgado (2010) a História Oral:

É um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre a História em suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais. Não é, portanto, um compartilhamento de história vivida, mas, sim, o registro de depoimentos sobre essa história vivida (DELGADO, 2010, p. 15)

Mesmo inseguros, decidimos nos aventurar nesta prática, procurando na mente possíveis pessoas que poderiam nos ceder seus depoimentos, por conhecerem os episódios que gostaríamos de historiar nesta pesquisa. A escolha dos sujeitos foi facilitada pelo fator de sermos moradores da comunidade do Coxá, sendo mais fácil selecionarmos nossos possíveis depoentes. Foram selecionados quatro sujeitos: o juazeirense que fixou a estátua no alto das pedreiras em 2012; o principal coordenador da construção do santuário; um antigo mineiro que trabalhou nas ações de exploração do cobre nas jazidas existentes em Coxá e a catequista da comunidade, que também é coordenadora da capela da padroeira do sítio e que conhece largamente as práticas religiosas locais. Assim, nosso critério de seleção girou em torno do fato de que cada um dos quatro sujeitos entrevistados teria informações específicas e necessárias para a construção de nossas diversas discussões, ou seja, cada um poderia repassar informações específicas sobre os temas debatidos, além do fato de todos se autoclassificarem como devotos do Padre Cícero.

Foram realizadas quatro entrevistas, sendo que desejávamos realizar mais duas, mas por dificuldades de conseguirmos oportunidade de colher o depoimento de dois sujeitos, decidimos ficar com os depoimentos que conseguimos. Consideramos os quatro depoentes suficiente para darmos conta de nosso recorte temporal, espacial e de nossas discussões. As entrevistas foram gravadas em formato mp3, via aplicativo de gravação de voz de um *smartphone*, e, posteriormente, foram transcritas em formato convencional, sem acrescentar ou retirar palavras, sendo corrigidos apenas a ortografia, correções que não interferiram no sentido das falas. Mesmo em meio a pandemia do novo Coronavírus (Covid-19), realizamos nossas entrevistas de forma presencial, visto que todos os depoentes estavam imunizados, assim como o entrevistador. Fatores como este, de saúde, também nos fizeram optar por não escolher realizar a prática com pessoas idosas. Todos os nossos depoentes possuíam entre 37 e 60 anos de idade e não apresentavam comorbidades.

Nossos depoentes foram escolhidos como peças-chave para nossas discussões, sendo que cada um deles nos narrou determinado fato que faz parte de nossa narrativa, por conhecerem bem os acontecimentos a relatar. Da mesma forma, todos foram interrogados a respeito das práticas de fé, da santidade de Padre Cícero e da sacralidade do Serrote do Diamante para que pudéssemos avaliar a presença de “representações coletivas”, fator constituinte da identidade cultural de uma dada localidade ou povo (BURKE, 2012, p. 147).

Sobre entrevistas, Verena Alberti (2004) afirma que estas “têm valor de documento, e sua interpretação tem a função de descobrir o que documentam” (ALBERTI, 2004, p. 19). Assim, constituímos nossos principais documentos, algo indispensável ao historiador, pela prática de recolher narrativas orais. “Damos fé” que este é o primeiro trabalho acadêmico que aborda a sacralização do Padre Cícero ocorrida no Serrote do Diamante.

Entendemos a fonte oral como documento porque conta memórias, narra trajetórias e imortaliza o que se colheu através do ouvido e contado. Para Jacques Le Goff o documento “é antes de mais nada o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio” (LE GOFF, 1990, p. 472). Assim, o depoimento oral como documento, relata histórias que existiram, mas que estavam silenciadas na memória pela falta de registros.

Sobre as causas desse silêncio, Alessandro Portelli (1997) destaca a importância da história oral para o rompimento deste ciclo, defendendo que “as fontes orais nos dão informações sobre o povo iletrado ou grupos sociais cuja história escrita é falha ou distorcida. E outro aspecto diz respeito ao conteúdo: a vida diária e a cultura material destas pessoas e grupos” (PORTELLI, 1997, p. 27). Em nosso caso, as entrevistas de história oral foram indispensáveis, visto que constituíram nossa documentação para descrever os rumos tomados pela cultura material e religiosa do sítio Coxá, no tocante aos aspectos por nós abordados.

Foram desenvolvidos três capítulos, com o auxílio das fontes orais, biografias de Padre Cícero e trabalhos acadêmicos como teses, dissertações, monografias e vários artigos. O conjunto de trabalhos lidos e dialogados em nossa monografia compreendem

estudos não só ligados à figura de Padre Cícero, mas também à cultura popular, religião, história oral, exemplos de canonizações populares e sacralizações espaciais. Assim, constituímos mais um trabalho que poder ser ligado à história das religiosidades, ou seja, dos diferentes modos de se vivenciar a religião. Como aponta Jacqueline Herman (1997, p. 493) “a história das religiosidades e/ou das crenças ganhou mais espaço que a história das religiões”, ou seja, práticas marginais, fora da ortodoxia da Igreja (em nosso caso, da Católica) constituem um universo de possibilidades para a análise dos contextos culturais e sociais de uma dada espacialidade.

No primeiro capítulo, buscamos as origens da sacralidade de Padre Cícero e tentamos explicar como essa sacralidade cresceu em Juazeiro do Norte, quando no lugar da beata Maria de Araújo, Cícero se tornou o protagonista do chamado “milagre da hóstia”, e como ela se expande, chegando até as mais distantes paragens dos sertões, como o sítio Coxá de Aurora. Nosso objetivo também é promover de forma mais simples e resumida o conhecimento da trajetória do sacerdote, visto que, em nossa análise cotidiana, muitos o adoram, mas sequer o conhecem mais detalhadamente. Nesta primeira parte, nossas fontes são completamente bibliográficas, uma vez que demos prioridade a conhecer o “santo”. Sua vida é uma história com várias versões e aqui, apresentamos e dialogamos com algumas as quais tivemos acesso.

No segundo capítulo, narramos a história do Serrote do Diamante, desde os tempos em que seus arredores eram locais de extração mineral. Temporalidade em que classificamos o Serrote como pertencente à esfera do espaço natural (em termos teóricos, diríamos profano); como também sua esfera sagrada, que se fundou a partir de dezembro de 2012, quando passou a ser ponto de oração e peregrinação em homenagem ao Padre Cícero. Nossas fontes para escrever esta parte da monografia foram principalmente as orais, pela exposição e problematização dos depoimentos acerca dos fatos que envolveram a transformação do espaço do Serrote em área de mineração e, posteriormente, em espaço de devoção. Além das fontes mencionadas, também buscamos fontes *online* que nos pudessem auxiliar na escrita do capítulo, como textos de *blogs* e páginas da *internet*, que abordaram a temática.

No terceiro e último capítulo, discutimos como as práticas de devoção popular conseguem sacralizar um determinado espaço. Usamos textos acadêmicos que contêm exemplos de outras espacializações popularmente construídas em outras paragens do Nordeste, para que pudessemos dialogar com o caso ocorrido no Coxá. Tentamos mostrar

também que a sacralidade presente no Serrote que abriga o santuário em honra ao Padre Cícero é resultado de uma identidade cultural enraizada nos costumes sertanejos quanto à manipulação do sagrado pela fé católica, práticas marginalizadas e não ortodoxas que, para o imaginário popular, também possuem relações com as bênçãos da religião cristã. Utilizamos as entrevistas de história oral como nossa fonte principal, porque são nelas que as práticas se encontram narradas, sendo objeto indispensável para a realização do diálogo com o arquivo bibliográfico à nossa disposição.

Buscamos a escrita de uma fonte bibliográfica que seja capaz de retirar uma história tão rica como esta do esquecimento, do silêncio. Esperamos que seja inspiração para a compreensão de que a História pode estar em nosso próprio quintal, basta olhar com atenção, com reflexão. A reflexão é a lupa do historiador.

CAPÍTULO I

PADRE CÍCERO: UMA TRAJETÓRIA ENTRE A RELIGIÃO E A POLÍTICA

*“Sou filho do Crato, é certo. Mas o Juazeiro é meu filho”*³

(Padre Cícero Romão Batista).

Quando iniciamos as leituras em preparação para a abordagem de nosso objeto de estudo, algo que não nos faltou foi a oportunidade de ler variados trabalhos acadêmicos e biográficos sobre o chamado Patriarca de Juazeiro. Porém, esta atividade nos cobrou exaustivas horas, dias, meses de leituras que, embora muito interessantes e fascinantes, se caracterizaram por sua vasta extensão informacional ou até mesmo por sua dificuldade de acesso, visto que algumas delas só puderam ser acessadas mediante investimento financeiro. A extensão das leituras sobre Padre Cícero, principalmente de autoria de seus biógrafos, nos chamou a atenção para uma questão: será que a maioria das pessoas que desejam conhecer um pouco mais sobre o referido padre têm tempo e acesso aos volumosos trabalhos?

Pensando nesta questão, decidimos escrever o primeiro capítulo desta monografia realizando um resumo da trajetória do padre, desde sua infância até sua morte, em 1934, dialogando com as extensas fontes por nós utilizadas. Desta forma, procuramos levar de modo mais simplificado as principais informações sobre a ambígua vida de Cícero entre o sacerdócio e seu papel político-social. Em outras palavras, nosso objetivo é que o leitor adquira algum conhecimento sobre este personagem tão plural, realizando uma leitura mais rápida e simplificada, mas sempre com o foco voltado para a nossa problemática de pesquisa em torno do santuário construído em devoção ao Padre Cícero no sítio Coxá, em Aurora, Ceará.

Além do último objetivo esboçado, neste capítulo, procuramos verificar o surgimento e desenvolvimento da sacralidade espacial e da pessoa do sacerdote ao longo de sua vida. Analisamos como essa hagiografia em torno de Cícero e de Juazeiro começou a ser gestada, apontando exemplos da materialidade espacial sagrada sempre que possível e de que forma essa sacralidade se expandiu a ponto de transformar o remoto povoado

³ LIRA NETO, 2009, p. 330.

em uma grande cidade. É essa hagiografia do sacerdote e a caracterização de Juazeiro como “terra santa” que vai se difundir pelos sertões, transformando as regiões ao redor do Cariri cearense e fazendo com que surjam espaços considerados sagrados, oriundos das práticas de devoção popular, como o local do nosso campo de estudo, espaços que, após muitas décadas da ocorrência dos fenômenos que transformaram Juazeiro, continuam a surgir.

1.1 Sacerdócio: objetivo maior de Cícero

Natural de Crato, no sul do Ceará, Cícero Romão Batista nasceu em 24 de março de 1844, filho de Joaquim Romão Batista, um pequeno comerciante da cidade, e de Joaquina Vicência Romana, mais conhecida como “Quinô”. Além dele, havia no núcleo familiar mais duas irmãs: Maria Angélica Batista e Angélica Romana. Cícero era o primogênito e único filho homem desta família que tinha algumas posses (BRAGA, 2007, p. 24).

Segundo seus biógrafos, o jovem Cícero era atraído por conhecimentos – um dos elementos que utilizam para construir as narrativas da vida do padre. Independente da base documental dessa e de outras informações a seguir e, conseqüentemente, da veracidade dessas narrativas, o que nos interessa é entendermos como essa vida foi sendo biografada no sentido de construir uma história de vida em semelhança à vida dos santos católicos: marcada por episódios espirituais e com sentido que ligaria a formação religiosa às ações de um homem santo. Essa hagiografia do Padre Cícero está na base das narrativas orais que, daí em diante, sobre ele se fundamentam.

Nesse sentido, enquanto seu pai era vivo, Cícero frequentou boas escolas no Crato, como o colégio dirigido por João Marrocos. Costumava se reunir em rodas de conversas com homens mais velhos, os quais discutiam temáticas como política, religiosidade, notícias e histórias cotidianas, o que mostraria o interesse de Cícero pelas leituras de livros e de mundo (BARROS, 1988, p. 107). Com sua aspiração, durante a adolescência obteve uma boa oportunidade educacional:

O grande passo ocorreu quando ele tinha por volta dos 17 anos de idade quando saíra do Crato para a cidade de Cajazeiras na vizinha Paraíba, onde passou a fazer parte do corpo discente do prestigiado colégio do

padre Inácio de Souza Rolim, que com grande capacidade intelectual se recusou a ser professor no Rio de Janeiro para continuar sua missão de letramento no sertão, o que acabou por propiciar a o surgimento e crescimento da cidade referida, Cajazeiras, no vale do Rio do Peixe, situada a 120 quilômetros de Crato (LIRA NETO, 2009, p. 30).

Ao completar 18 anos de idade, uma reviravolta tremenda viria a desestabilizar os objetivos do jovem aspirante ao sacerdócio. Em 1862 a epidemia da cólera ceifaria cerca de 1100 vidas no município de Crato e neste número constava a morte de Joaquim Romão Batista, pai de Cícero. O fato fizera sua família mergulhar em um dos períodos mais complicados de suas vidas, pois o que lhes restou foram poucos pertences e muitas dívidas e, assim, o sonho dos estudos e do sacerdócio pareciam ter chegado ao fim em meio àqueles tempos tenebrosos.

Tudo estaria perdido se não fosse a relação de amizade entre a família de Cícero e um bem-sucedido coronel do Crato, chamado Antônio Luiz Alves Pequeno, o qual tinha o jovem como seu afilhado de crisma e que se oferece para custear seus estudos no colégio cajazeirense. Não somente nesta fase, mas até mesmo em sua futura ordenação no Seminário da Prainha, onde conseguiu ingressar em 1865, quando tinha 21 anos, foi decisiva a interferência do referido coronel nas conquistas alcançadas por seu afilhado (BARROS, 1988, p. 110).



Imagem 3: Fotografia de Cícero (à direita) com um colega de Seminário (sem data). **Fonte:** LIRA NETO, 2009, p. 39.

Segundo Luitgarde Oliveira C. Barros, o tempo em que Cícero passou no seminário é um tanto desconhecido pela falta de informações documentais (BARROS,

1988, p. 110). Alguns pesquisadores como Lira Neto (2009) e Braga (2007) descrevem essa fase como conturbada, visto que Cícero teve dificuldade de se encaixar no ensino rígido, que procurava conter as formas marginalizadas de exercício do catolicismo. Mas, por decisão de Dom Luiz, que era amigo próximo do coronel Antônio Pequeno, a ordenação acabou sendo concedida em 30 de novembro do ano de 1870, aos 26 anos de idade (BRAGA, 2007, p. 27).

No final do ano de 1871, o padre foi convidado para celebrar uma missa de natal na capelinha de um povoado, um distrito de nome Juazeiro, que pertencia ao município do Crato e se localizava a 13 quilômetros de sua sede. O padre não se opôs a ideia e logo atendeu ao pedido. No ano seguinte, o padre optou por permanecer celebrando missas no povoado e assim passou a atrair a confiança e o respeito dos moradores do lugar, que até então seria considerado um antro de bebedeiras e vícios. Em setembro de 1872, Dom Luiz o ordenou capelão oficial da igreja do distrito de Juazeiro (LIRA NETO, 2009, p. 51).

Quando chegou ao distrito para celebrar missas e sem a intensão de ficar, Cícero foi abrigado numa sala de aula da escolinha que havia no lugarejo, perto da capelinha de Nossa Senhora das Dores. Foi nesta sala de aula que algo diferente do habitual aconteceu e mudou os planos do jovem sacerdote. Certa noite, cansado dos afazeres do dia que se passara, o padre se deitou em sua rede na referida sala da escola e em seguida teve o que os relatos classificam como um sonho:

[...] treze homens em vestes bíblicas entraram na escola e sentaram-se em volta da mesa do professor, numa disposição que lembrava o quadro “A última ceia”, de Leonardo da Vinci. O padre sonhou, então, que se acordava e se levantava para espiar os visitantes sagrados, sem que estes o vissem. Nesse momento, os doze apóstolos viraram-se para olhar o Mestre. De acordo com o relato desse sonho, Cristo apareceu na escola tal como no retrato litúrgico popular do século XIX, que se encontrava em quase todos os lares piedosos da época (DELLA CAVA, 2014, p. 56).

O sonho do padre é classificado também como visão, já que no sonho ele lembra que estava dormindo e se acordava para ver os visitantes. Esse tipo de acontecimento não acontecia pela primeira vez, após a morte de seu pai Joaquim Romão, pela cólera, Cícero havia sonhado com o mesmo aconselhando-o a não desistir do caminho sacerdotal. Este sonho foi fator de convencimento para seu padrinho o ajudar financeiramente na

empreitada de formação. No sonho da sala de aula, segundo Della Cava (2014, p. 57) o Cristo presente na visão de Cícero:

Prometeu fazer um último esforço “para salvar o mundo”, mas, caso os homens não se arrependessem depressa, poria fim ao mundo que Ele mesmo havia criado. Naquele momento, apontou para os pobres e, voltando-se de repente para o jovem sacerdote estarecido, ordenou: “E você, padre Cícero, tome conta deles”

Esses sonhos podem ser vistos, principalmente nas narrativas populares, como mais um dos elementos que constituíam o início da santificação atrelada ao padre, o que constrói sua hagiografia em fenômenos futuros, ou seja, sua vida e suas ações vislumbradas como as de um santo, que nas narrativas costumam ser tratados como algo fora dos padrões normais. Mas, segundo Luitgarde Barros, não há nos escritos do padre qualquer menção à posse de dons por parte deste:

Além do relato de sonhos, muito da preocupação desse padre não aparece em suas correspondências, nas reflexões que escreve nos pés das páginas dos livros, qualquer referência a dons extraordinários, que ele declare possuir ou ter possuído na adolescência (BARROS, 1988, p. 112).

Existem, efetivamente, narrativas muito comuns na tradição oral sertaneja, exaltadas através de fatores como a literatura de cordel ou a poesia popular, que constroem uma cultura permeada por aspectos ligados ao sobrenatural. Outros boatos sobre dons diversos do padre foram posteriormente espalhados, como sua capacidade de ler os letreiros de navios ancorados a grandes distâncias, ou sua façanha de permanecer mergulhado embaixo d’água por longos períodos de tempo. Mas, isso não viria a passar de histórias ligadas à fertilidade da mente humana e sua tradição oral, não cabendo assim nem os sonhos nem os boatos sobre suas astúcias no campo da anormalidade, sendo mais um fator ligado à construção de sua futura narrativa hagiográfica (BARROS, 1988, p. 113).

O reverendo era considerado um homem zeloso para com seus “filhos” e auxiliava na medida do possível na resolução de problemas. O maior exemplo teria ocorrido durante

a seca que devastou o antigo Norte, atual Nordeste, brasileiro, entre os anos de 1877 e 1879, provocando uma série de tragédias como mortes e doenças causadas pela fome e a miséria que arrasava as províncias. Nesse tempo, uma série de promessas e votos de fé eram feitos pelos religiosos para que a desgraça chegasse ao fim, onde ocorriam atos com orações e até penitências e vigílias para que a estiagem chegasse ao fim. Segundo Ralph Della Cava, foi justamente nesse período que a influência do padre Cícero começou a se espalhar pelos arredores do povoado de Juazeiro, assim como suas missões religiosas também (DELLA CAVA, 2014, p. 78).

Com a seca, muitos foram os que se refugiaram em Juazeiro em busca do apoio do sacerdote, já na época muito conhecido pela bondade e pela assistência prestada. As dificuldades foram extremas, mas com sua habilidade de contornar as controvérsias do bioma, teria conseguido exercer alguma influência na resolução do problema. Dividiu com eles o pouco que tinha e celebrou orações que serviriam como conforto em meio ao desengano implantado na mentalidade dos sertanejos por aquele fenômeno climático extremo.

Com o auxílio prestado pelo sacerdote, conforme Barros, rapidamente o Juazeiro viu sua demografia se expandir. Os que chegaram não tinham outras alternativas e, assim, o padre mais uma vez decidiu buscar uma forma de resolver a questão. Isso, quando em 1880, a seca cessou, dando lugar a um bom inverno, o que proporcionou o planejamento de ações que amenizassem o caos e que preparassem os sertanejos desabrigados para possíveis novas secas, visto que era esse um fenômeno comum na caatinga nordestina:

Tomando a iniciativa de ocupar as terras devolutas o Padre espalhou os retirantes pela Chapada do Araripe, empregou-os nas fazendas dos abastados, iniciou um planejamento econômico que afastasse para sempre a ameaça da fome, incentivando o plantio da mandioca em larga escala, e principalmente a diversidade de culturas. O juazeiro tomou um novo impulso (BARROS, 1988, p. 138).

Por ser um provedor de muitas ideias para driblar a escassez, alguns já viam o padre com um olhar diferente. Assim, podia-se já imaginar suas habilidades em execução de planos de ajuda aos mais sofridos como uma providência divina, já proporcionando um teor, digamos, de veneração e respeito em torno do sacerdote. Mas o que havia era

um homem possuidor de muito entendimento sobre preceitos ecológicos para driblar adversidades como as secas periódicas:

[...] ainda quando quase ninguém falava em Ecologia no mundo (das relações entre o homem e a natureza e suas interligações no agro ecossistema), ele já apresentava um discurso simples e entendido por muitos, que delimitava então premissas de utilização dos recursos naturais do Sertão do Nordeste Brasileiro (ARAUJO, 2005, *apud* FERREIRA, 2014, p. 3).

Vale lembrar que o sacerdote muito se inspirou no Mestre Ibiapina⁴ que, décadas antes, construía diversas obras para preencher as faltas institucionais driblando as secas e os flagelos da vida, em regime de mutirão, voluntário. Esses preceitos ecológicos serão utilizados por Cícero para a resolução de problemas em Juazeiro e redondezas, mostrando a imagem de um homem que entedia a aplicação de práticas ecológicas para amenizar as dificuldades cotidianas, cabendo essas ações no campo ordinário das coisas, mas que maravilhavam os que por ele eram assistidos e que o enxergavam como um homem de providências divinas para sanar os males sertanejos.

Cícero era mais um sacerdote que foi influenciado pelas ações de Ibiapina que, tempos antes, próximo a Juazeiro, em Barbalha, construía uma casa de caridade e um açude. Assim, é entendível que sacerdotes sertanejos tocados por essas virtudes queiram copiá-las quando de seu exercício eclesiástico (BARROS, 1988, p. 102).

Em meio a essa prestação de serviços em prol dos despossuídos, o padre também solicitava destes a sua ajuda. Um exemplo seria a transformação da pequena capelinha de Nossa Senhora das Dores, da qual Cícero aceitou ser capelão, em uma obra estruturalmente muito maior, tudo elaborado com ajuda de voluntários, romeiros por ele assistidos:

Cícero lançava o mesmo chamamento a cada homem e a cada mulher que vinham lhe pedir conselhos e orações: era chegada a hora de dar uma virtuosa prova de fé, erguendo com as próprias mãos uma grande

⁴ Foi político, advogado e juiz. Padre ordenado em Olinda (sem passar pelo seminário), larga a carreira pública/profissional para dedicar-se à pregação nos sertões, construindo obras públicas junto aos muitos seguidores que o acompanhavam. Missionário e pregador do catolicismo como forma de diminuição das mazelas sociais, unia o trabalho e a fé como requisitos de ser cristão (BARROS, 1988, p. 100).

morada para abrigar a imagem de Nossa Senhora das Dores, a Mater Dolorosa, a virgem Mãe de Deus. Nenhum “amiguinho” cogitava negar um pedido ao padre de olhos azuis que lhes falava das coisas do Céu, bania malfeitores e lhes passara a ensinar o Evangelho. Feita a convocação, eles seguiam em direção ao mato, a fim de derrubar árvores e trazer a madeira necessária para os andaimes, caibros, ripas e portais da construção (LIRA NETO, 2009, p. 54).

Essa reciprocidade entre o padre e o povo carente que o ajudou na ereção da nova capela mostra como a força da fé também materializava novos espaços sagrados. No caso citado, seria o pagamento de uma promessa, pelo fim da seca de 1877, em que o padre prometeu que, se caísse chuva no desolado sertão, ergueria uma nova casa para a padroeira do povoado. Até hoje, essa referida capela, atualmente paróquia principal, continua ser destino de visitação e oração pelos devotos que chegam ao Juazeiro, principalmente aos dias vinte, sendo um exemplo de como a fé dos praticantes é capaz de transformar espaços, espacialidades que para os devotos representam a presença e a proteção de Deus e dos santos.

Em 1889, quando Cícero já estava há 18 anos residindo no povoado, mais uma vez o caos da sequeidão se instaurou em Juazeiro. Por intermédio do sacerdote, novamente, praticaram-se as tradições católicas da oração, da realização de promessas e de ficar noites em claro em vigília na igreja, suplicando a Deus e aos santos pelo fim do fenômeno que costumava ser tomado como castigo divino pelas atitudes errôneas dos pecadores da terra. E numa dessas noites de vigília, um fenômeno ocorrido iria mudar de vez a vida do já admirado sacerdote, iniciando a gestação de sua hagiografia e inserindo Juazeiro numa perspectiva de local sagrado.

1.2 O “milagre” de 1889: o divisor de águas

Como acabamos de refletir, o sacerdócio foi uma das bases que, retrospectivamente, pela leitura dos biógrafos, dar-se-á a sacralização dos sertões decorrentes da atuação religiosa de Cícero Romão Batista, do qual Juazeiro emergiu como primeiro espaço sagrado. Ao mesmo tempo, a narrativa de vida do Padre Cícero elaborada por esses biógrafos apresenta o desenrolar dos fatos a partir de um eixo espiritual, constituindo-se em uma hagiografia, isto é, a narrativa da vida de um homem santo.

É nesta perspectiva que, nessa história, entra em cena uma figura ilustre, a beata Maria Madalena do Espírito Santo de Araújo (1863-1914), mais conhecida como Maria de Araújo, uma mulher de baixa estatura que, na época dos “acontecimentos extraordinários”, contava com a idade de mais ou menos 25 anos. Negra e de origem humilde, frequentava as missas e se confessava com o padre Cícero. Pelas mãos dele, ela recebeu o manto de beata (BRAGA, 2007, p. 166).

Essa humilde católica foi “protagonista” de um fenômeno que é conhecido como o “milagre” de Juazeiro. Em uma noite de vigília e orações pelo fim da estiagem, durante a quaresma de 1889, a hóstia posta em sua boca pelo capelão Cícero teria se transformado em sangue:

No dia 1º de março de 1889, Maria de Araújo era uma das várias devotas que se encontravam na capela de Juazeiro para assistir à missa e acompanhar os rituais que se celebravam, todas as sextas-feiras do mês, em honra ao Sagrado Coração de Jesus. Foi uma das primeiras a receber a comunhão. De repente, caiu por terra e a imaculada hóstia branca que acabava de receber tingiu-se de sangue. O fato extraordinário repetiu-se todas as quartas e sextas-feiras da Quaresma, durante dois meses; do domingo da Paixão até o dia da Ascensão do senhor, por 47 dias, voltou a ocorrer todos os dias (DELLA CAVA, 2014, p. 84).

Acontecia ali, o fenômeno que foi responsável por uma mudança significativa na vida de Padre Cícero e do humilde povoado. Para aquela gente, naquela manhã, quase madrugada ainda, houve o derramamento do verdadeiro sangue de Cristo. As notícias se espalhavam e levavam aos lugares em que chegavam à informação de que o padre e a beata haviam protagonizado um admirável milagre, jamais visto naquela isolada região do Cariri cearense.

Após meses de repetição do fenômeno da transformação da hóstia, Juazeiro passou a ser atrativo para romarias. Sob a liderança de Monsenhor Francisco Rodrigues Monteiro, então reitor do seminário do Crato, uma multidão de pelo menos 3 mil pessoas saiu em procissão até o povoado. Mons. Monteiro ficou conhecido como sendo o principal motivador das peregrinações até Juazeiro, sendo a primeira justamente no período em que a Igreja celebra o culto ao Precioso Sangue de Jesus: o mês de julho (NOBRE, 2010, p. 25).

Ainda segundo Edianne Nobre, é esse culto ao “Precioso Sangue”, o qual se acreditava estar derramado em Juazeiro pelos “milagres” acontecidos através de Maria de Araújo, que vai fundamentar a sacralidade de Juazeiro. Separava-se, então, o sagrado de seu aspecto profano inicial, onde antes era uma vila de encruzilhada que ligava os diversos povoados ao Crato, principalmente por aspectos comerciais. Tornava-se território que, segundo as crenças dos populares e apologistas da sacralidade da transformação, seria o lugar da salvação, da purgação dos pecados, fundado na semelhança com os eventos bíblicos da Paixão de Cristo:

O sangramento da hóstia na boca de Maria de Araújo é a hierofania que fundou Juazeiro como espaço sagrado. Por sua vez, essa hierofania que se manifesta na igreja de Juazeiro pretende claramente reproduzir o evento da Paixão de Cristo

[...]

É, portanto, a hierofania – a manifestação do sagrado – da Paixão que irá provocar uma rotura no espaço profano que era Juazeiro, inaugurando ali, um espaço sagrado, um centro de sacralidade (NOBRE, 2010, p. 55)

Temos, então, a fundação de um espaço sagrado, o primeiro deles, dos muitos que irão surgir pela fé dos praticantes, primeiramente no “Precioso Sangue” e depois no próprio padre Cícero, como veremos mais a diante. São essas práticas e experiências de fé como as romarias, as orações, a materialização em objetos de devoção e a crença no acontecimento interpretado como extraordinário que irão fundar uma sacralidade por meio de apologias à santidade do fato, do Juazeiro e do próprio sacerdote. Mas essa apologia popular, no sentido da crença da população, não significou uma mesma reação positiva por parte da Igreja oficial.

A fé de Cícero no chamado “milagre” não agradou ao bispado, principalmente pelo fato do sacerdote ter omitido o ocorrido por meses, pois somente em novembro de 1889, oito meses após o ocorrido, que a notícia chegou aos ouvidos de Dom Joaquim, na época bispo do Ceará, no palácio episcopal de Fortaleza (DELLA CAVA, 2014, p. 86). A omissão de Cícero sobre os fatos reacendeu uma velha desconfiança que os superiores ortodoxos tinham em relação a ele, que era a falta de lealdade (principalmente no tocante

à “dar satisfações”) ao clero, quem deveria saber de todos os fatos ocorridos nas paróquias e capelas sob responsabilidade dos padres.

Pelas proporções que estava tomando o ocorrido, Cícero resolveu reunir testemunhas para o acompanhamento do fenômeno extraordinário, em que um deles foi o médico Marcos Madeira, que residia em Crato. Ao abrir a boca, a beata permitia que todos vissem a pasta sanguinolenta que trazia sobre a língua, provocando a admiração que o fato sempre proporcionava aos presentes. Madeira procurou explicação racional para a presença de sangue na boca da religiosa, mas assegurou que o que realmente saía da boca da beata naquele dia em que fora testemunha era sangue (LIRA NETO, 2009, p. 86).

Além do doutor Madeira, um segundo sujeito conhecedor da medicina foi chamado pelo padre para ser testemunha da transformação: era o farmacêutico e tenente-coronel Joaquim Secundo Chaves, como afirma Lira Neto (2009, p. 87):

O mais surpreendente, constatou o doutor Secundo, era que a beata sangrava dos pés à cabeça. Conforme o atestado que o farmacêutico registraria em cartório poucas horas depois, era como se as chagas do Cristo crucificado se reproduzissem em Maria de Araújo, nos exatos lugares do corpo e com idêntica brutalidade.

Testemunhos como este reforçaram ainda mais a crença popular nos supostos milagres de Juazeiro, desfecho que só desagradava cada vez mais o bispo diocesano, absolutamente contrário e que classificava os fenômenos como meros fanatismos e desvios do verdadeiro caminho da fé católica. Atestados, como os dos dois conhecedores da medicina aqui citados, reforçavam a veracidade do milagre da hóstia. A partir disso via-se não somente as classes pobres, mas também importantes figuras da sociedade circunvizinhança que tinham sua atenção chamada pelos relatos sobre o povoado, cujas informações circulavam com maior intensidade a cada dia.

O bispo, vendo que crescia a comoção popular e não adiantando os alertas sobre cautela acerca do assunto que dera pessoalmente ao Padre Cícero, quando de sua viagem até Fortaleza, não viu outra alternativa para a questão se não decretar rigorosa investigação por meio de membros respeitáveis no meio católico ortodoxo:

Em todo o primeiro inquérito foram feitas uma série de experiências que buscavam testar a sobrenaturalidade dos fenômenos. Destacam-se três grupos de experiências: 1) observação da transformação da hóstia

na boca da beata; 2) observação das crucificações e estigmas no corpo de Maria de Araújo; 3) exame dos panos manchados de sangue, ou que continham pedaços de carne ou de partículas sagradas que não tinham se transformado totalmente (NOBRE, 2010, p. 76).

Segundo relatórios produzidos pelos dois comissários, não houve indícios de que o sangramento fosse causado por alguma enfermidade, atestando, por meio das análises médicas, que não seria possível uma explicação racional e científica para tal fenômeno. Afirmando, também, que não se trataria de uma atitude ligada a histerismo da beata, pois esta não apresentou aversão aos procedimentos, nervosismo ou comportamentos de natureza rebelde, ou seja, não seria capaz de praticar embuste (NOBRE, 2010, p. 78).

Foi esse relatório que deixou Dom Joaquim extremamente desapontado, visto que seu objetivo era desmascarar um teatro de blasfêmias contra a ordem católica. Era um momento crítico para a Igreja no Brasil, que acabara de entrar no regime republicano, tendo assim a adoção da laicização do Estado. Não estando mais o catolicismo presente nas tomadas de decisão, nem como religião oficial brasileira. Dom Joaquim não hesitou em classificar o chamado “milagre” como farsa:

Daí veio a posição da Igreja: não era, nem poderia ser, um milagre os acontecimentos com a beata Maria de Araújo. Acreditar no propalado prodígio seria admitir uma “Segunda Redenção”, fenômeno insustentável em termos de teologia católica (RAMOS, 2014, p. 36).

Insatisfeito, o bispo ordenou que fosse realizada uma segunda investigação. Sesta vez com condutores de sua confiança e que, possivelmente, tinham a mesma visão do sangramento da hóstia como farsa. Ea o padre Alexandrino, que realizou a experiência do seguinte modo:

O método era semelhante ao utilizado no primeiro inquérito, com o diferencial de neste, a beata (que não ficou extática em nenhuma das experiências) deveria permanecer com a boca aberta durante todo o procedimento. Durante a primeira experiência, após ficar com a hóstia em sua língua e com a boca aberta durante 16 minutos, não foi observado “sinal de sangue, nem também mudança alguma na sagrada forma.” Da segunda vez, a beata permaneceu com a boca aberta durante 20 minutos e novamente não houve sangramento. No terceiro dia, o tempo diminuiu para 15 minutos e não havendo nenhuma alteração na hóstia pediram para que ela a consumisse [...] (NOBRE, 2010, p. 98).

A comissão de abril de 1892, em seu parecer, negou a existência de milagres, pois, em várias ocasiões do interrogatório e comunhão, a hóstia não havia se transformado em sangue. As providências do Palácio Episcopal foram imediatas: Padre Cícero foi proibido de pregar, confessar, dar conselho aos fiéis e celebrar missa em Juazeiro (RAMOS, 2014, p. 37). Eram as consequências de uma interpretação que não via Maria de Araújo, pobre, negra e analfabeta como possível mentora de um embuste, mas sim sujeitos como padre Cícero e José Marrocos, grande defensor da causa do “Precioso Sangue”.

O bispo tentava, de qualquer forma, eliminar a fé popular, a qual considerava fanatismo. Sentiu-se Dom Joaquim com sua autoridade questionada, negada pelo fiéis (DELLA CAVA, 2014, p. 113). O diocesano tentava limitar a influência do sacerdote, já considerado “enviado de Deus” pela fé local, mas nada surtia efeito, pois Juazeiro continuava a receber várias romarias e a crescer em território urbano e contingente populacional, alterando as configurações da paisagem humanizada do vilarejo. O padre outrora humilde, agigantava-se diante seus romeiros.

Crescia Juazeiro, sua economia e população. O distrito, que antes era uma pequena vila pertencente ao Crato, tornava-se uma cidade com já aquecida atividade comercial, possuindo bares, mercearias, lojas de armarinhos, armazéns, lojas de miudezas além de uma animada feira na praça principal aos domingos (DELLA CAVA, 2014, p. 166). Assim, o lugarejo iria se tornando caracteristicamente urbano, onde essas atividades comerciais profanas se misturavam com a materialização do sagrado. Ainda segundo Della Cava:

Ao mesmo tempo, o influxo constante de “turistas-romeiros” (aqueles que regressavam para suas casas após uma breve visita) estimulou a manufatura de fogos de artifício – que eram queimados, segundo a tradição, pelo romeiro logo ao entrar em Juazeiro – e, ainda, a de artigos religiosos e de recordações: imagens de madeira e de barro da Virgem, dos santos, e acima de tudo, de padre Cícero; crucifixos de medalha de latão, prata e ouro; rosários, escapulários e “santinhos”, toda uma gama de bugigangas que encontravam mercado com facilidade através de todo o Nordeste (DELLA CAVA, 2014, p. 167).

Assim, vemos não só uma intensificação de uma atividade comercial, mas igualmente a materialidade que a fé dos romeiros começava a exercer na cultura local, se espalhando pelo interior da atual região Nordeste. É essa cultura material que irá se alojar nos vários locais sacralizados pelos romeiros em homenagem ao padre Cícero, como na capela no alto do Serrote do Diamante, como veremos mais adiante. Esses objetos, são

formas de os romeiros encontrarem o sagrado presente em Juazeiro e com eles levarem um pouco dessa sacralidade para suas casas, constituindo assim um comércio religioso, que mistura o sagrado e o profano e que resiste até os dias atuais.

Esses artigos religiosos foram, para a diocese do Ceará, uma verdadeira blasfêmia, visto que sua fabricação denunciava o tratamento de santo que os fiéis e romeiros davam ao Padre Cícero e, antes, a Maria de Araújo. Antes do desaparecimento da beata das tramas, medalhinhas com sua efígie e a de Cícero foram feitas, comércio que foi tido como traficância e especulação (LIRA NETO, 2009, p. 190).

Nos anos seguintes à realização dos inquéritos, seria o padre Cícero mais exaltado pelas multidões que não cessavam de chegar em Juazeiro. Atualmente, podemos ver as dimensões desse esquecimento de Maria de Araújo na Capela do Socorro, onde se encontra sepultado o padre Cícero em um “suntuoso” túmulo aos pés do altar, recebendo como de costume visitas, orações, pessoas tirando fotografias, enfim, admiração.

Enquanto isso, a beata, que faleceu aos 50 anos, em 17 de janeiro de 1914, também foi sepultada na mesma capela e teve seu túmulo violado em 1930, por ordem da Igreja, para que não corresse o risco de atrair romarias e novas venerações à sua imagem de santa (LIRA NETO, 2009, p. 484). Atualmente, o que há é apenas uma modesta foto no local onde um dia fora sua sepultura (Imagem 4). Foto que, além de muito pequena, se encontra “escondida” por trás da porta que dá acesso à capela e que, quando aberta, muitos nem sequer a veem, caso não prestem atenção.



Imagem 4: Fotografia da beata Maria de Araújo, onde se localizava seu túmulo, na Capela do Socorro. Acervo pessoal, 2021.



Imagem 5: Túmulo do Padre Cícero no altar da Capela do Socorro. Acervo pessoal, 2021.

Segundo Edianne Nobre (2010, p. 21), a diocese sempre teve o objetivo de tirar de cena as beatas (e principalmente Maria de Araújo)⁵ e suas convicções de que possuíam contato com o sobrenatural, fazendo que caíssem em esquecimento naquela conjuntura católica que, além de muito romanizada, era extremamente patriarcal. O apagão de informações sobre essas mulheres, principalmente sobre Maria de Araújo, é notável também ao visitarmos Juazeiro.

Exigia a diocese, que padre Cícero negasse publicamente a ocorrência de milagres referente às transformações das hóstias. Porém, ele alegava que não podia negar o que presenciou por várias vezes. Não atendendo ao bispo, Cícero sofreu severas penas, as quais lhe acompanhariam pelo resto de sua vida, em que primeiramente:

Em 5 de agosto de 1892, d. Joaquim baixou severas penalidades, as mais dramáticas até então estipuladas: suspendeu padre Cícero, privando-o de pregar, confessar e orientar fiéis. Deixou-lhe apenas a faculdade de celebrar missa (DELLA CAVA, 2014, p. 121).

⁵ Segundo Edianne de Souza Nobre (2010), mesmo que seja o padre Cícero o santo popularmente construído no imaginário e nas práticas dos romeiros e devotos, foram as participações femininas que fundaram a sacralidade de Juazeiro, visto que o “derramamento do sangue de Cristo” pela comunhão de Maria de Araújo era só mais um exemplo de fenômeno sobrenatural que era manifestado em Juazeiro do fim do século XIX, em que várias beatas relatavam suas experiências extraordinárias.

Enquanto aumentava o prestígio do padre na concepção de seus fiéis, tentaria o bispo de todas as maneiras inibir as dimensões que tomava o caso. Publicou cartas pastorais em que condenava os supostos milagres e orientava os católicos a não se desviar dos dogmas oficiais. Mas tudo era em vão, mesmo com a decisão desfavorável a Juazeiro por parte do Vaticano em 1894, que proibia os cultos, ordenava que Maria de Araújo saísse de Juazeiro e que punia exemplarmente padre Cícero e seus apoiadores (LIRA NETO, 2009, p. 193). Não adiantou, o fluxo de romarias para a nova “Terra Prometida” não parava de crescer.

A diocese sentiu seu poder hierárquico ser posto em dúvida mais uma vez quando, ao invés de apelar para o bispo, e com a ajuda de seus apoiadores abastados, como o então presidente de Pernambuco, Padre Cícero viajou para apelar pessoalmente em Roma pela restituição de suas ordens sacerdotais. Assim, em fevereiro de 1898, ele embarcou do porto de Recife em direção à Europa, na esperança de conseguir seus direitos (RAMOS, 2014, p. 58).

O Santo Ofício expediu sua decisão a respeito do caso e, como afirma Lira Neto (2009, p. 261), padre Cícero:

Estava absolvido, desde que não se desviasse do caminho rigorosamente traçado linha a linha daquele último decreto. Em suma, não podia nunca mais falar ou escrever sobre os supostos milagres em Juazeiro, mantendo um silêncio obsequioso sobre o caso pelo resto da vida. Só poderia exercer plenitude dos sacramentos dali por diante sob licença expressa do Santo Ofício. E, se possível, como lhe ordenaram, deveria ir para outra diocese.

O padre tentou preservar o contato com os romeiros, mesmo sob as observações de Roma. Tentava colocar as peregrinações dentro das ordens canônicas, defendendo que o culto exercido ali seria em honra de Nossa Senhora das Dores, numa tentativa de provocar um silenciamento em torno das adorações ao sangue derramado, fato que, como vimos, foi a causa de todo o conflito e de suas suspensões. Assim, segundo Régis Lopes Ramos:

Em 1898, quando o Padre Cícero voltou de Roma, os ânimos de Juazeiro em torno do sangue derramado começaram a dar sinais de arrefecimento. Iniciou-se uma ambígua transformação nos rituais dos peregrinos e dos devotos que moravam (ou iam morar) em Juazeiro. Enquanto Padre Cícero continuou a ter um maior número de devotos,

as crenças em torno das beatas começaram a ficar em segundo plano (RAMOS, 2014, p. 59).

Iniciava-se o silenciamento das beatas, de Maria de Araújo, principalmente. Pensava o Clero Oficial que seria ali o fim de uma árdua peleja contra os classificados fanatismo de Juazeiro. Mas, na verdade, o protagonismo do padre suspenso só estava no início, ele fazia não só da religião sua experiência de vida, mas também a política, como veremos a seguir.

1.3 Padre Cícero: político, latifundiário... coronel?

Continuavam as massas populacionais a procurar o vale do Cariri cearense por questão já bem conhecida: a falta de oportunidades, a miséria e as secas que assolavam a grande maioria da população sertaneja que, assim, recorria ao sacerdote para pedir-lhe não só a bênção, mas também apoio material, cuidados de saúde, entre outros. Outro aspecto que gerava crescimento na localidade era o de não somente as massas desfavorecidas procurarem o sacerdote, mas sim de todas as classes da sociedade, como fazendeiros, chefes políticos, funcionários públicos, comerciantes, médicos, advogados e educadores e, claro, muitos irem “passear” e lá decidirem fixar residência (DELLA CAVA, 2014, p. 157).

Nem mesmo as decisões do Santo Ofício, nem a classificação de fanatismo por parte da diocese do Ceará, fez com que a atração despertada por Juazeiro nos sertanejos fosse suspensa. Ao contrário do que esperava a ortodoxia católica, o antes isolado e remoto povoado estava a cada dia ganhando feitura de cidade, evidenciado seu crescimento populacional e econômico.

No tocante à política, era o início do sistema republicano, o qual funcionava através de práticas de reciprocidade entre os maiores da política brasileira, chefes locais de províncias e os regionais, que eram oligarcas. O presidente permitia que os interesses dos chefes locais fossem alcançados em troca de seu apoio para angariação de aliados políticos para as diretrizes nacionais, sistema que era chamado de “política dos governadores” (DELLA CAVA, 2014, p. 169).

Foi nesse sistema político que surgiu na população do antes pequeno povoado, o desejo de se emancipar do Crato, uma vez que seu crescimento em relação a outros municípios já independentes era notável:

O Juazeiro, embora continuasse sendo um distrito do Crato, já era maior que muitas cidades do sertão cearense. Sozinho, ultrapassava em número de habitantes os municípios caririenses de Aurora, Araripe e Brejo Santo reunidos. O centro urbano possuía 18 ruas alinhadas e mais quatro travessas, abrigando ao todo 15 mil moradores fixos. Se incluídos os arredores, o número subiria para 25 mil habitantes (LIRA NETO, 2009, p. 288).

O desenvolvimento era inegável e, segundo denunciava ao bispo o padre Quintino, nomeado vigário de Crato, o padre estava rico, pois não cessavam de chegar romeiros todos os dias, vindo das mais distantes localidades, os quais deixavam a Cícero considerável quantia monetária como esmola na sua casa, numa espécie de gratidão pelos conselhos, consultas e assistência que dava para aquela plebe que o via como verdadeiro protetor (LIRA NETO, 2009, p. 284).

Esses recursos econômicos advindos das esmolas dos pobres ou das doações de mais abastados permitiram ao padre a compra de vastas propriedades territoriais. Arrendando as terras para os romeiros que chegavam até o padre procurando meios de sobrevivência, estabelecia-se um sistema de reciprocidade:

Cícero ajudava os pobres que chegavam em Juazeiro pedindo auxílio. Depois, chegaram aqueles que lhe davam dinheiro. Com esse dinheiro ele comprava terras. Essas terras eram arrendadas para os romeiros. Ele ficava com uma parte do trabalho e todo o resto era do romeiro. E, assim, as coisas iam. Nesta perspectiva, sem milagres, sem mistérios (BRAGA, 2007, p. 304).

Assim, entrou em cena o espaço que é objeto de nosso estudo e que será detalhadamente trabalhado nos capítulos seguintes⁶, o Serrote do Diamante, ou, por ora, a comunidade rural do Coxá, município de Aurora, Ceará. Nos trabalhos de Della Cava e Lira Neto somente encontramos menção ao Coxá, fazendo referência à comunidade e não ao Serrote em específico. Os domínios territoriais do patriarca de Juazeiro chegariam nas terras onde se localiza o nosso recorte espacial de estudo. Imaginamos que o fato dessas terras onde se localiza o Serrote terem pertencido ao padre Cícero também contribuiu para que fosse considerado um espaço abençoado, como o Juazeiro, o horto ou as praças públicas que contém sua estátua, também são.

⁶ Como há muitos detalhes a serem expostos e discutidos, deixemos os aspectos da história da materialização da fé em Coxá para o próximo capítulo, visto que neste, nosso objetivo é apenas promover um resumo da vida ambígua de padre Cícero e do surgimento de uma cultura material pela fé neste.

Na época, em 1908, a região era produtora de mandioca. No local, segundo Lira Neto (2009, p. 294), Padre Cícero seria proprietário de uma légua e meia de terras no Sítio Coxá. Essas terras ficavam na divisa dos municípios de Milagres e Aurora⁷ e eram motivo de disputas porque se considerava uma jazida de cobre que potencialmente valeria muito dinheiro.

Para convencer o patriarca a arrematar as terras, entrava em cena o baiano Floro Bartholomeu. Ele sabia por meio de amostras retiradas da comunidade que o sítio estaria sobre uma imensa jazida de cobre. Para auxiliá-lo na empreitada, estava ao seu lado um engenheiro de minas francês, o conde Adolphe.

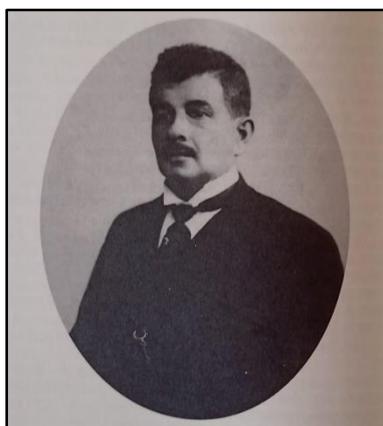


Imagem 6: Dr. Floro Bartholomeu (1909). **Fonte:** LIRA NETO, 2009, p. 298.

Os dois procurariam desvendar maneiras de se arrematar as terras para Cícero, visto que a propriedade delas era algo um tanto problemático:

Floro Bartolomeu e Adolphe van den Brule se ofereceram a Cícero para intermediar a pendenga que se arrastava na Justiça — um emaranhado de ações que envolviam desde contestações a respeito dos limites legais da terra até duplicidade de títulos de propriedade. Ninguém nunca se entendera sobre quem eram os verdadeiros donos de cada metro quadrado do Coxá. Na ausência de acordo, as terras permaneciam sem demarcação. A proposta de Floro, portanto, era simples. Advogaria a favor de Cícero. Uma vez vitoriosa a causa, receberia em troca o direito de extrair o minério do solo com a ajuda de Adolphe. Os lucros seriam divididos com o sacerdote (LIRA NETO, 2009, p. 294).

⁷ Hoje, a divisa está entre os municípios de Aurora e Barro (ambos, no Ceará). Mas, na época, Barro não era autônomo.

Conseguindo a confiança do padre Cícero, Floro teve sua permissão por escrito, uma procuração assinada e autenticada em cartório em maio de 1908, conferindo-lhe o direito de representar o padre na questão judicial que envolvia a posse e demarcação das terras (LIRA NETO, 2009, p. 295). Segundo Della Cava (2014, p. 182), em dezembro de 1908, a justiça de Milagres (comarca onde corria a ação) deu decisão favorável à demarcação das terras pelo padre Cícero, enfurecendo ainda mais os rivais.

Della Cava narra que Cícero temia ver o Coxá caindo nas mãos de um poderoso coronel residente no Crato, sujeito que armou, em dezembro de 1908, uma emboscada para assassinar Floro e os companheiros que com ele foram para demarcar as terras onde havia a jazida. O fato fez com que o padre decidisse entrar de vez na questão e tentar tomar posse das terras para evitar que elas caíssem nas mãos de Alves Teixeira, coronel de Aurora, aliado e parente do coronel cratense, o qual com certeza foi o mentor da emboscada e que de longa data cobiçava os depósitos de cobre (DELLA CAVA, 2014, p. 182).

Entre os fatores que impulsionavam o padre pela conquista do valioso território, está o fato que ele teria recebido informações que Roma pretendia instalar mais uma diocese no estado do Ceará. Assim, o padre pretendia que ela fosse situada em Juazeiro para que, talvez, um futuro e amigável bispo diocesano a assumisse e o auxiliasse a se livrar das penalidades de suspensão das suas ordens sacerdotais, pois as apelações que ele enviara ao Vaticano no início do século XX de nada teriam adiantado (DELLA CAVA, 2014, p. 183).

Uma diocese no Crato seria catastrófica para a situação do padre, visto que uma rivalidade existia entre os dois povoados vizinhos. Sendo assim, seria estratégico que fosse situada em Juazeiro. E os recursos advindos da extração de cobre no Coxá seriam extremamente necessários para a edificação do que o padre imaginava ser o “Bispado do Cariri”. É fato que o acontecimento de demarcação iria inflamar em seguida os ânimos que levariam a emancipação de Juazeiro. Mas, na cabeça do padre, o que se passava era a ideia de que Deus desejaria materializar em Juazeiro uma Sé episcopal, e não um município (DELLA CAVA, 2009, p.184).

Neste período, os governantes de Milagres, Missão Velha e Barbalha se uniram com Floro Bartholomeu, que já se tornava um legítimo representante do chamado patriarca de Juazeiro, para tentar depor o coronel Antônio Luiz Alves Pequeno, do Crato. Era a entrada do padre na política, prova disso que a paz reinante em Juazeiro até então estaria ameaçada pela empreitada do desejo de emancipação.

Aspirante a conseguir instalar a nova diocese em Juazeiro, o padre viajou até o núncio apostólico em Petrópolis. Porém, como já era de se imaginar, o pedido foi negado, não haveria a menor possibilidade de criação de um bispado no distrito pertencente ao Crato, que viria ser realmente a sede. Mesmo voltando para casa com mais uma derrota para a conta, o sacerdote encontrou o povoado em verdadeira euforia pela campanha de emancipação. O bispado era caso perdido, mas o processo de independência política, não (LIRA NETO, 2009, p. 300).

Juazeiro e Crato começariam então a travar uma verdadeira batalha armada entre si e os ânimos estavam exaltados ainda mais pelo papel da imprensa naquela época, em que jornais impressos trocando alfinetadas sobre o caso. Em Juazeiro, o jornal responsável pela promoção da campanha de emancipação era conhecido como *O Rebate*, dirigido pelo Dr. Floro e por Padre Peixoto, figuras igualmente polêmicas e extremamente desejosas da independência do lugar (DELLA CAVA, 2014, p. 187).

O coronel do Crato ficou em pé de guerra, ordenando a ida de um batalhão que estava estacionado ali para o vilarejo. Mas o batalhão continuou inerte ao chegar no povoado, não houve confronto, pois o padre tentava solucionar a contenda de forma mais dialogada possível (LIRA NETO, 2009, p. 320). Em 18 de fevereiro de 1911, um acordo de paz foi selado, com as condições de que Juazeiro pagasse todos os impostos atrasados que devia ao Crato, que a delimitação do território fosse feita em comum acordo com os municípios limítrofes e que as trocas de hostilidades fossem cessadas entre os jornais impressos das duas cidades. O acordo teve o apoio do presidente do Ceará e, assim, no ano seguinte, mais precisamente em 22 de julho de 1911, pela Lei 1028, estava aprovada pela Assembleia Legislativa do Ceará a criação do município de Juazeiro (Idem, p. 327).

O sacerdote tomou posse como prefeito do Juazeiro em 4 de outubro daquele ano. Segundo ele próprio, assumiu apenas para evitar hostilidades entre “os filhos” de Juazeiro pelo cargo. Sua influência política foi além da administração municipal, pois ele era um verdadeiro conselheiro político para os coronéis dos municípios vizinhos. Assim, mostrava-se um homem amparado nas estruturas do coronelismo, acomodando interesses rivais, fazendo o papel de “algodão entre vidros”, conciliando rivais aristocratas em nome da paz sertaneja (LIRA NETO, 2009, p. 334).

Mas a estabilidade política de Cícero em Juazeiro estaria abalada pouco depois de sentar na cadeira da prefeitura. Perdendo sua influência oligárquica, Accioly, então governador do Ceará, se via pressionado pela população, que desejava uma nova governança para o estado. Os militares, grupo ao qual Franco Rabelo (que venceu

Accioly) pertencia, procuravam a deposição de oligarcas da administração pública, visto que, para eles, oligarquias significavam um verdadeiro atraso no desenvolvimento do Brasil. Por isso, procuraram substituir nomes como o do próprio Cícero por um “prefeito militar”. Assim, Cícero chegou a ser exonerado do cargo de prefeito de Juazeiro no ano de 1912 e foi substituído por um rabelista. Porém, como já se poderia presumir, o novo prefeito não resistiu à pressão popular dos romeiros fidelíssimos ao padre, renunciando rapidamente. (LIRA NETO, 2009, p. 345).

Se iniciariam momentos mais acalorados posteriormente, nos fins de 1913 e início de 1914. Rabelo trazia Cícero em má conta e considerava a terra juazeirense um reduto de banditismo, decidindo pela tentativa de invadir o município para tomar o controle, e iniciando assim uma Sedição de Juazeiro. Foi neste episódio que a força da fé dos romeiros do “Padim” se mostrou atuante, misturando a defesa de um lugar tido como sagrado (o Juazeiro) com o uso da violência:

Enquanto isso, espalhavam-se pelo sertão notícias sobre uma possível destruição da terra do Padre Cícero. Muitos sertanejos foram para Juazeiro. Pretendiam, a qualquer custo, defender o lugar sagrado. Falava-se que Franco Rabelo queria levar para Fortaleza a cabeça do Padre Cícero enfiada em um pedaço de madeira. Para os devotos, o conflito entre Cariri e Fortaleza era uma luta entre o bem e o mal, entre Deus e o Diabo (RAMOS, 2014, p. 292).

Mas não adiantou, com o apoio incessante dos romeiros e moradores de Juazeiro, e até mesmo do Crato, que também era contrário à governança de Rabelo, as tropas estaduais lutaram, atiraram, mas recuaram. Floro estava agora com papel de comandante do chamado “Círculo da Mãe de Deus”, um conjunto de trincheiras que os romeiros haviam construído ao redor da cidade, com essa guerra, em meio a violência misturada a defesa de uma causa, de um lugar santo (Juazeiro) e de um santo (Pe. Cícero) desenhava-se a muralha física e imaginária para a defesa do solo sacralizado da “Nova Jerusalém”:

Removida a terra, construía-se uma barreira medindo uns dois metros de altura, “com orifícios, aqui e ali, formados com telhas e tijolos de adobe, por onde pudessem, a salvo, alvejar o inimigo”. Não havia como negar que tudo parecia impressionante: “Trabalhou-se de noite e de dia. Sob o sol e à luz de candeias” (PINHEIRO, 1938, *Apud* RAMOS, 2014, p. 296).

Floro promoveu ataques de surpresa às forças estaduais em seu momento de descanso, fazendo-os evacuar rapidamente para não sucumbir (RAMOS, 2014, p. 292).

Exemplos como este, mostram a força de uma fé na defesa de um espaço considerado sagrado e de um homem considerado santo, ou seja, o padre Cícero: “O desenrolar da sedição revelou, de modo mais explícito, as ligações entre religiosidade e violência. Desde as primeiras ameaças de invasão até o fim do conflito, Juazeiro transformou-se em motivo para uma “Guerra Santa” (Idem, p. 293).

Para mencionar o momento mais complicado da vida do padre, passemos à década de 1930, com uma drástica mudança a nível federal, pois chegava ao poder Getúlio Vargas. Naquele período, o sacerdote já se encontrava com 85 anos de idade e muitos personagens da história de Juazeiro já haviam deixado o mundo, a beata Maria de Araújo, em 1914, ainda no auge do confronto com as forças rabelistas; e Floro em 1926, morrera ainda jovem. Quase cego e com problemas intestinais, o velho padre se encontrava em situação de dependência de terceiros para escrever e realizar outras atividades e, com isto, em 1929, abandonou o cargo de prefeito de Juazeiro, o qual na prática ou na aparência⁸ exercera por 18 anos (LIRA NETO, 2009, p. 499).



Imagem 7: Fotografia de Padre Cícero (ao centro) com comitiva visitante, em Juazeiro (sem data).

Fonte: LIRA NETO, 2009, p. 443.

Como na imagem anterior (Imagem 7), mostra-se o padre um sujeito inserido em relações com diversas camadas sociais, como oficiais do poder estatal, o que denota sua compreensão das práticas políticas da época.

⁸ Mesmo com o Padre Cícero sendo oficialmente o prefeito de Juazeiro, na prática, a maioria das decisões administrativas eram exercidas por Floro Bartholomeu, no período em que fora o braço direito e legítimo representante do padre e de Juazeiro na burocracia política.

Após mencionarmos alguns exemplos da vida política do padre, não pudemos dar conta de todos os acontecimentos, pois não caberia nos objetivos deste trabalho. É notória a influência do padre nas tomadas de decisão, que o tornaram proprietário das terras do Coxá e que levaram Juazeiro a se fazer independente e a defender-se das investidas dos inimigos, como em 1914, na Sedição. Nas vésperas do governo de Getúlio Vargas, até mesmo com a ajuda de Lampião, o padre conseguiu espantar as ameaças da “Coluna Prestes”⁹:

Tudo indicava que Lampião fora à “terra do padrinho” porque Floro lhe fizera o convite para participar do “Batalhão Patriótico”, que deveria desbaratar as tropas da “Coluna Prestes”. Floro, com total apoio de Artur Bernardes, ficara encarregado de reunir homens, dando-lhes fardas, armas e munição. Sob seu comando, o “Batalhão Patriótico” deveria “defender a nação” (RAMOS, 2014, p. 310).

O padre Cícero, durante sua complexa atuação política misturada a seu desejo não realizado de recuperar suas ordens sacerdotais, mostra-se um homem capaz de dialogar com os mais diferentes sujeitos, sejam os romeiros, os políticos, os sacerdotes, e até mesmo os cangaceiros, tão temidos e hostilizados por muitos. Na época da ameaça imposta pela Coluna Prestes, quando Lampião foi convidado a ir a Juazeiro, mais uma vez vieram imagens difamadas na imprensa, em que se colocava a cidade como reduto de banditismo e o padre Cícero como protetor de sujeitos hostis (RAMOS, 2014, p. 311). O que não abalava a capacidade do padre de continuar suas estratégias de diálogo com pessoas da mais variadas condições sociais em prol da defesa de sua “terra santa.”

Deste modo, seria correto afirmar que o exercício de sua vida política o colocou na categoria de coronel?

Primeiro, temos de pôr em questão o conceito de coronelismo que, segundo Maria Lucinete Fortunato (2000, p. 152), é advindo do título (coronel) que se atribuía a membros da Guarda Nacional, mas que deu origem a uma imagem que tornou proprietários de terra, membros mais abastados da sociedade, profissionais liberais ou grandes comerciantes como coronéis políticos:

[...] cuja identidade fundamental encontrar-se-ia nos objetivos políticos das oligarquias, sobretudo na Primeira República. Entre esses objetivos

⁹ Grupo de Revolucionários liderado por Luiz Carlos Prestes com o objetivo de derrubar o presidente da República Arthur Bernardes. A Coluna percorreu cerca de 25 mil quilômetros, por treze estados brasileiros, chegando ao Ceará em princípios de 1926 (DELLA CAVA, 2014, p. 268).

foram destacadas: a manutenção dos cargos políticos do Estado e a captura do controle eleitoral, que lhes viriam a conferir o monopólio (FORTUNATO, 2000, p. 152).

Ralph Della Cava define padre Cícero como *coronel do maior reduto político do estado do Ceará*, principalmente pelo fato que este classifica o coronelismo como um sistema de reciprocidade entre as esferas locais e os maiores do Estado (esfera estadual e federal). Sistema em que grandes proprietários de terra geralmente assumiam o controle local e angariavam apoio aos governadores, em troca de sua solidariedade, que poderia ser empregos em cargos públicos importantes, apoio bélico em disputas armadas locais. O que tornava o cargo de prefeito, na época, muito mais atrativo para os aspirantes ao poder local (DELLA CAVA, 2014, p. 170). E foi padre Cícero primeiro prefeito de Juazeiro, em 1911, quando o regime oligárquico e o coronelismo estavam em alta.

Já Antônio Mendes Costa Braga (2007) defende que o modo de vida e de controle social exercido por padre Cícero não pode ser considerado como postura de um coronel, pois existia uma relação de cuidado muito específica para com seus romeiros, considerados afilhados. Para ele:

O termo coronel – se considerarmos o fenômeno do coronelismo em toda a sua complexidade – não é o mais adequado para definirmos a figura de padre Cícero e o tipo de dominação que ele exerceu. Evidentemente, ele existiu, agiu e interagiu em um mundo que era de “mando” dos coronéis. Entretanto, operando a partir da mesma estrutura social, econômica e política, e inclusive, dialogando com essa estrutura e seus agentes dominantes, Pe. Cícero forjou um tipo de relação muito específica com aqueles que ocupavam uma posição de dominados nessa estrutura (BRAGA, 2007, p. 235)

Coronel ou não, é fato que o patriarca de Juazeiro foi um homem que conviveu e liderou essas figuras que se enquadravam nos termos práticos do coronelismo. Foi escolhido para ser o líder do chamado “Pacto dos Coronéis”, uma rede de apoio mútuo entre os potentados do Cariri que buscavam o fortalecimento do poder local, através de uma união que, segundo o padre, era necessário para as disputas cessassem. Mas o padre foi escolhido como líder, justamente, porque os demais membros do pacto tinham suas rixas pessoais e, assim, o líder teria de ser um sujeito que conseguisse dialogar com todos sempre que necessário (LIRA NETO 2009, p. 339). Cícero era, na verdade, uma personificação da ambiguidade, em um jogo de cintura entre o poder ortodoxo e as práticas eclesiais solidárias e o exercício da política oligárquica. É desse lugar que o

Padre Cícero adquiriu as terras do Coxá, onde está o Serrote do Diamante, local que, mais tarde, viria a abrigar um santuário em sua memória e devoção.

1.4 A morte do patriarca de Juazeiro: o fim que não ocorreu

Após atingir os 90 anos, completamente debilitado, o sacerdote estava quase totalmente cego, chegando inclusive a realizar uma delicada e caríssima cirurgia de catarata, que infelizmente não adiantou de nada. Além da cegueira, os problemas intestinais do padre, que já o acompanhavam há um certo tempo, foram o cúmulo de seus males de saúde. O aparelho digestivo ficava sem funcionar, fazendo o padre sucumbir em infernais dores que não cessavam, que o impediam de se alimentar e de dormir. Não resistindo às fortes dores decorrentes de seu intestino parado, o padre chegaria a falecer às seis horas e quarenta minutos da manhã do dia 20 de julho de 1934, aos noventa anos, após último esforço para traçar três cruzeiros no ar¹⁰ (DELLA CAVA, 2014, p. 325).



Imagem 8: Padre Cícero doente, ao lado do médico, sofrendo com cegueira e problemas intestinais (1934). **Fonte:** LIRA NETO, 2009, p. 506.

¹⁰ Com sua morte, o tumulto em Juazeiro foi geral, com pessoas correndo e chorando desesperadas num esforço para chegar o mais próximo possível da casa do sacerdote, que teve suas janelas abertas e o caixão apoiado quase na vertical em uma delas, para que todos pudessem ver sem necessidade de tocar e gerar incidentes, mesmo que quem chegasse perto insistisse em tocar medalhas, ramos ou outros objetos no caixão do padre, considerando assim estarem sendo abençoados. “Pessoas chegavam de todas as partes nos mais diversos meios de transporte ou a pé, para dar o último adeus ao ilustre personagem religioso e político do sertão do Cariri, onde cerca de 20 mil visitantes se juntavam aos 60 mil habitantes da cidade para o funeral, provocando uma aglomeração nunca vista antes no que um dia foi um insignificante povoado. No município, foi decretado luto oficial de três dias, como também em outras cidades ao redor. Na manhã do dia seguinte, 21, o cortejo com milhares de pessoas seguiu com o caixão do padre erguido passando de grupo em grupo para o seu destino final, a capela de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, onde antes já haviam sido sepultadas a mãe e uma irmã do padre e Maria de Araújo. Próximo ao altar, quatro horas depois de ter saído da casa do sacerdote, o caixão era coberto com a mesa de mármore, a última viagem do patriarca de Juazeiro estava encerrada” (DELLA CAVA, 2014, p. 326).

O padre morreu sem ver suas ordens sacerdotais recuperadas. Em 12 de julho de 1916, os cardeais se reuniram mais uma vez para debater sobre a questão do comportamento do reverendo, com informações repassadas pelo então bispo da nova diocese que fora instalada no Crato, Dom Quintino, e com a descrição feita pelo nuncio apostólico de Petrópolis, que continuava a classificar o padre como um desobediente que não cumpria os decretos repassados como deveria. Com isto, o padre não só estava impedido exercer suas ordens sacerdotais, mas estava excomungado da Igreja, sentença máxima de condenação (LIRA NETO, 2009, p. 418). A condenação de excomunhão só seria revogada em 1921. Porém, não poderia exercer os sacramentos sacerdotais, fora absolvido apenas parcialmente, tendo para a Igreja o valor de um cristão comum (Idem, p. 434).

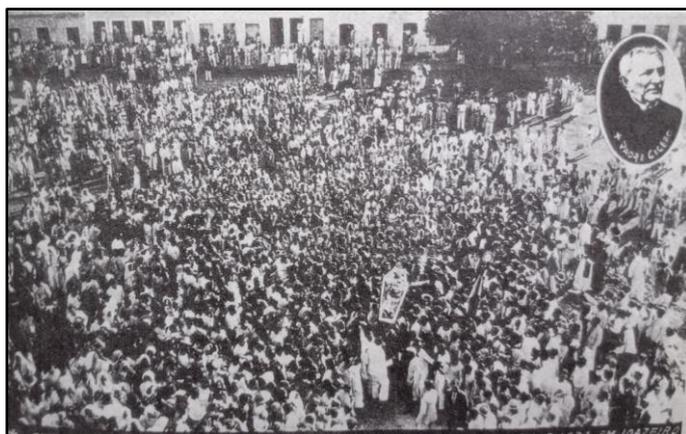


Imagem 9: Devotos conduzindo o caixão no cortejo fúnebre do patriarca rumo à Capela do Socorro (1934). **Fonte:** DELLA CAVA, 2014, p. 255.

Depois da morte do patriarca de Juazeiro, os mais pessimistas previam que seria também o fim de da cidade e de sua economia e força de atração, que eram, obviamente, atribuídas à figura do padre. Porém, o município não parou de receber visitantes, as romarias não cessaram.

Tempos depois o crescimento continuava e, em 1943, a cidade passou a se chamar Juazeiro do Norte, para diferir-se da já conhecida Juazeiro, na Bahia. Nessa conjuntura de crescimento econômico, é importante frisar também o surgimento de novos espaços sacralizados passaram a ser pontos de visitação e oração:

Depois de 1934, outros espaços de devoção foram constituídos, como a chamada “casa dos milagres”, a estátua do Padre Cícero em gesso (que em meados da década de quarenta foi colocada em frente do cemitério) e, como era de se esperar, o túmulo onde o padrinho foi enterrado, localizado no altar principal da Capela do Perpétuo Socorro (RAMOS, 2014, p. 107).

Partiu o patriarca de Juazeiro do plano material, mas ficou sua memória e a memória de seus “milagres”, constituindo espaços sacralizados de devoção. Um exemplo disso é o espaço conhecido como “Santo Sepulcro”, uma alusão ao espaço sagrado de Jerusalém, que foi reconfigurado em Juazeiro por meio da devoção popular. É mais um local a receber diversas peregrinações, onde o número de romeiros que visitam o espaço de relevo acidentado, cheio de pedras, que fica por trás da estátua do Horto (na mesma serra) é crescente (RAMOS, 2014, p. 379). Neste local há grande número de marcos de fé materializados, como capelinhas, cruzeiros e até mesmo túmulos de antigos beatos que foram sepultados no local. As capelas, as pedras, o mirante que uma delas possui e a mata fechada e preservada fazem deste local um atrativo para romeiros e turistas.¹¹

Além dos visitantes, cabe destacar o surgimento de novos espaços de devoção católica na cidade, como a ereção de outras igrejas, como a dos Salesianos, que inclusive, foram herdeiros da maior parte do patrimônio e do inventário de Padre Cícero, inclusive as terras do Coxá, as quais foram vendidas em pequenos lotes para os que tiveram condições de comprar.¹² Além destes, também se fixaram em Juazeiro a ordem dos Franciscanos, do mesmo modo, erguendo uma igreja em honra a seu padroeiro, São Francisco. Essas ordens, com a edificação de seus espaços sagrados (suas igrejas), também configuraram o espaço urbano de Juazeiro, dando nome aos bairros em que estão situadas, Franciscanos e Salesianos, ambos, próximos ao centro comercial da hoje metrópole regional.

A figura do padre Cícero não fugia à memória e à fé de seus devotos e admiradores. Isto se evidencia pela construção de espaços de memória, em que o maior exemplo se encontra na Serra do Catolé, onde uma gigante estátua do padre, de 27 metros de altura, construída em 1969, na gestão de Mauro Sampaio, então prefeito da cidade na época, tornou-se um verdadeiro local sagrado e turístico, local conhecido como Horto,

¹¹ Relatamos essas informações e “sensações” a partir de nossa visita ao local onde fica o “Santo Sepulcro”, em maio de 2016.

¹² Aqui, falamos a partir das nossas vivências no sítio Coxá, em que os mais velhos da comunidade sempre contavam que teriam sido os Salesianos os herdeiros do Coxá, e dos entrevistados que nos cederam seus depoimentos. Essa história será discutida no início do capítulo seguinte.

em uma alusão ao Horto das Oliveiras, onde Jesus foi crucificado (BRAGA, 2007, p. 343).

Com essa denominação, o relevo do local era comparado a “Terra Santa” (Jerusalém) descrito pela bíblia, em que os romeiros afirmavam ser a serra o Jardim das Oliveiras. O caminho coberto de pedras que desembocava na igreja era o caminho do Calvário (RAMOS, 2014, p. 363). Um ideal alimentado e materializado pela crença e pela canonização popular que o padre Cícero recebeu, ideal que começou a ser gestado no imaginário popular quando o “Precioso Sangue” foi derramado pela primeira vez em Juazeiro, na hóstia consumida por Maria de Araújo, fundando assim um chão sagrado que atraiu pessoas dos quatro cantos dos sertões (NOBRE, 2010, p. 54).

Atualmente, as romarias persistem e diversos espaço abrigam a memória do padre, além do Horto e da capela onde se encontra sepultado, há museus. Nas visitas dos romeiros, rituais de fé são realizados e vários objetos de devoção são adquiridos por meio do comércio popular, que posteriormente são tocados em espaços como o túmulo do padre, acreditando estarem sendo abençoados.

Essa fé é representada e reapresentada também no campo das artes, de forma muito particular na literatura popular, como os folhetos de cordel ou nas canções dos chamados cantadores repentistas, sendo fruto de uma tradição oral que se eterniza por meio da escrita advinda de um imaginário popular da figura do padre Cícero como santo. Segundo Régis Lopes Ramos:

Como criadores e criaturas do imaginário que canonizou o Padre Cícero, os poetas populares são janelas por onde é possível vislumbrar várias histórias de um mundo encantado, cheio de milagres, profecias e mistérios (RAMOS, 2014, p. 240).

Ele ainda aborda que, “a fim de criar ou aumentar a crença nos prodígios do sagrado Juazeiro, a Literatura de Cordel não se cansa de lembrar os perigos da vida sem a proteção do Padre Cícero (Idem, p. 247). Ou seja, a produção de uma oralidade materializada na escrita do cordel ou nas canções, reforçam essa hagiografia do sacerdote, sendo um meio de manter viva sua memória, de expressar a fé e de não serem esquecidos os ensinamentos passados pelo “Padim” para a condução de uma vida livre de pecados. São resquícius de uma “*pedagogia do medo*” utilizada pelo sacerdote quando em vida para conduzir seus romeiros (RAMOS, 2014, p. 33).

Outros meios de produção em torno da memória do padre e do espaço sacralizado de Juazeiro também são possíveis por meio das artes digitais, como a produção de um filme sobre a história dos “milagres”, intitulado “Padre Cícero: os Milagres de Juazeiro”, sob direção de Helder Martins (1975)¹³, que além de uma produção cinematográfica “comercial”, é mais uma ferramenta pela qual se pode conhecer um pouco dessa hagiografia e dos acontecimentos no Juazeiro do fim do século XIX. Em nossa vivência, pudemos ver como essa produção foi difundida pelo interior, contando através do audiovisual a história (mesmo que em modo ficcional) do Padre Cícero e do derramamento do sangue. Ou seja, há diferentes meios de materializar-se a fé ou a memória, esse processo não se dá apenas por meio da edificação de igrejas ou monumentos.

Em Juazeiro ou fora dele, vários espaços de memória que homenageiam o patriarca podem ser encontrados, em forma de nomenclatura de espaços públicos como ruas e praças e na construção de capelas e marcos de memória, considerados sagrados. No Nordeste, é notável a presença desses espaços públicos sacralizados que fazem referência ao santo popular, padre Cícero:

Ao longo dos anos, sua popularidade foi além no tempo e no espaço, chegando aos dias atuais e a outras cidades nordestinas. É característica local, em quase toda cidade do interior nordestino, a existência de uma praça com a estátua do Padre Cícero. Em cada espaço citadino, ocorrem usos particulares e significados próprios atrelados à estátua (ARAÚJO, 2017, p. 27).

A nossa cidade, Aurora, é mais uma dessas cidades a possuir uma praça nomeada “Praça Padre Cícero”, que se localiza em frente à antiga estação de trem do município, hoje fora de uso. A praça também é (ou era) conhecida como “Praça da Estação”, mas a presença de uma estátua na referida praça fez seu nome referencial ser alterado. Ora, uma vez constituído um espaço sagrado (ou não)¹⁴ em homenagem ao padre, o nome desse espaço também costuma ser alterado, como foi um dia a Serra do Catolé, que passou a se chamar Serra do Horto, ou a Praça Almirante Alexandrino, no centro de Juazeiro, que é conhecida atualmente como Praça Padre Cícero.

¹³ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=yNKIus86-n0>>. Acesso em: 15 nov. 2021.

¹⁴ Francisco Régis Lopes Ramos defende que nem todos os espaços que possuem uma imagem do padre são sagrados. Um exemplo seria a mencionada Praça Almirante Alexandrino (Praça Padre Cícero, atualmente) que contém uma imagem de bronze do patriarca, doada pelas elites sertanejas em 1923, mas que não foi constituído como ponto de orações pelos devotos (RAMOS, 2014, p. 397).

É o caso de nosso objeto de estudo, a capela presente no Serrote do Diamante, um espaço que, conforme comentado anteriormente, foram terras pertencentes ao padre no período antecedente à emancipação política de Juazeiro. Como veremos nos capítulos seguintes, a materialização de artigos de fé na pequena serra também vai trazer alteração na nomenclatura pela qual sempre costumou ser referenciada.

Acreditamos que essa materialidade seja mais um exemplo de como a devoção ao patriarca transborda as fronteiras de Juazeiro e chega as mais distantes paragens dos sertões, por meio do culto a sua imagem pelos devotos do “Padim”. Para entendermos esse processo, faremos uma descrição da história do espaço no qual está contido o Serrote do Diamante, analisando de qual forma se deu a reconfiguração de seu espaço comum (natural) para um espaço considerado sagrado. Um “milagre” embasado no culto ao Precioso Sangue, ocorrido em Juazeiro no ano de 1889, sacralizou a terra, “santificou” um padre e, muitos anos depois, essa fé ultrapassou os limites do Juazeiro do Norte e chegou ao Coxá, que um dia já foi território do patriarca. É por isso que estamos considerando que a morte do “Padim” não representou um fim, porque sua memória e a devoção a sua santidade popularmente construída não cessaram de se materializarem contemporaneamente para além do Juazeiro do Padre Cícero.

CAPÍTULO II

SERROTE ENCANTADO: O COMUM E O SAGRADO NA HISTÓRIA DO COXÁ

*“O ‘Além’ costuma manifestar-se na materialidade do mundo.
Mundo encantado, como diria Max Weber”¹⁵.*

(Francisco Régis Lopes Ramos, 2014)

Chamado de Serrote do Diamante, a pequena elevação que abriga o espaço em homenagem ao Padre Cícero no sítio Coxá, na cidade de Aurora, também possui um passado. Como apontado em meados do capítulo anterior, as terras foram pertencentes ao padre do Juazeiro, mesmo que de forma muito litigiosa. Mas, além dessa história, a pequena serra guarda muitas outras mais recentes por ter sido área de exploração de minérios, mais especificamente o cobre.

O Serrote também costuma ser mencionado como “Minas do Coxá”, uma referência ao território explorado por várias companhias ao longo dos anos para a retirada de cobre das jazidas presentes no entorno da pequena montanha. O termo Minas do Coxá é conhecido não só pela tradição oral, mas também por meio de divulgações da história desse espaço nas mídias sociais, nos versos de cantadores (repentistas) e pelas histórias materializadas nas artes aurorenses, como uma enorme fotografia do local adesivada nos vitrais do pedestal da estátua do Senhor Menino Deus, padroeiro do município, localizada ao lado da matriz.

Pretendemos, neste segundo capítulo, narrar um pouco sobre essas duas dimensões do espaço, ou seja, uma que podemos chamar de profana (no sentido de oposta à sagrada, mas não necessariamente estando ligada à aspectos mundanos), em que a entendemos como a fase de exploração natural anterior à fundação da estátua; e a que chamaremos de sagrada, onde posteriormente surgiu uma materialização da fé através da edificação de um pequeno santuário. Iremos apresentar as principais características dos tempos da mineração e as transformações ocorridas no espaço depois do abandono das

¹⁵ RAMOS, 2014, p. 406.

jazidas e de sua caracterização como ponto de peregrinação. Nossas bases serão as fontes orais, entrevistas que realizamos com alguns moradores do Coxá e Juazeiro, para colhermos as riquezas históricas presentes no imaginário e memória sociais, além de relatos sobre como aconteciam os processos exploratórios dos minerais da terra. Relataremos como se deram essas duas dimensões e como o processo de sacralização surgiu e se expandiu.

2.1 As Minas do Coxá: o Serrote antes da edificação sagrada

Não é raro ver ou ouvir esse termo como referência ao Serrote. Ao longo destes poucos anos pós sacralização, ele apareceu com mais intensidade em produções escritas presentes na *internet*, através de *blogs* ou páginas que noticiavam visitas ao espaço, chamando-o de Minas do Coxá. Certamente um termo associado ao processo de exploração da terra pelas mineradoras ao longo do século XX e XXI, fazendo com que a região, mesmo não tendo características de mina (túneis, valas profundas, por exemplo), ela costuma ser chamada também por este nome.

No *blog* “Cariri Cangaço”, José Cícero Silva, professor, escritor e ex-secretário de cultura do município de Aurora, escreveu suas considerações sobre as “famosas” Minas do Coxá:

Famosas não apenas pelos minérios que até hoje se escondem no seu subsolo e protegidas por um serrote íngreme e belo rodeado de caatinga densa, as minas do Coxá de Aurora ao que parece, ainda constituem um grande mistério. Um enigma atemporal como um constante acerto de contas do passado com o presente em nome das utopias do futuro. Uma verdadeira saga sertaneja que por mais de um século de história tem alimentado de causos e contos fantásticos as vastas narrativas da crônica caririense e nordestina. Assim como de aventuras e sonhos de riquezas, a imaginação de todos quantos de algum modo são tocados pelos encantos do seu rico chão (SILVA, 2014).¹⁶

¹⁶ Aurora, Padre Cícero e as Minas do Coxá: uma história que não quer calar! In: Seminário Cariri Cangaço, 2014. Disponível em: <<http://cariricangaco.blogspot.com/2014/07/aurora-padre-cicero-e-as-minas-do-coxa.html>>. Acesso em: 23 nov. 2021.

Nota-se como o conhecimento sobre o território já ganhou certa notoriedade, visto que foi a partir de 2012 que se erigiu a primeira estátua do Padre Cícero no topo da pequena serra. Isto começou a chamar a atenção de sujeitos de diversos níveis sociais, desde os que o procuram para realizar suas orações, pedir graças ou pagar promessas, ou outros que o procuram com o intuito de escrever, narrar, gravar, enfim, estudar o Serrote e sua rica e pouco conhecida história.

A tradição oral teve e tem um papel fundamental na constituição do local, visto que é por meio das histórias repassadas de geração em geração que o reconhecimento das terras como antigas posses do padre de Juazeiro acontece. Essa tradição oral, que foi por nós capturada em pequenos fragmentos através dos depoimentos orais realizados, também dá conta de uma interessante narrativa sobre o lado comum (natural) do Serrote, em que mineradoras trabalharam arduamente na tentativa de extrair cobre das terras do Coxá. Desde nossa infância, era habitual escutar dos pais e principalmente dos avós as histórias sobre o Padre Cícero ter sido o dono do sítio Coxá num passado que, para nós, parecia muito longínquo. Ao conversarmos com nossos depoentes e indagarmos sobre a posse dessas terras pelo padre, todos a confirmaram e deram suas versões.

Ralph Della Cava (2014), ao escrever sobre *o cobre e o bispado do Cariri*, adverte que a posse das terras pelo padre se realizou. Porém, não há documentos que mostrem a data exata, os valores pagos e os vendedores do terreno. Segundo as notas do autor, as quais vamos expor mais à frente, Floro Bartholomeu escreveria na primeira edição do jornal que fazia guerra contra o Crato na imprensa (*O Rebate*) sobre como teria acontecido o conflito com as forças do coronel de Aurora, Alves Teixeira, pelas terras do Coxá (DELLA CAVA, 2014, p. 410). Mas, infelizmente, não tivemos acesso a esses jornais antigos.

A mineração que ocorreu ao longo dos anos também pode ser o motivo de o espaço se chamar Serrote do Diamante. Algo um tanto contraditório, visto que nunca se explorou diamantes em suas terras, mas sim cobre, desde os tempos em que o litigioso território fazia parte de um dos vários latifúndios que o padre possuía. Em nossas entrevistas, perguntamos a alguns depoentes se eles sabiam alguma história sobre a origem desse nome para a elevação.

José Ernandes, agricultor de 37 anos, é o atual coordenador principal das obras e eventos realizados na capela. Ele se qualifica com o devoto do padre, e cuida do referido

santuário desde sua edificação, sendo o principal coletor de recursos para a construção. Ele nos fala sobre o nome do Serrote alegando que ele se dá pelo fato de, nas terras do Coxá, haver pedras preciosas e até mesmo a própria pedra diamante: “Acho que é porque tinha diamantes, né! De primeiro, o povo fala que tem diamante nessa serra aqui, que tem ouro que tem ferro... por isso chama Serrote do Diamante” (SOUZA, J.E, 2021).

Outras interpretações também percorrem caminhos parecidos com o apontamento feito por José Ernandes, como o da dona Cecília de Souza Alves, ex-professora e atual catequista e coordenadora da capela da padroeira (Nossa Senhora da Conceição) do sítio Coxá:

O que eu já conhecia antes, sobre Serrote do Diamante, é que o povo antes né, os antigos, dizem que lá tem minério. Até que eu não sei muito dessa história não, mas... e também nem tenho muito conhecimento sobre quem eram essas pessoas [os antigos]. Mas eles falavam né, que tinha essa história do Conde né, e vinham umas pessoas pra trabalhar aí (ALVES, C.S, 2021).

Não tivemos em nossas leituras, que abordaram de forma curta a posse da terra pelo patriarca a oportunidade de conferir informações sobre quais tipos de minério foram extraídos das terras do Coxá, se é que foram. As informações são muito escassas e sem foco na questão, visto que autores como Della Cava, Lira Neto, Luitgarde Barros e Rui Facó, por exemplo, só abordam a história de litígio das terras para explicar a entrada do padre na política em momentos brevemente posteriores a 1908, quando se deu a demarcação dessas terras.¹⁷ Porém, não há uma discussão nem um levantamento sobre o que teria sido extraído das terras que contém o Serrote do Diamante. Acreditamos que, se isto foi realizado, registrado em documento, foi mantido em sigilo e perdido, já que nenhum dos mais renomados biógrafos e escritores do padre não mencionam a existência desse tipo de fonte. Sabe-se que o terreno foi do padre (em se falando de fontes oficiais) pelo testamento do sacerdote, que destinou as terras do Coxá aos padres Salesianos.

Além dos depoentes mencionados, tivemos a oportunidade de conversar com o aposentado Manoel Ferreira de Mendonça, agricultor, que já trabalhou em expedições de mineração no Serrote. Sobre o termo “Serrote do Diamante” sua interpretação é por

¹⁷ Mesmo a demarcação ocorrendo em 1908, por intermédio do Dr. Floro, as terras (que mediam cerca de uma légua e meia) já teriam sido adquiridas anos antes (LIRA NETO, 2009, p. 294).

demais interessante. Quando o perguntamos se sabia sobre o porquê de a elevação ter esse nome, ele nos contou uma história que não tínhamos visto em nossas leituras e experiências de audição da cultura oral da comunidade. Ele narrou:

O Serrote do Diamante eles disseram que era assim: na antiguidade, como dizia o ditado dos mais velhos, diz que tinha um diamante lá, né? Um velhinho foi lá, caçando umas ovelhas à tarde, aí disse que quando chegou, isso num dia de sexta-feira, quando chegou lá no serrote, do Diamante, ele disse que se aproximou dele um carneiro, um carneirinho bem bonitinho enriba da pedra, disse que chega brilhava! E saiu caminhando, não... veio é de lá pro lado dele e ele parado e o carneirinho veio ficou olhando pra ele assim [como encarando] e depois deu meia volta na pedra e voltou, foi embora (MENDONÇA, M.F, 2021).

Segundo Manoel, esse velhinho, o qual ele não citou o nome e nem de qual família pertenceria, foi para casa depois de ter avistado o fenômeno e, lá chegando, contou para a esposa (sujeito também indeterminado) sobre o suposto carneiro que avistara nas pedreiras do serrote. Ele continuou:

[...] aí a mulher disse: “que conversa é essa? Num existe isso não!”. Aí ele disse: “tem! Tem lá um negócio que é encantado e é um carneiro de ouro!”. Aí ele veio e ele chegou, quando ele chegou quatro horas da tarde na pedra, esperou, esperou, esperou... até seis horas da noite e o carneiro não voltou mais não. Ninguém sabe se era porque ele descobriu à sua mulher né, a esposa dele, aí pronto... mas antes de morrer, Senhor [um antigo morador do Coxá] contava essa história né (Id.).

Histórias interessantes e incomuns, como a descrita acima, podem ser interpretações de um passado distante ou até mesmo inscritas em uma tradição popular, como o cordel ou o repente, e serem tomadas como histórias verdadeiras através do imaginário presente na cultura popular sertaneja. Esse imaginário aparece eternizado em um poema intitulado “Meu querido Coxá”, de autoria do poeta, repentista e ex-professor Cícero Saraiva, residente na comunidade até o presente momento. Em algumas de suas estrofes, o relato do cordeiro dourado descrito no depoimento de Manoel aparece da seguinte maneira:

[...]. Sua mina, encantada permanece

É o cobre o seu maior tesouro
Joaquim Pinto em sonho ouviu a prece
“Veja bem esse carneiro de ouro”.
Ele em cima da pedra passeava
E disse Joaquim: “é um encanto”
E sexta-feira ele desencantava
Se voltasse três vezes ao mesmo canto.¹⁸

No poema acima exposto, verificamos que o nome do sujeito que avistou o suposto cordeiro dourado nas pedreiras do Serrote não é mais oculto, sendo Joaquim Pinto. Não ouvimos em nossos depoimentos nenhum dos depoentes tocar no dito nome, interpretamos que tenha sido este sujeito um dos moradores mais antigos, que não fez parte sequer da trajetória temporal de vida de nossos entrevistados, alguns já na casa dos sessenta anos de idade¹⁹.

Um fato que nos chama a atenção no poema é o de o animal avistado pelo incógnito Joaquim Pinto ser justamente um cordeiro. Na religião cristã, o cordeiro simboliza Jesus Cristo, o “Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo” (João, 1:29), ou seja, um líder, que caminha à frente das “ovelhas” (humanidade) conduzindo-as para o caminho do bem.

Pesquisando trabalhos ou histórias relacionadas ao relato de Seu Manoel e do poema de Cícero Saraiva sobre o “cordeiro de ouro” avistado no Serrote, não encontramos nada a respeito na *internet* ou livros sobre este tipo de relato no folclore brasileiro, por exemplo. Encontramos apenas fragmentos relacionados aos elementos presente na narrativa como o cordeiro e o ouro (separadamente). Não é nosso objetivo discutir nenhum tipo de “mitologia” neste trabalho. Mas acreditamos que são “verdades” constituídas por meio de símbolos presentes na oralidade e na memória local. Sobre esse poder do simbólico nas narrativas de história oral, Janaina Amado aborda que:

¹⁸ Fragmento do poema “Meu querido Coxá”, de autoria de Cícero Saraiva (2020), gravado e transcrito pelo autor durante exibição em um programa de repentistas de uma emissora de rádio de Aurora, Ceará.

¹⁹ Uma das alternativas seria a de realizar uma entrevista do poeta, mas por motivos pessoais, este preferiu não conceder depoimento.

O simbólico expõe as relações entre as diversas culturas, espaços e grupos sociais pelos quais a narrativa transita; é justamente ele que permite à narrativa, sem perder o fio condutor, libertar-se das amarras do real para aventurar-se, em liberdade, pelos caminhos do imaginário (AMADO, 1995, p. 134).

Diante da ausência de informações mais precisas sobre a onomástica local, atentamos para essas explicações que articulam o nome do serrote à existência de riquezas ou, de forma mais simbólica, remetem à experiência religiosa, qual seja, o aparecimento de um cordeiro nas terras do renomado pastor. Haveria aqui uma metáfora entre o pastor (Padre Cícero) e as ovelhas (os romeiros)? Ou mesmo à imagem de Jesus, o cordeiro, que vem à vida para morrer em remissão do pecado humano? Independente da resposta, mais uma vez, percebemos a referência ao pensamento cristão, nomeadamente católico, na constituição desse espaço sagrado.

É preciso notar que, ao lado sul da montanha, existe uma comunidade, de baixa população, conhecida como Sítio Diamante. Observando-a de cima das pedreiras, algo que tivemos oportunidade de fazer muitas vezes por residirmos em Coxá, notamos que sua proximidade com a serra é grande, estando até mesmo mais próxima que o sítio Coxá, que contém o espaço aqui estudado²⁰. Isso poderia ser uma referência, mesmo que antiga, ao nome, visto que muitos poderiam conceber o serrote como pertencente ao sítio Diamante, e não ao Coxá, como é tido hoje. De onde viria o nome do Serrote do Diamante. Mas, são interpretações nossas, que infelizmente não tivemos como averiguar até o presente momento.

Várias décadas depois, a oportunidade de explorar as minas de cobre do Coxá aconteceu por meio das já modernizadas técnicas de mineração. Do fim do século XX até o ano de 2010, diversas expedições de diferentes empresas se fizeram presentes na comunidade, no Serrote e até mesmo em outros sítios vizinhos.

Seu Manoel Ferreira, hoje agricultor aposentado, de 58 anos, sempre morou em Coxá, considera-se também um devoto do Padre Cícero e trabalhou em algumas dessas expedições. Ao perguntarmos como se dava essa exploração, ele nos contou:

²⁰ Localização do Serrote do Diamante Disponível em: <<https://www.google.com/maps/place/Serrote+do+Diamante%2F+Padre+C%C3%ADcero/data=!4m5!3m4!1s0x7a3ef0a4fe37d41:0xec0d4b464f493b89!8m2!3d-7.0172365!4d-38.8779753?authuser=0&hl=pt-BR&rclk=1>> Acesso em: 20 jan. 2022.

Meu filho... a CPRM, a Vale do Rio Doce, a... tem mais duas empresas que veio aqui que eu tô esquecido agora. Eu sei que a CPRM e a Vale foi as que mais trabalhou aqui! Muito trabalharam, uma trabalhou três anos, a outra trabalhou uns dois anos. Eles eram animado... diziam... a Vale ela passou pra outra empresa, sabe? Eles trabalharam, tudo animado, diziam que essa mina ia pra frente, vai pra frente. Só que essa mina aqui era ferro e cobre, eles diziam que o ouro é profundo, não tem condições de arrancar porque não dá, é muito fundo, né? Mas ferro e cobre tem! Sempre querem pegar assim, uma empresa que compre ela [o direito de exploração da mina] dizem que agora tá em negócio, tem um pessoal que tão andando e vão ver se compra pra ver se explora, de agora pra frente, ninguém sabe quando é né? Mas aí eles disseram que vêm, mas a mina aqui é ferro e cobre... o ouro tem mas é pouquinho (MENDONÇA, M.F, 2021).

O depoimento de Manoel nos revela o interesse que as empresas tiveram e têm no território, sinal de que algum recurso compensatório pode ter sido encontrado. Mas o antigo mineiro nos conta também que, segundo os acordos que eram firmados entre exploradores e proprietários de terra, os recursos obtidos só cabiam à posse dos primeiros, visto que eram pagos direitos indenizatórios pelas perfurações operadas nos terrenos. Esse sigilo nas atividades contemporâneas de exploração faz com que a capacidade de produção das jazidas e outros dados sobre estas sejam um documento não disponível. O que, historicamente, resultou na ausência de dados produtivos a respeito das minas de cobre do Coxá. Tentamos encontrar dados dessas expedições nos *sites* atuais dessas empresas citadas por Seu Manoel, a CPRM – Companhia de Pesquisas de Recursos Minerais, ligada ao Ministério de Minas e Energia do Brasil – e a Vale (que na época ainda se chamava Vale do Rio Doce), hoje privatizada e polêmica empresa de mineração, mas nada referente as explorações em Coxá foi localizado.

O processo de mineração ocorrido no Serrote do Diamante produziu não apenas a configuração de um espaço conhecido por conter riquezas naturais, mas também diferentes impactos no cotidiano do Coxá. Perguntamos a Manoel como se dava esse trabalho, especificamente a função dele, e ele nos relatou que:

Eles chegavam aqui e me chamavam assim, pra eu trabalhar uns diazinho sabe, assim: “vamo trabalhar mais nós pro senhor ir descobrindo aí pra nós ir passando, só pra fazer aquelas picadinha [marcação com piquetes] né, as trilhas... aí eu acompanhava eles, trabalhava mais eles e fazia aqueles serviços, ajudava eles. Eles quebravam aquelas pedras, nós pegava aquelas pedrinhas e levava lá

pro ponto do carro. Meu trabalho era esse só, era por semana, trabalhava a semana, ou três dias por semana... (Id.).

Para os funcionários provenientes da própria comunidade, os trabalhos eram os mais simples e braçais. Mas, segundo o antigo mineiro, esse trabalho também provocava mudanças no cotidiano da comunidade rural, como por exemplo a geração de empregos temporários em um lugar onde a única alternativa é quase sempre a agricultura de subsistência e a criação de pequenos rebanhos bovinos, caprinos e ovinos.

Além do impacto social, houve também o ambiental, em que a geografia das áreas exploradas era alterada pela construção de estradas para a circulação de carros e máquinas. Estas últimas eram do tipo perfuradoras, conhecidas como sondagens, segundo nos conta Manoel:

Fizeram, fizeram aquelas, aqueles furos, perfuraram... tem furo aí que tem quatrocentos metros de sondagem né, aí tinha deles que deu até água, água boa parecia água de coco... quando perfurava pra poder, quando cavava o buraco era obrigado botar cimento pra num sair aquela água, que a água era muito boa né... se não empalhava eles de trabalhar. Teve canto que deu até água, mas aí eles disseram que depois vinha fazer esse serviço, depois vêm, agora vai dar certo... quando era com um mês, dois, chegava e dizia: “não, não vai dar nada não, só tá dando muito é prejuízo” ... eu digo que essa mina é encantada, com certeza! (Id.)

Essas atividades extrativistas, segundo aponta o depoente, nem sempre funcionavam, fazendo com que surgisse a interpretação de que o território das minas de cobre fosse “encantado”. A explicação seria porque as explorações nunca davam certo ao final das atividades, em que um dia se tinha a certeza do sucesso e no dia seguinte restava apenas a frustração. Esse imaginário de encantamento, ou seja, considerar o lugar como encantado, mítico, pertence à tradição oral local (histórias que se eternizam através de gerações), em que, desde pequenos, escutávamos. Inclusive, remetendo a um possível apocalipse, no qual se imaginava que, caso as minas fossem desencantadas e delas se extraísse suas riquezas, o mundo acabaria.

Nos tempos do Padre Cícero, em Juazeiro, também havia uma superstição relacionada ao tema do apocalipse, em que uma igreja que estava sendo construída pelos devotos do “Padim” no alto da colina do Horto, cuja obra era sempre interdita pela

Diocese do Ceará, nunca tinha sua edificação finalizada. Assim, os devotos acreditavam que, no dia em que o templo fosse concluído totalmente, aconteceria a destruição do planeta, fazendo com que a igreja fosse popularmente chamada de “Igreja do Fim do Mundo” (RAMOS, 2014, p. 365).

Mas acredita-se que, mesmo assim, algo deu certo, visto que as expedições continuaram a se repetir ao passar dos anos. A dona Cecília, catequista da comunidade, nos afirmou em seu depoimento que, certamente, se achou algum recurso nas extrações minerais: “já levaram muita coisa, não saíram daqui sem nada não. Só que ninguém sabe o que é, porque ninguém conhece né. A gente não tem a realidade, mas levaram bastante coisa daí! ” (ALVES, C.S, 2021).

O extrativismo mineral na comunidade fundou uma história reconhecida regionalmente, um “legado” gerado desde as investidas de Floro Bartholomeu com o Padre Cícero para sua aquisição. É tanto que essas narrativas se eternizam nas homenagens que o lugar recebe por meio da cantiga e poesia popular; do reconhecimento da importância turística das minas, estampadas em obras gráficas aos pés da estátua do padroeiro, na praça da Matriz; nos versos em comemoração ao aniversário de Aurora, nos quais se considera o Serrote um atrativo turístico municipal; e nas práticas que constituíram sua materialidade sagrada, passando a ser referência de culto ao padre Cícero.



Imagem 10: Floro Bartholomeu (a cavalo, ao centro) e seus jagunços nas terras do Coxá (entre 1908 e 1910)²¹. Fonte: Blog Cariri Cangaço.²²

As práticas do Conde Adolphe no passado são algo que não caíram no esquecimento das narrativas locais. Na imagem 10, percebemos a dimensão conflituosa que se instalou na demarcação de Coxá, mostrando claramente um conflito de poderes, típico para a época, principalmente quanto à apropriação de terras valiosas. Entretanto, não é raro perguntarmos sobre a história do Serrote do Diamante e ouvirmos falar na figura do conde e do Padre Cícero. Já Floro Bartholomeu não aparece com tanta frequência nessas narrativas, pelo menos não na oralidade à qual crescemos em meio e a que tivemos oportunidade de registrar através de nossas entrevistas. Este fato deve ser ligado à questão de que, logo após conseguir a confiança de Padre Cícero, Dr. Floro passou a fazer da política o seu novo garimpo. Sobre isso, Rui Facó afirmou que:

Daí por diante seria ele personagem infalível na história de Juazeiro, ao lado do Padre Cícero, inicialmente, como executante da vontade do chefe espiritual do Cariri, logo a seguir, como chefe político autônomo e, mais tarde, verdadeiro ditador sobre a vontade do sacerdote e dos romeiros. Estes passaram às suas mãos de homem prático e enérgico desde o episódio da mina do Coxa, que podia não conter nenhum cobre, mas que fez a fortuna política de Floro Bartolomeu (FACÓ, 1976, p. 152).

²¹ Não conseguimos estabelecer uma data específica para esta foto a partir de nossas leituras, mas segundo Della Cava (2014, p. 410) as investidas de Dr. Floro e seus jagunços para garantirem a posse das Minas do Coxá ocorreram entre 1908 e 1910.

²² Disponível em: <<http://cariricangaço.blogspot.com/2014/07/aurora-padre-cicero-e-as-minas-do-coxa.html>> Acesso em: 23 nov. 2021.

Creemos que esse esquecimento sobre a figura de Floro Bartholomeu se deu por causa de sua saída das atividades de mineração para entrar na política. Como aponta Rui Facó e outros autores, Floro se deu muito bem na política, sendo prefeito (na prática) de Juazeiro e, mais tarde, sendo deputado, quando ambicionou transformar a cidade em uma moderna cidade. Esse comando, ao qual Facó se referiu como o de um ditador, era resultado de uma tentativa de tirar de Juazeiro a fama de “antro de fanatismo”, o que fazia com que algumas vezes tomasse medidas de controle mais drásticas.

Mas, a atuação do conde em Coxá deixou marcas na memória e na configuração espacial da comunidade. Nossos depoentes tocaram em seu nome quando perguntamos sobre a história de as terras serem antigo latifúndio do sacerdote. Manoel Ferreira e dona Cecília falaram do conde como referência à história da mineração no sítio. Francinilton Rodrigues, morador de Juazeiro que fez a fundação da sacralidade do Serrote junto com seu irmão, o já falecido Francélio Rodrigues nos fala um pouco mais detalhadamente sobre a figura de Adolphe:

[...] o conde era viúvo, a esposa e uma das filhas dele faleceram. E uma das filhas dele quando ele foi morar lá no Coxá, era Zaíra, o nome da filha! E aí tem uma parte lá do sítio Coxá que chama Izaíras²³, é uma coisa fantástica! Um fato é que ninguém sabe mais do, desse conde... se fala que ele morreu na guerra, no período de guerra mundial. Ele era europeu né, de fato não se sabe.²⁴

Sim, uma parte da comunidade, localizada à leste do restante do território, se chama Izaíra. Na comunidade, a parte leste se chama Izaíra, a parte do meio não tem nome, chama-se apenas Coxá mesmo, e a parte oeste se chama Elinos. Tudo dentro do mesmo sítio, mas com suas peculiaridades.²⁵

É inegável a importância de Padre Cícero no conhecimento que as Minas do Coxá tiveram em um passado recente. A aquisição das terras, mesmo que de modo conflituoso,

²³ Sobre a diferença no modo de se escrever ou falar esta palavra, constatamos que ZAÍRA seria o verdadeiro nome da filha do Conde Adolphe (SILVA, 2014); enquanto IZAÍRAS é uma forma como esta mesma palavra costuma ser falada na linguagem coloquial.

²⁴ Depoimento de Francinilton Rodrigues Vieira. 46 anos. Eletricista, escritor e radialista. Entrevista realizada em 20 de novembro de 2021, em sua residência, na cidade de Juazeiro do Norte, Ceará.

²⁵ Informações obtidas por meio do conhecimento do autor, residente do Coxá desde a infância.

faz com que estas sejam consideradas antigas propriedades dele. O antigo mineiro Manoel Ferreira fala que:

Meu pai dizia que essa terra era de meu Padim Ciço, né? O pessoal trabalhava, aí tinha os salesianos... que era os padres, nera? Aí botava o pessoal pra trabalhar e recebia a renda, mas a terra sendo do meu Padim Ciço, né?... mandado de meu Padim Ciço do Juazeiro. Era um grande santo! (MENDONÇA, M.F, 2021).

Como ocorreu a posse das terras é algo ainda muito duvidoso, mas de qualquer modo elas acabaram sendo consideradas do padre, visto que os Salesianos as herdaram e arrendaram para os antigos moradores e, aos poucos, foram vendendo os lotes na proporção em que cada interessado podia pagar. Sobre essas posses, Francinilton Rodrigues Vieira acrescenta que:

Aí inclusive eu conversando com uns pessoal lá, do Coxá, seu Emídio mesmo, com quem eu tenho muito contato, e ele falando que as terras foi deixada pra Igreja e a Igreja fez assim: cada pedaço de terra lá, do tamanho que as pessoas quisessem ou tivessem condições iriam adquirindo as terras lá. Provavelmente acredito que a ordem foi a dos Salesianos (VIEIRA, F.R, 2021).

O conhecimento dessa história ganha mais notabilidade pelo fato de as práticas religiosas e a curiosidade que surgem com a configuração do Serrote como espaço de peregrinações aumentarem o interesse das pessoas em saber da história daquele espaço. Assim, as Minas do Coxá, que hoje abrigam o santuário, são mais conhecidas por sua ligação direta com a história de Padre Cícero e das primeiras minerações do Conde Adolphe.

“Eu digo que essa mina é encantada, com certeza! ”, fala Manoel Ferreira, pelo fato de, por mais que as investidas tenham sido feitas por várias empresas ao longo dos anos, isso não trouxe prosperidade e nem a fixação das equipes de extração no local de forma permanente. O que demonstra não terem obtido o que se almejava.

“É um lugar encantado”, assim fala Francinilton Rodrigues sobre as transformações que se operaram no espaço do Serrote por meio da materialização da fé,

com a fundação da primeira estátua e a inauguração da capela que hoje contém diversos artigos religiosos.

Portanto, cabe-nos destacar que o Serrote possui estes dois lados da história: um natural, comum, como local de extração de recursos minerais em busca de riqueza; e um sagrado, como atual santuário de devoção ao padre de Juazeiro no catolicismo popular. Sobre o conceito de Profano, Mircea Eliade defende tudo que não está contido dentro da delimitação de um espaço sagrado, sendo “objetos que fazem parte integrante do nosso mundo natural” (ELIADE, 1992, p. 13). Sobre a esfera do sagrado, o mesmo autor afirma que: “Todo espaço sagrado implica uma hierofania, uma irrupção do sagrado que tem como resultado destacar um território do meio cósmico que o envolve e o torna qualitativamente diferente” (Ibid., p. 20). Apenas qualitativamente, pois, o sagrado e o comum dividem a mesma territorialidade, eles não estão separados.

Fundado no local um espaço de devoção, a partir de então, o que importa para os devotos e peregrinos que o visitam é a conexão que o espaço proporciona com o santo de sua devoção, o Padre Cícero, fazendo com que as Minas do Coxá passassem de uma esfera comum para uma esfera do sagrado, considerado um templo de orações. Esse espaço sagrado, constituído a partir de 2012, é uma parcela territorial que tem significado diferente dos entornos que o cercam, estando assim especificamente delimitado como sagrado, mas que pertence ao território natural da caatinga sertaneja que o contém, que o cerca.

Duas faces de um local que de um modo ou de outro, aparece como encantado, como despertando os mais variados sentimentos, aos que o buscam como fonte de pesquisa histórica ou mineral, ou aos que lá vão com o objetivo de renovarem suas energias através de preces, orações e pagamentos de promessas. Mas, por ora, vamos narrar como surgiu este lado sagrado, como as antigas minas de cobre do Coxá parecem, atualmente, terem na fé a sua maior riqueza.

2.2 Os irmãos Rodrigues nas terras do Coxá

Foi no final de 2012, mais precisamente no período natalino, que a idealização do santuário começou, transformando o Serrote do Diamante em um local sagrado. Isso viria a ocorrer também pelo fato de os irmãos Francinilton e Francélio Rodrigues, já conhecerem o sítio Coxá havia pelo menos 10 anos, na atuação no processo de instalação da energia elétrica no sítio, concluído em 2002. Eram funcionários (eletricistas) da então Companhia Energética do Ceará (COELCE), responsável por levar as redes de energia até o Coxá e sítios vizinhos. Na época, os irmãos moraram na comunidade temporariamente, construindo suas primeiras relações com o lugar a partir deste período.

Francélio Rodrigues era, segundo seu irmão Francinilton, um devoto ímpar da Igreja Católica e também do Padre Cícero, visto que os dois eram residentes em Juazeiro do Norte, onde vive Francinilton até hoje. Francélio não está mais vivo, infelizmente vindo a falecer em agosto de 2015, vítima de um câncer que já o fazia sofrer por muitos anos.

A ligação dos dois com a comunidade permaneceu ao longo dos anos pelo fato de Francélio sempre visitar o sítio, onde fizera muitos amigos e encontrou uma namorada, Eliânia Macedo, com quem se casou no ano de 2010. A ligação entre as duas famílias proporcionou várias visitas dos Rodrigues ao sítio Coxá ao longo dos anos, fazendo com que um dia a atenção de Francinilton fosse chamada pelo avistar de uma serra isolada que pode ser percebida de todos os pontos da comunidade: o Serrote do Diamante.

Francinilton Rodrigues tem, atualmente, 46 anos e reside em Juazeiro do Norte, onde estivemos em 20 de novembro de 2021 para conversarmos com ele para a participação nesta pesquisa. Um homem apaixonado pela história cariense e, mais ainda, pelas devoções ao patriarca de Juazeiro. Exerce ainda a função de eletricista e cria conteúdos escritos e audiovisuais em *blogs* e nas redes sociais para divulgar suas produções e projetos.

É também coordenador do Instituto Cultural e Social Beato Roque Pinto de Miranda²⁶. Utilizou-se deste para fazer o tombamento da capela presente no alto da serra,

²⁶ Fundado por Francinilton Rodrigues Vieira, em maio de 2010, com o objetivo de promover atividades de organização associativa ligadas à cultura e à arte, além de promover atividades de defesa de direitos

dispondo em placas de inox informações sobre os sujeitos participantes no processo de edificação do santuário popularmente erguido. Francinilton nos conta que o Beato Roque, do qual o instituto carrega o nome, foi um dos doze beatos do Padre Cícero. Recebeu do patriarca, em 1932, a obrigação de zelar pela Capela do Perpétuo Socorro, onde o patriarca foi sepultado. Francinilton relatou em seus escritos as origens de Roque Pinto, que era seu bisavô e que possuía origem africana. Sua família seria de possível proveniência dos antigos reinos do Congo, sendo o beato já brasileiro:

Roque Pinto Miranda que nasceu em 1880 em Anadias, interior de Alagoas, filho de Caetano Pinto de Miranda e Rosalina de Oliveira, faleceu em 16 de abril de 1959 em Juazeiro aos 79 anos de idade na rua União no Bairro do Socorro as 11 horas da manhã. O Irmão Evilásio Geraldo de Lima foi quem testemunhou a extrema-unção; Roque Pinto de Miranda foi quem mandou o chamar, as suas últimas palavras foram: “meio dia”. Roque Pinto de Miranda foi sepultado no cemitério do Socorro no túmulo da Associação Maria Auxiliadora, Instituição da Congregação Salesiana e no mesmo túmulo foi sepultado o Beato José Florentino de Sousa o último beato do Padre Cícero que faleceu com 11 meses depois do falecimento de Roque Pinto de Miranda (VIEIRA, 2017).²⁷

Além de relatar um pouco sobre o Beato Roque, seu bisavô, nos contou sobre como se originou esse interesse em transformar a pequena serra em um espaço dedicado à devoção. Ao perguntarmos sobre como surgiu sua ligação com o local que se transformou em um reconhecido ponto de peregrinação, ele nos relatou:

[...] eu observando o ano de mil novecentos e oito... cem anos da Capela do Perpétuo Socorro... quando em dois mil e oito, eu fazendo a conta “de mil novecentos e oito a dois mil e oito, dá cem anos que tem a capela” ... aí pronto, eu tive aquele cuidado todo especial, começava o centenário da Capela do Perpétuo Socorro, de padre Cícero, que um dia foi interdita né, lá, tive aquele cuidado todo especial... cem anos! “Agora vou sentar e analisar esses cem anos dessa capela” e aí começando a analisar uns textos e tudo (VIEIRA, F.R, 2021).

sociais. Roque Pinto de Miranda era bisavô de Francinilton Rodrigues (fundador) e era um dos beatos do Padre Cícero, quando este estava em seus últimos anos de vida.

²⁷ Disponível em: <<http://roquebeatodopadrecicero.blogspot.com/2017/07/biografia-do-beato-pinto-de-miranda.html>>. Acesso em: 23 nov. 2021.

Francinilton explicou que, a curiosidade em estudar a história da Capela do Socorro, concluída em 1908, levou-o ao nome de Floro Bartholomeu, personagem já conhecido ao longo deste trabalho. Isto se relaciona diretamente ao ano em que o baiano conseguiu a autorização do patriarca para explorar as minas de cobre do Coxá. Através destas informações veio a sua memória o fato de já conhecer a referida localidade e de ter ligação familiar ao lugar, em virtude do casamento de seu irmão e das histórias que já ouvira no sítio sobre o pertencimento deste ao Padre Cícero em tempos passados. Ele nos mencionou como foi sua reação a essa ligação de informações:

Aí Floro veio fazer o quê aqui? Pra liberação, é, veio pedir a autorização ao padre Cícero para as pesquisas das Minas de cobre do Coxá! Rapaz, veio assim na minha mente aquela retrospectiva de quando eu andei lá no Coxá mais Francélio e Marcos²⁸ pela primeira vez, e quando aquilo assim... aquele leque... eu pensei “num acredito nisso não” ... pra quem nunca pensava em escrever né, e eu pensando “meu Deus do céu”, lá o Coxá, meu irmão casado com uma menina de lá, a Lila né... e eu raciocinando comigo mesmo: “isso aqui não é por acaso não, isso aqui não é por acaso não (Id.).

Estudando sobre a Capela do Socorro, na qual se encontra sepultado o Padre Cícero, Francinilton acabou descobrindo informações sobre uma terra que ele já conhecia e com a qual tinha muita ligação. Este fato, segundo ele, o incentivou a colher mais informações, chegando a averiguar que as terras do Coxá pertenceram à ordem dos Beneditinos de Quixadá, no norte do Ceará. Sobre informações referentes à posse do Coxá ou sobre quem eram os proprietários anteriores ao Padre Cícero, Della Cava afirma que:

Não há registro da compra ou da data da compra do Coxá pelo Patriarca. Pinheiro (1938, p. 164), afirma que foi comprado “na primeira década no século atual” e leva a crer que tal fato se deu antes da chegada do dr. Floro e do conde Adolpho. É bem provável que o amigo de padre Cícero e sócio do conde, o padre Barbosa, tenha influenciado a decisão do Patriarca nesse sentido (DELLA CAVA, 2014, p. 410).

[...]

Uma explanação quase completa da disputa pela terra do Coxá foi escrita pelo dr. Floro Bartholomeu, “Minas do Coxá: Ligeiras

²⁸ Pelas palavras de nosso depoente, Marcos possivelmente seria um dos seus colegas de trabalho que, em 2002, esteve com ele no Coxá (“quando eu andei lá no Coxá mais Francélio e Marcos pela primeira vez”). Porém, não especifica quem ele seria. E, no ato da realização da entrevista, não nos lembramos de perguntar.

considerações para refutar os argumentos aduzidos pelo il.mo sr. coronel José Francisco Alves Teixeira no Correio do Cariry de 5 do corrente”, uma série esquecida de doze artigos que foram publicados no primeiro jornal de Joaseiro, O Rebate, entre 22 de agosto de 1909 e 25 de julho de 1910 (Ibid.).

[...]

Interessa observar que, seguindo o conselho dado pelo dr. Guilherme Studart, eminente historiador do Ceará, ao padre Barbosa, padre Cícero trocou correspondência com os missionários beneditinos do Quixadá, Ceará, os quais detinham título de propriedade de terras em Coxá. Segundo essa correspondência, datada de 14 de setembro, 28 de outubro de 1908 e 1o de janeiro de 1909 e encontrada no ACS, Correspondência com as Ordens Religiosas, o Patriarca convenceu o abade Bonifácio Jansen a não vender suas terras em Coxá aos outros proprietários interessados do Cariri (Ibid.).

Em seu depoimento, Francinilton expressou que, certa vez, quando estava em Coxá, escutou relatos de que pessoas ligadas à Renovação Carismática Católica já tinham interesse em colocar uma estátua no topo das pedreiras que existem no serrote. Porém, não era uma estátua do Padre Cícero, mas sim de São Francisco de Assis. Segundo o depoente, tal fato o levou a pensar e agir rápido, pois, para ele, não faria sentido, por melhor que fosse a intenção, fundar um monumento a São Francisco em um lugar que pertenceu ao padre Cícero:

Aí eu lá mais uma vez já com livros, já com tudo e nós lá, um passo que nós fizemos e Francélio já casado com Lila a filha, de seu Emídio Alves e Dona Dita. E com isso lá presente um cunhado de Ernandes [atual cuidador da capela do serrote] falou assim “o pessoal da Carismática (Renovação Carismática Católica) tão querendo colocar uma imagem de São Francisco [no serrote]” e eu raciocinando comigo “oxe, e por que uma imagem de São Francisco? Nada a ver!” ... isso aqui tem é a ver com o padre Cícero! E criou aquilo na minha mente o seguinte “rapaz, eu mexo com a história, vejo tudo isso aqui, tô mexendo com pesquisa, saber disso aqui e vou deixar isso acontecer? Nunca! ” (VIEIRA, F.R, 2021).

Assim, o devoto fascinado pela história das antigas minas conseguiu agir mais rápido. Com o auxílio de seu irmão que, mesmo doente, teve importante papel e com o suporte da família de sua cunhada, conseguiu com que a intenção se tornasse realidade. Colocou-se, em cima da pedra mais alta e direcionada ao sítio Coxá, a primeira estátua de Padre Cícero – passo fundamental para a sacralidade do local. Cabe-nos destacar a

semelhança com a representação presente na estátua do Horto, no Juazeiro do Norte, onde o Padre Cícero se encontra direcionado para a cidade.



Imagem 11: Francélio Rodrigues à frente, levando a “estátua da fundação”; logo atrás, seu irmão Francinilton e dois moradores da comunidade: Egildo (vestindo camisa branca) e Juaréz (vestindo camisa vermelha), em 25 de dezembro de 2012. Acervo de Francinilton Rodrigues, 2012.

Cenas como a mostrada na imagem acima (Imagem 11) foram e são comuns no cotidiano do Juazeiro do Norte, em que devotos costumam subir a ladeira do Horto com seus artigos de devoção para rezarem e pagarem promessas. Trata-se de uma simbologia que lembra a montanha sagrada, ou seja, a altitude, pois no imaginário católico quanto mais alto se chega para orar, mais interligado com Deus e com o céu se está. Além desta simbologia, podemos levar em consideração que muitos devotos atualmente sobem até o Horto, em Juazeiro, por considerarem que lá se encontra o “Padim”, devido ao fato de o sacerdote já ter habitado temporariamente o local quando em vida (RAMOS, 2014, p. 17). O padre se encontraria lá espiritualmente (no imaginário dos devotos) e nas representações artísticas que mostram cenas de sua vida (Museu).

Os dois irmãos foram peça chave para o resultado obtido naquele momento e na sua continuação ao longo dos anos. A primeira vez que os Rodrigues pisaram no solo do Coxá, ou seja, no início dos anos 2000, para a instalação da energia elétrica na comunidade, foi o início de um processo pessoal que, após alguns anos, floresceria pela

curiosidade de Francinilton. O casamento do irmão Francélio com uma moradora da comunidade permitiu com que o vínculo da família com o sítio não fosse quebrado. Assim sendo, os dois foram peças fundamentais para a materialização e espacialização da fé no “Padim” que hoje existe no local.

2.3 O natal de 2012: a “posse” da terra por seu “proprietário”

Deu certo! Antes que a Renovação Carismática instalasse no serrote uma estátua de São Francisco, Francinilton, junto com seu irmão e outras pessoas do sítio Coxá, conseguiu cantar, no alto da pedra mais íngreme, a primeira imagem, dando ao Serrote do Diamante uma nova configuração. O serrote saía do domínio natural e da exploração econômica mineral para a dimensão do sagrado, tornando-se qualitativamente diferente do espaço natural, lugar para peregrinação e estruturalmente construído para abrigar artigos religiosos ou relíquias que representam o santo, pois “é um espaço que passa a ficar aberto ao ritual e, em consequência, fechado às atividades de rotina do mundo diário” (ANDRADE, 2011, p. 213). Essa sacralidade é do tipo popular, que como mencionado anteriormente, é resultado de uma fé exercida com autonomia em relação à Igreja Católica, sem a necessidade do aval desta instituição para o seu exercício (ANDRADE, 2010, p. 133). Uma sacralidade constituída pela crença dos devotos e com a ajuda de todos os moradores interessados.

Na semana do natal de 2012 nasceu, no alto da pequena serra, um local de devoção que tomaria proporções inimagináveis. Uma iniciativa que foi acolhida e que levou ao desenvolvimento de um espaço sagrado de peregrinação. Sobre esse processo, Francinilton Rodrigues nos relatou:

Aí no sábado, na véspera de natal nós partimos pro Coxá e eu disse: “ó isso aqui vai ser fixada lá no Serrote do Diamante.” Menino, mas foi uma alegria tão grande rapaz! Foi assim emocionante. Francélio tava lá né, tava lá e tudo, mas foi aquela alegria viu Cícero [fala nostálgico] eu não esperava por aquilo tudo não... Aí, o que é que acontece? Quando foi assim de manhã umas oito horas, se uniu como você vê até nas fotos mesmo, Egildo, Ernandes né, e vamos levar a imagem lá, e eu sai a pé e tudo, batendo fotos nas cancelas lá e achando bonito [fala sorridente] tirando foto com chapéu de couro. E enquanto eles vinha atrás eu tava

na cancela esperando lá, foram pegar mais umas pessoas pra ajudar trazer as coisas, é... o cimento a água (VIEIRA, F.R, 2021).

Ele ainda nos relatou que adquiriu a estátua em dezessete de dezembro daquele ano, na feira de artigos religiosos que fica próxima à Capela do Socorro, e em seguida a levou até o túmulo do Padre Cícero para que, ao tocar-lhe, “benzesse” a imagem: uma prática comum entre os devotos que costumam visitar Juazeiro e adquirir artigos de devoção. Na época, Francélio estava o acompanhando nessa missão, apesar de já estar doente e fragilizado. Atualmente, no interior da capela, existe um banner com uma homenagem ao chamado “homem de fé” que, apesar das dificuldades, nunca deixou de lutar pela causa ao lado de seu irmão. Francinilton nos contou um pouco sobre isso:

É, a atuação de Francélio... primeiro que ele gostava muito de lá, mesmo solteiro, namorou uma menina lá, que eu não sei o nome, depois veio a minha ex-cunhada, a filha do seu Emídio Alves. Inclusive, ele vinha num tratamento de câncer, que vinha lutando desde os seus vinte e três anos, e com isso vinha nesse tratamento há pelo menos uns doze anos, ele mesmo assim continuando indo para lá, mesmo realizando tratamento de saúde, sempre gostou de lá! (Id.).

Os irmãos Rodrigues tiveram o auxílio de outras pessoas da comunidade para a fundação do espaço, principalmente aos ligados à família de Eliânia, esposa de Francélio. Uma dessas pessoas é José Ernandes, que já foi citado momentos antes neste trabalho. Ernandes garantiu aos irmãos que cuidaria do local, da pequena estrutura que cobria a modesta estátua na época. Ao conversarmos com José Ernandes, perguntamos como se iniciou essa materialização. Ele nos afirmou que acredita ter sido também uma forma de pagamento de uma promessa que Francinilton fizera ao padre de Juazeiro em intensão da saúde de seu irmão. Nos afirmou ainda que, quando foi convidado a cuidar do espaço recém criado, não teve dúvidas e aceitou de imediato:

É... porque um dia eu tava lá na minha casa, aí foi o Francinilton perguntou se colocasse uma imagem em cima da, da pedra do Serrote do Diamante, se eu tomava de conta... Aí eu falei que sim, e o padre Cícero é um santo que eu sempre tive fé, aí nós colocamos uma estátua pequena, aí choveu e estragou o pé da estátua... Aí foi nós dissemos: vamos fazer uma capela para colocar a estátua dentro da capela. Aí Francélio Rodrigues Vieira que foi o que morreu, o menino que morreu,

que teve o câncer com dezenove... com vinte e dois anos e morreu com trinta e quatro (SOUZA, J.E, 2021).

Um aspecto importante que se percebe a partir das palavras de Ernandes é a fé no patriarca. Ajudar na edificação de um espaço sagrado em homenagem a um santo é uma demonstração prática da fé que se carrega nele. Esta prática é muito comum na fé católica, na medida em os romeiros ergueram diversos espaços em resposta à fé no “Padim” ou, antes, quando o espaço da atual Matriz de Nossa Senhora das Dores foi construído pelo Padre Cícero com o auxílio daqueles que chegavam ao Juazeiro para lhe pedir amparo diante da seca que castigava o Nordeste. Sendo a construção da Matriz, antes pequena capela, uma forma de pagamento de promessa pela chegada das chuvas (LIRA NETO, 2009, p. 56).

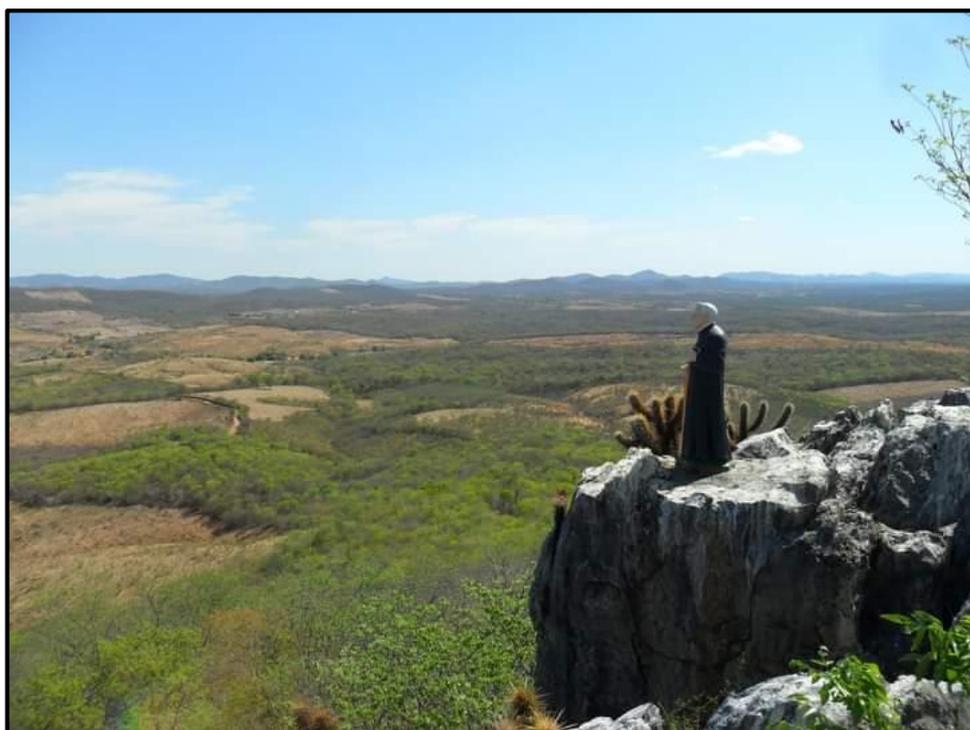


Imagem 12: Vista da primeira estátua colocada no alto do serrote. Acervo de Francinilton Rodrigues, 2012.

A partir de 25 de dezembro de 2012, estava fixada a estátua do Padre Cícero no alto da pedra do Serrote do Diamante. Foi a partir daí que se encaminhou a sua sacralidade, quando um fato mudou a característica comum de um determinado espaço, marcando daí em diante a sua sacralidade. Um fato como este, citado no capítulo primeiro,

aconteceu quando da fundação de Juazeiro como um espaço sagrado, quando o derramamento do sangue que se acreditava ser de Cristo escorreu pelos lábios de Maria de Araújo. Assim, com a fundação da estátua em Coxá, temos a criação de um novo espaço sagrado no Sertão, rompendo as esferas do comum, fazendo com que o Serrote do Diamante passasse de uma serra como tantas outras existentes na região para ser abrigo de um monumento religioso de devoção popular.

Com a imagem do “Padim” fixada no alto do serrote, antes que possivelmente fosse lá colocada uma imagem de São Francisco, ocorreu uma espécie de demarcação de um território religioso em favor de uma devoção específica. Como disse Francinilton Rodrigues, é o Padre Cícero “quem deve estar lá, já que tudo aquilo um dia foi de sua propriedade”. Temos, então, uma representação da posse de um território por seu antigo dono, o Padre Cícero, dono do Coxá, como dizem os seus devotos locais.

2.4 Do alto da pedra para dentro da capela: o desenvolvimento da espacialização.

Depois de fundado o espaço sagrado, através da colocação da estátua de oitenta centímetros no alto da pedra, os devotos idealizadores teriam pela frente um novo desafio: dar abrigo adequado a esta imagem, cuidando de sua conservação às intempéries, especialmente o sol forte e as tempestades sertanejas. Falava-se que não se devia deixar a imagem de um “santo” levando sol e chuva. Mesmo que tenha sido feita uma pequena cobertura sobre a estátua, ela não resistiu à força dos ventos e, segundo nos relatou José Ernandes, atual coordenador, a pequena estrutura foi arrancada diversas vezes. Assim, não restaria dúvidas, a “casa do santo” deveria ser uma capela sólida e segura.



Imagem 13: Representações do Padre Cícero em diversas imagens, na capela do Serrote. Acervo pessoal, 2021.

Construída a capela, foram colocadas várias estátuas em seu altar. Na foto acima (Imagem 13), podemos perceber algumas diferenças entre elas, como o tamanho e a cor da batina do padre, representada na estátua. A imagem principal, a maior, ao centro, está na cor branca, o que pode ser uma referência à cor branca da estátua do Horto, em Juazeiro. A estátua que foi fincada nas pedreiras também se encontra neste registro (a preta, à esquerda, com um laço preso ao meio). Várias outras estátuas, algumas bem pequenas (no canto inferior à direita e esquerda), aparecem no altar representando o padre vestido em sua batina preta, além de uma pintura, pregada a parede, uma referência à velha batina preta que Padre Cícero usava quando em vida. Além das diferenças nas representações de Padre Cícero, também podemos perceber o hibridismo da religiosidade popular (ANDRADE, 2010), ao observar diversas imagens de santos canonizados oficialmente, como Santa Luzia (quadro em tom de verde) e o Sagrado Coração de Jesus e Maria (que tem dois personagens, ao lado do de Santa Luzia). O oficial e o marginal dividem o mesmo altar no santuário do serrote.

Já era José Ernandes, coordenador na época, quando Francélio Rodrigues ainda era vivo, e em 2014, a pequena capela, que hoje abriga diversos artigos religiosos, começou a ser erguida. As dificuldades, segundo Ernandes, foram mais notáveis no

tocante à subida de material de construção do pé da serra até seu pico. Com a construção da capela, as estradas antigas, que eram usadas pelos mineiros, foram reformadas, facilitando assim a chegada de veículos até a parte mais alta da serra. Porém, quando se iniciou a edificação do santuário, o transporte não chegava até lá e o coordenador nos contou como era realizado este trabalho:

A dificuldade maior aqui foi subir o material nessa ladeira [aponta a subida íngreme que leva ao local] ... porque tinha que ser ou no lombo [dorso] de um jumento ou no espinhaço [nas costas humana]. E o caminhão só vinha deixar o material lá no pé da ladeira. Aí tinha que subir todo no espinhaço ou no lombo do jumento (SOUZA, J.E, 2021).

O relevo acidentado dificultava bastante o acesso. Mesmo assim, as obras se iniciaram e prosperaram ao longo do tempo. Foi a partir daquele momento que a devoção e a fé em Padre Cícero se manifestou na forma de gestos solidários, pois, como apontou o coordenador e outros depoentes, a comunidade abraçou a causa e ajudou na forma que pôde para que o processo de construção da “moradia de Padre Cícero”, no alto da serra se tornasse realidade. Além da capela, outro projeto foi posto em prática por Ernandes, Francélio e Francinilton. Desejava-se adquirir uma nova estátua do sacerdote em tamanho idêntico ao real, para que fosse proporcional a nova capela que estava sendo construída, que é pequena se comparada às igrejas ou outras capelas da região, mas grande em se falando do local em que fora erguida, no alto de uma serra e em meios a rochedos acidentados.

Para a aquisição de uma nova estátua de grande porte, tendo em comparação a primeira utilizada na fundação, o coordenador nos falou em seu depoimento que resolveu colocar um carneiro como prêmio de um bingo. Mais uma vez, a figura de um carneiro (desta vez como fonte de arrecadação de recursos financeiros) aparece em narrativas de nossos depoentes, reforçando essa representação sacralizada desse animal nas realizações cristãs. Com o dinheiro adquirido com a venda dos títulos (cartelas), ele conseguiu a quantia suficiente para fazer a compra da nova imagem em Juazeiro do Norte. Francinilton Rodrigues relatou sua alegria na época, em ver como a iniciativa chamou a atenção dos moradores e devotos do Coxá e de lugares vizinhos, fazendo com que a materialização da fé saísse de um sonho para se tornar realidade:

Lá no serrote lá do Coxá o interessante é assim, é que a comunidade pegou a causa lá, pegaram assim de coração! E hoje lá onde nós começamos com uma estatuazinha do padre Cícero, de mais ou menos seus oitenta centímetros de altura, a primeira, a da fundação... e com isso também, de saudosa memória o meu irmão Francélio Rodrigues Vieira depois resolveu levar uma maior lá, uma estátua maior. Inclusive foi ele que a pintou à mão de branco, a estátua né, e com isso hoje uma capela junto com a comunidade lá do Coxá, que fez uma capela... e com isso que eu sei é que no dia vinte de dezembro de 2014 a estátua chegou lá, foram deixar (VIEIRA, F.R, 2021).

Assim, como aponta o testemunho citado, foi no dia 20 de dezembro de 2014, cerca de dois anos após a primeira fundação, que foi levada ao serrote a nova e grande imagem do Padre Cícero, pintada de branco, à mão, por Francélio Rodrigues, que já estava em seus últimos meses de vida, mas com a fé e a coragem de sempre, como nossos depoentes que com ele conviviam fazem questão de reforçar. Na tarde daquele dia 20, data que mensalmente os devotos se vestem de preto e costumam fazer visitas ao serrote, de modo semelhante aos romeiros que se dirigem até o Horto no Juazeiro do Norte, uma procissão, segundo José Ernandes, de cerca de trezentas pessoas (SOUZA, J.E, 2021), saía a pé da capela de Nossa Senhora Aparecida, que fica no início do Sítio no sentido Oeste (Elinos), em direção ao Serrote do Diamante, acompanhando a imagem de vívido branco que era carregada com o auxílio de uma caminhoneta. Infelizmente, não conseguimos registros fotográficos da referida procissão.

No final de 2014 estava construída a capela do Padre Cícero no alto do Serrote do Diamante, passando a atrair, principalmente nos dias vinte de cada mês, um grande número de pessoas. Segundo o coordenador, o crescimento dessa sacralidade e a ajuda da população resultam principalmente da fé no patriarca do Juazeiro. Aliando este fator à forte cultura católica na comunidade do Coxá, ele afirmou que: “Eu acho que no Coxá todo mundo tem muita fé no padre Cícero, todo mundo já veio pra cá, já veio aqui, todo dia vinte tem muita gente e eu acho que o Coxá tá de parabéns! “ (Id.). Assim, percebe-se que as realizações das obras e a contribuição dos moradores das redondezas advém de uma devoção ao padre que não é canonizado pela Igreja, mas sim pelo povo.

Essa participação se deu por meio da fé dos habitantes do Coxá e região, considerando o Padre Cícero como santo e como fonte de graças recebidas. O espaço sagrado não é delimitado somente pela edificação de determinado monumento religioso em um dado local, mas antes de tudo é resultado de uma cultura de fé amparado na crença

religiosa – e nas práticas ali realizadas, como veremos no capítulo seguinte. Sobre essa fé presente no imaginário popular que se permite acreditar numa força do sobrenatural, Edianne Nobre (2010) argumenta que “ essa percepção de sagrado só é possível para o homem religioso, pois, para este, o espaço não é homogêneo, ele apresenta roturas, se mostra qualitativamente diferente em determinados pontos, isto é, o homem religioso se permite crer no desconhecido” (NOBRE, 2010, p. 23).

Assim, o espaço não se configura somente pelos meios físico-geográficos, mas também por uma cultura simbólica desenvolvida pelos sujeitos que habitam essas espacialidades, visto que cada uma é resultado das práticas dos que nelas residem. Sobre essa concepção de espaço, Durval Muniz de Albuquerque Júnior (*Apud* NOBRE, 2010) os define como:

[...] fruto das artes e astúcias dos homens que buscam definir fronteiras, estabelecer proximidades, distâncias e separações entre homens e coisas do mundo, dotá-las de certa ordem, torná-las inteligíveis, lançando mão para isto não apenas das explicações e compreensões racionais, mas também das fantasias, dos mitos, dos delírios, das luzes e das sombras (ALBUQUERQUE JR., 2008, *Apud* NOBRE, 2010, p. 22).

Portanto, cabe-nos destacar que a espacialidade sagrada que ressignificou o Serrote do Diamante a partir de 2012 não é fruto somente de uma ação de Francinilton para “demarcar” as terras como pertencentes ao sacerdote Cícero, mas também fruto de uma fé das pessoas que ajudaram, pessoas que, como afirma Edianne Nobre (2010), se permitem crer no desconhecido, no caso, na santidade do patriarca do Juazeiro e do santuário que abriga sua memória como dono daquelas terras.



Imagem 14: Vista externa da Capela que abriga as imagens e artigos de devoção, em sua estrutura atual. Acervo pessoal, 2021.

Essa materialidade não deixou de se desenvolver ao longo dos anos. Segundo observamos, por meio dos relatos de nossos depoentes, as reformas e ampliações da estrutura do pequeno santuário foram constantes desde 2014, quando foi inaugurada junto com a nova estátua do padre Cícero. Na imagem anterior (imagem 14) as dimensões dessa transformação podem ser observadas na estrutura do pequeno santuário, que já possui características semelhantes a de outros templos católicos avistados, carregando inclusive a cruz em seu topo frontal, símbolo primordial do catolicismo. Perguntamos a nossos depoentes como se encontra atualmente a estética do espaço. Manoel Ferreira nos narrou sobre o que viu, ao visitar o santuário pela última vez, antes de nos ceder seu depoimento:

Vixe, que tá bonito viu? Hoje tem energia solar, já na capela né, tem internet [fala alegre sobre] coisa boa né, que a gente não via aqui, tá com... Eu moro aqui diretamente, eu tô com cinquenta e sete anos já, quando eu nasci, cheguei, meu pai que nasceu e se criou aqui, nem energia tinha, nem internet, nem nada! Hoje tá uma facilidade aqui, né? Lá tem internet, lá tem energia solar, graças a Deus! (MENDONÇA, M.F, 2021).

Além da construção do espaço, este também acompanhou os rumos da modernidade com a instalação de energia solar para o clarear da capela e com a instalação de uma lâmpada no cruzeiro erigido no alto das pedreiras – sendo esta luz avistada de

vários pontos do município durante a noite. Por ser distante das residências e das fiações elétricas convencionais, Francinilton e Ernandes nos relatam que a energia solar foi a forma mais barata e prática de se chegar luz elétrica ao topo da serra. Segundo José Ernandes, os recursos foram adquiridos apenas com doações das pessoas do Coxá e comunidades vizinhas, ultrapassando a meta de arrecadação. Assim, com o auxílio de um especialista em energia solar, foi instalada a eletricidade. De acordo com os depoentes, essas melhorias no espaço têm sido constantes:

[...] lá o lugar está bem, assim, pra ser uma coisa nova né, que é uma novidade, é coisa nova... então lá tá bem organizado, o menino que é o coordenador de lá tá trabalhando bem né, já fez uma estrutura melhor né, pra chegada das pessoas... e com o tempo eu acho que lá vai melhorar muito. Se Deus quiser lá vai ter muita visita (ALVES, C.S, 2021).

Além das transformações estruturais do espaço, cabe destacarmos também as transformações na configuração geográfica do serrote por meio da construção de estradas para uma melhor locomoção até o local. Averiguamos que, para um curto espaço de tempo, considerando que nossa pesquisa possui uma espacialidade temporal de 9 anos, muita coisa foi realizada, transformando as antigas minas de cobre do Coxá em uma nova riqueza, porém, de cunho cultural e religioso.

Essa materialização foi o que proporcionou o adentrar do território do Serrote do Diamante na esfera do sagrado, fazendo com que essas práticas de fé, iniciadas por meio das ideias de Francinilton Rodrigues e da devoção de seu falecido irmão Francélio Rodrigues fossem fator de mobilização e valorização de uma cultura local, amparada na fé católica e no culto ao Padre Cícero como santo, mesmo que não canonizado, como ocorreu em Juazeiro e em várias paragens dos sertões.

Com a sacralização, o espaço ganhou ainda mais fama, atraindo pessoas de outras comunidades e até mesmo outros municípios. Além das atividades religiosas, aconteceram também outros tipos de visitas, como as turísticas realizadas pela Associação dos Filhos e Amigos de Aurora (AFA)²⁹, sob a guia de José Cícero, escritor e professor mencionado no início deste capítulo. Assim, a sacralização espacial do serrote não atrai

²⁹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ys6tjhXJrpc>>. Acesso em: 15 nov. 2021.

um tipo específico de público, como os devotos do “Padim”, mas também chama a atenção de pessoas interessadas em conhecer o lugar, suas características e belezas naturais, o que ligamos a um tipo de incremento turístico. Francinilton Rodrigues nos narrou que alguns o fato de diferentes pessoas entrarem em contato com ele a fim de saberem um pouco mais sobre a história do lugar, o que mostra a relevância do espaço e de sua história. Ele, concluiu, chamando atenção para o encanto sobrenatural do lugar:

Lá tem uns encantos né, dizem que lá o cobre nunca vai ser descoberto né... quem sabe se esse cobre é esse encanto que agora está lá? A fé do povo, fervorosa em nome do Nordeste, do Cariri, padre Cícero que tem a capela lá, né? Lá é aquela história assim, que os mais velhos falam que está encantado [risonho], e com isso né, eu até me arrepio ó [massageia os braços] ... então eu acredito Cícero que isso seja um milagre lá, que é a história que hoje está fundada lá nas Minas do Coxá, nas terras do padre Cícero (VIEIRA, F.R, 2021).

Em pelo menos três passagens em nosso trabalho, há uma alusão à “encantos”. Primeiramente, nos versos do poeta Cícero Saraiva; e posteriormente nas narrativas de Manoel Ferreira e Francinilton Rodrigues. A interpretação dos três gira em torno de um fator que os faz entender o serrote como encantado: o fato da exploração das minas de cobre nunca ter prosperado. Neste imaginário, as minas permanecem encantadas até hoje. Não é raro encontrar referências sobre a noção de “encanto” para os devotos do Padre Cícero. Os romeiros que costumam vivenciar o espaço sagrado do Juazeiro reconhecem a cidade e principalmente o Horto como um lugar encantado e cheio de mistérios (BRAGA, 2007, p. 385).

Todas essas interpretações presentes nas narrativas de nossos depoentes fazem parte de um conjunto de memórias por eles assimilados, sendo este ato de rememorar advindo de experiências individuais como testemunhas oculares de determinados acontecimentos por eles expostos ou provenientes de uma memória coletiva, geralmente passada para as gerações posteriores por meio das tradições orais que cada comunidade possui. Sobre o fator determinante do ato de rememoração, em discussões sobre metodologias de aplicação em História Oral, Lucília Delgado (2010) argumenta que:

O ato de relembrar insere-se entre as possibilidades múltiplas de registro do passado, elaboração das representações e afirmação de

identidades construídas na dinâmica da História. Portanto, a memória passa a se constituir como fundamentos de processos identitários, referindo-se a culturas, comportamentos e hábitos coletivos, uma vez que o relembrar individual relaciona-se à inserção social e também histórica de cada depoente (DELGADO, 2010, p. 46).

Exemplos dessa memória social estão presentes nas interpretações que foram vislumbradas no decorrer das narrativas. Essas interpretações resultam também de uma observação de fatores culturais, de matiz religiosa, como no caso do Sr. Manoel Ferreira, que vê a nomenclatura “Serrote do Diamante” enquanto resultado da visão de um homem com um carneiro dourado no local – fato também representado na poesia de Cícero Saraiva. Assim como nas narrativas de Francinilton Rodrigues, que fornecem várias informações advindas de suas leituras sobre a temática das minas de cobre do Coxá, como no exemplo da palavra “Izaíras”, utilizada para fazer referência à parte leste da comunidade e que seria uma homenagem a uma das filhas (Zaíra) do engenheiro de minas, o francês Conde Adolphe – fato também abordado por José Cícero em seus escritos sobre a temática.

Em meio às memórias individuais que, ao mesmo tempo, estão inseridas numa coletividade, são dois eixos que constituem um “serrote encantado”. Memórias elaboradas por meio de processos cognitivos que são fontes de significados e experiências de uma comunidade (DELGADO, 2010, p. 51). Um eixo pelas vias das atividades de mineração que mostravam alta possibilidade de extração de riquezas em um dia e que desanimavam os trabalhadores no outro, voltando à estaca zero, como falou Manoel Ferreira. Outro pelas vias do sagrado, ao se ter a configuração de uma isolada serra em um espaço devocional de culto ao catolicismo popular enraizado na fé em Padre Cícero e materializado nos tradicionais artigos religiosos.

Duas faces interligadas pela história, pela posse litigiosa das terras por um padre que desejava obter recursos financeiros através da mineração para a criação de um bispado no Cariri, na esperança de que o primeiro bispo lhe devolvesse suas ordens sacerdotais, o que jamais ocorreu.

Mas, se é hoje o Serrote do Diamante, ou qualquer que seja o nome pelo qual é chamado, um espaço sagrado, como isso ocorre? Quais os fatores que caracterizam a sacralização de um espaço? Essa sacralidade surge por meio de um conjunto de práticas advindas do catolicismo popular, não requerendo da Igreja autorização para isso. A fé dos

praticantes seria suficiente para a santificação de um espaço ou para a beatificação e canonização de um santo por seus próprios devotos, como é o caso do Padre Cícero. Então, para entendermos melhor essa sacralização, vamos discutir quais práticas santificaram um determinado espaço e quais proporcionaram ao Serrote do Diamante a imagem de santuário e quais fatores presentes na comunidade constituíram essa sacralidade.

CAPÍTULO III

PRÁTICAS DA FÉ: ESPAÇO SAGRADO NO SERROTE DO DIAMANTE

“O espaço é um lugar praticado.”

(Michel de Certeau, 1998)

No capítulo anterior, vimos que aconteceu no Serrote do Diamante o que se pode chamar de uma junção (comum e sagrado), em que um determinado espaço natural passou por uma reconfiguração de seu significado a partir de novas práticas sobre ele, práticas culturais. Essa junção se deu através da passagem do território da serra, na concepção teórica de Mircea Eliade, de um caráter profano para o sagrado, ao mesmo tempo em que estas duas esferas estão presentes no mesmo local. Mas se o serrote passou a ser um ponto de referência para o exercício da fé católica, especialmente amparado da figura do “Padim Ciço”, cabe-nos entender como e através do que se deu essa reconfiguração da serra como espacialidade sacralizada.

Neste último capítulo, tentaremos entender como se tem se dado a sacralização popular de um espaço, através de diálogos com alguns autores que trabalharam este tipo de temática em outras paragens do sertão, especialmente ligadas à figura do Padre Cícero. Com esse fim, auxiliará nossa reflexão estudos sobre história cultural e social para entendermos também como as práticas cotidianas contribuíram para essa espacialização da fé. Além disso, iremos nos debruçar mais uma vez sobre os depoimentos orais, nossa principal fonte, através de nossas entrevistas com nossos depoentes, nossas fontes, para averiguarmos o papel das práticas de devoção popular na constituição do serrote sagrado.

3.1 Como se sacraliza um espaço: práticas do catolicismo popular no Sertão

Vimos que o Serrote do Diamante passou por duas fases de concepção ao longo de nossa análise: uma mais profana, quando foi uma jazida de cobre explorada desde os tempos do padre de Juazeiro e Dr. Floro e, posteriormente, por diversas empresas de

mineração, uma delas, apenas dois anos antes da fundação do espaço sagrado; e uma mais sagrada, em que se tem um ponto de adoração ao “santo popular do Juazeiro”, construídos por meio das iniciativas dos irmãos Rodrigues e do apoio dos moradores do sítio do Coxá e região.

Uma característica marcante nos devotos do Padre Cícero é a disposição para o trabalho voluntário em prol de edificações ou obras de outra natureza, sendo observado especialmente nos tempos da sacralização e crescimento de Juazeiro do Norte, como vimos no primeiro capítulo. Esse trabalho para Deus e suas motivações serão brevemente analisados por nós ainda neste capítulo. Mas, por ora, pensemos em como se constitui um espaço sagrado por meios populares, ou seja, sem a participação ou autorização da Igreja Católica. Quais práticas constroem o sagrado? Quais as características de um espaço sagrado e como reconhecer um?

A transformação de um determinado lugar comum, profano, em sagrado pode ser percebida diretamente em suas características materiais. No caso do Serrote, não temos mais as pedreiras e sua mata em estado natural, mas sim uma paisagem cultural, modificada pelo homem, com a construção da capela e de outros símbolos católicos no alto da pequena montanha. Então, quais traços guardam esses lugares sagrados nos sertões?

Ao desenvolver tese sobre a beatificação popular de três sujeitos comuns, mortos de forma trágica no estado do Ceará, durante o século XX, Michele Ferreira Maia (2010) identifica os traços presentes em lugares que guardam a memória desses “santos do povo”, como as capelas e túmulos, locais que atraem visitantes que passam a fazer ali depósito de artigos de devoção. Por meio das práticas de fé, como a oração, o acendimento de velas, o ato de deixar flores, imagens, efígies ou molduras em madeira, que representam o pagamento de promessas por enfermidade em determinada parte do corpo (os chamados *ex-votos*). Por meio desses bens, matérias no formato e símbolos na representação, esses lugares acabam mostrando a crença na atuação do santo na resolução dos problemas daqueles que a ele cultuam, sendo mais uma forma de materialização da fé:

Ex-votos esculpido na forma de cabeça, braço, perna, seio, pescoço e mão são os mais presentes: é a doença esculpida na madeira, o sinônimo da cura e do pagamento de promessa. A madeira já não é a madeira, mas a presença do sagrado, ou como muitos devotos costumam se referir aos *ex-votos* nos lugares de devoção, são os milagres. De fato,

os diversos ex-votos compõem a materialidade da fé (MAIA, 2010, p. 21).

Essa materialidade presente nos espaços considerados sagrados são símbolos de uma fé e de práticas de devoção, como a realização e pagamento de promessas, sendo fator caracterizante desses lugares onde a presença do sagrado se dá por meio do culto a santos, inclusive os popularmente canonizados. Apresentamos esse exemplo do trabalho de Michele Maia para demonstrar que não é diferente no espaço da capela do Serrote do Diamante. Ao dialogarmos com nossos depoentes, indagamos sobre a presença de ex-votos, ou seja, a presença de materiais devocionais que simbolizem o pagamento de promessas no santuário do serrote. Sobre estes artigos de devoção, a catequista da comunidade, Dona Cecília Alves, narrou:

Lá já tem uns exemplos né, de promessas, pessoas que já vão agradecer. Tem imagens... por exemplo, nessa pandemia... tem máscaras, acho que alguém fez sua devoção né, e devolveu alguma máscara. Tem roupinha de criança, e que todos é... agora não, que a gente não tá podendo soltar fogos [por causa da vegetação seca] mas tem muito exemplo lá, muitos terços lá [...] acho que o povo faz promessa algo assim e deixa o terço lá né? (ALVES, C.S, 2021).

Como aponta nossa depoente, essas práticas de pagamento de promessas materializadas em artigos de fé também se realizam no espaço dedicado ao Padre Cícero no sítio Coxá de Aurora - CE, evidenciando que são costumes tradicionais, no sentido de serem reproduzidos nos espaços sagrados espalhados pelo sertão.



Imagem 15: Vista do interior da capela, onde se pode notar a presença dos diversos objetos de devoção, além de ex-votos. Acervo pessoal, 2021.

Além desses exemplos presentes no Sítio Coxá, ou nos espaços descritos por Maia (2010), há o exemplo de Juazeiro do Norte. Na chamada Casa dos Milagres, no alto da Colina do Horto, existe um sem número de ex-votos depositados pelos devotos. Essa materialidade é também uma forma de mostrar o grande número de promessas pagas e graças alcançadas, sendo também uma forma de dar credibilidade ao poder intercessor do Padre Cícero. O que atrai ainda mais pessoas para a realização de mais promessas, pois essa materialidade é a representação da eficácia dos poderes do santo, constituindo assim a sacralidade do local por meio da referida prática (MAIA, 2010, p. 111).

Essa materialidade da fé advém da devoção dos populares que visitam estes locais considerados sagrados e que acreditam na eficácia dos poderes do santo. Em nosso caso, no santo “canonizado” fora das ordens oficiais da Igreja, como já frisado diversas vezes. Ainda nos debruçando nos estudos de Michele Ferreira Maia (2010), ela nos apresenta a canonização popular de três santos que foram sujeitos comuns, com uma visibilidade exageradamente menor que a do Padre Cícero. Porém, o que o sacerdote e os três santos³⁰ discutidos por Maia têm em comum é o fator do sacrifício quando em vida, pelo passar de martírios e injustiças. A vida dolorosa dos sujeitos ou sua incapacidade de se defender perante a morte relativamente contribuem para sua santificação por meio do imaginário e das práticas populares.

No caso do Padre Cícero, segundo Francisco Régis Lopes Ramos, as perseguições da diocese e da Igreja ao sacerdote aparecem na visão de seus devotos como uma provação, um martírio, reforçando-se este entendimento pela passividade do padre para com seus acusadores de embuste. Segundo Ramos, “as narrativas dos devotos mostraram não somente a injustiça, mas também as graves consequências que os injustos podiam sofrer. Ainda mais: evidenciaram uma característica dos santos, quer dizer o sofrimento e a humildade do Padre Cícero diante das perseguições” (RAMOS, 2014, p. 84).

Sendo o padre popularmente santificado, há a tendência de se edificarem lugares de memória em honra a seus milagres. Ao utilizar a figura do Padre Cícero para escrever sobre a cultura sertaneja, Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros (1988), apoiada nas ideias de Gramsci³¹, aponta que o catolicismo popular tende sempre ao materialismo, sendo

³⁰ Dr. Olavo Cavalcante Cardoso, morto por assassinato na sua Fazenda Xavier, em Crateús, em 1969; Isabel Maria da Conceição, assassinada na serra de Reriutaba, em 1929; João Ferreira Gomes, vulgo João das Pedras, morreu eletrocutado em São Benedito, em 1978.

³¹ Filósofo marxista italiano (1891-1937).

também este materialismo uma forma de manter viva seus costumes devocionais, considerados não-santificados (assim como os santos populares) pela Igreja Católica romanizada. É também, como aponta a autora, uma forma de resistência do grupo tido como dominado, uma luta surda (BARROS, 1988, p. 146).

Ao escrever breve artigo sobre duas devoções populares a crianças que morreram de forma trágica, presentes na região do Seridó, no sertão do Rio Grande do Norte, Antônio Alves O. Neto e Lourival Andrade Júnior afirmam que a prática de se erguer espaços sagrados, como capelas, em honra a sujeitos comuns que são santificados popularmente podem ser chamadas de devoções marginais, sendo que:

As devoções marginais são caracterizadas pela não intermediação por parte dos agentes eclesiais nas suas exteriorizações de fé, estabelecendo assim uma relação mais íntima do milagreiro com o devoto. Os fiéis já não permanecem só nos espaços institucionalizados como lugares de adoração e veneração, agora passam a territorializar com elementos sagrados novos espaços sem se importarem com a aprovação da Igreja (OLIVEIRA NETO & ANDRADE JR., 2013).³²

Nesses termos, no sítio Coxá, acontece mais um exemplo de devoção marginal à Igreja, visto que a edificação proporcionada pelo auxílio dos devotos e as práticas de catolicismo por estes exercidas no serrote também não estão relacionadas a influência da Igreja Católica Oficial. É preciso destacar que, também existem distâncias entre essas histórias porque, mesmo até o presente momento Padre Cícero não se encontrar canonizado pelo Vaticano, a Igreja católica do juazeiro realiza eventos religiosos que, de alguma forma, remetem ao Padre Cícero: romarias, missas e celebrações públicas e festividades. Ainda não permite que seja feita ereção de uma capela em seu nome, algo que nem mesmo em Juazeiro ainda aconteceu, mas se relacionam de forma contraditória com a memória do “Padim Ciço”. Mesmo considerando os limites dessa marginalização, a construção do espaço sagrado no Serrote em Coxá aparece como um exemplo de devoção exercida às margens da oficialidade do catolicismo romanizado, que ainda não reconhece o “Padim” como santo da Igreja Católica.

Ao conversarmos com o coordenador das principais ações no local, José Ernandes de Souza, perguntamos se na capela já havia acontecido algum ato religioso que envolvesse a Igreja Romanizada. Ele nos contou que sim, pois já aconteceu uma missa

³²A construção de duas devoções no município de jardim do Seridó-RN: Aproximações e distanciamentos. Natal: XXVII Simpósio Nacional de História – ANPUH, 2013.

presidida pelo padre da Paróquia Senhor Menino Deus, padroeiro do município de Aurora, no ano de 2016. Segundo o depoente, a celebração, realizada no período da manhã, reuniu grande número de pessoas (SOUZA, J.E, 2021). Um fato que nos chamou atenção, a realização de um sacramento oficial em um local construído à margem da Igreja. Tendo como exemplo a paróquia de Aurora, seria um sinal de uma maior aceitação por parte da Igreja quanto a santidade do padre de Juazeiro? Resolvemos fazer esta pergunta à dona Cecília Alves, catequista. Sobre essa celebração da missa no espaço sagrado do serrote em 2016, ela nos falou que:

Já é aceito né, que até logo no início o padre dessa época, que era padre Antônio, ele disse que não poderia fazer assim, por exemplo: não poderia a capela ser publicada como “capela do padre Cícero” porque como padre Cícero não tinha sido canonizado não podia está em capelas, que no Juazeiro mesmo ele ainda não tem nenhuma capela [que carregue seu nome] né... então a comunidade reuniu com ele e disse “padre Antônio, não é uma capela, é um santuário”..., era pra assim dizer, “é um santuário, é um templo de oração, pra imagem [estátua do Padre Cícero] não ficar no meio do tempo foi construído essa capela pra proteger a imagem, né?” (ALVES, C.S, 2021).

Pelas palavras de Dona Cecília, mesmo que haja uma aceitação, o tratamento para com a figura do padre de Juazeiro ainda requer certo cuidado, pois a capela não pode receber o nome do Padre Cícero, como pontuou o sacerdote que celebrou a missa nela. Ainda segundo nossa depoente, ela mencionou que o padre já foi perdoado, mas não foi canonizado. Por isso, não pode ser classificado como santo oficialmente. Se não é santo, não pode, segundo a tradição católica, receber capelas e outros espaços sagrados em seu nome. O perdão ao padre tão perseguido por uns e santificado por outros no sertão do Ceará, viria no pontificado de João Paulo II a ter sua primeira chance de acontecer, instigada pelo então prefeito para a Congregação da Doutrina da Fé, Joseph Ratzinger, o qual foi o Papa Bento XVI, sucessor de João Paulo II (LIRA NETO, 2009, p. 17).

Além de uma missa celebrada pelo pároco de Aurora em 2016, no mesmo ano aconteceu uma cavalgada, em que dezenas de pessoas a cavalo, outras a pé ou em veículos, se deslocaram em peregrinação pela estrada do sítio até o topo da serra onde fica a capela. Segundo nossos depoentes e pelo que pudemos observar como expectadores da referida prática, o ato se tratava de um pagamento de promessa.



Imagem 16: devotos em meio às pedreiras do serrote, ao redor da capela, assistindo à missa celebrada no local pelo então pároco de Aurora em 20 de setembro de 2016. Fonte: página de Francisca Rodrigues no *Facebook*.³³



Imagem 17: Cavaleiros participam da cavalgada realizada para o assentamento da imagem de Nossa Senhora Aparecida nas pedreiras do serrote. Acervo pessoal, 2016.

O objetivo consistiu em levar uma imagem de Nossa Senhora Aparecida e fixá-la em um dos rochedos próximos à capela, mais um exemplo de tradição católica. Além da cavalgada, outros eventos também costumaram reunir significativo número de pessoas em procissão a caminho do espaço sagrado:

Teve uma cavalgada... no dia que a estátua veio teve muita gente também, veio quase umas quinhentas pessoas quando foi pra nós trazer a estátua na procissão, e Maurílio [morador do Coxá] fez uma cavalgada. E teve uma festazinha no aniversário da capela, já teve duas festazinhas (SOUZA, J.E, 2021).

Esses eventos que atraem a participação coletiva são mais exemplos de práticas que ajudam a sacralizar o Serrote do Diamante, quando guiados por suas motivações pessoais os devotos passam a fazer parte de um contingente que se desloca de suas casas

³³ Disponível em: <https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=

192697234485631&id=100012360663303>. Acesso em: 17 nov. 2021.

em direção ao pico de uma montanha para fazer suas orações, participando destes costumes da fé católica popular. Segundo Edianne Nobre, “a peregrinação é uma prática que surge no século V e também é chamada de ‘romaria’, pois alude aos deslocamentos feitos até Roma. É uma viagem ao sagrado e condensa as relações entre tempo e espaço, onde a própria vida humana é tomada como uma peregrinação individual inscrita na peregrinação coletiva da Igreja” (NOBRE, 2010, p. 86). Assim, as práticas de se realizar peregrinações são costumes em comum desde a época em que Padre Cícero era vivo, primeiramente em alusão ao “precioso sangue” derramado pela hóstia que se transformara na boca da beata Maria de Araújo. E, depois do apagamento feminino do enredo, as peregrinações eram realizadas em homenagem ao próprio padre, santificado por aquelas devoções ainda em vida.

Interessa-nos destacar como essas devoções, aqui chamadas de marginais, se espalham pelo sertão e se edificam, chegando em dezembro de 2012 ao sítio Coxá. Como já frisado anteriormente, essas devoções não necessitam de um alvará da Igreja para acontecerem, isto contribui para essas práticas serem designadas de populares. Exemplos como os apontados por Maia (2010) e por Oliveira Neto & Andrade Jr. (2013) nos mostram como essas sacralizações espaciais nos sertões não são limitadas à região do Cariri, mas são costumes que são vislumbrados em outras áreas do Ceará e do Nordeste. Da mesma forma, espaços sagrados semelhantes também podem ser encontrados em outras paragens do sertão, como por exemplo em Farias Brito, na região sul cearense, em que uma capela erigida sob uma pedra é ponto de adoração ao referido “Padim”, chamada de Capela da Pedra Redonda:

Partindo do pressuposto de que a pluralidade das construções de capelas, de certo modo, está ligada a um “santo” de devoção por motivo de pagar uma promessa na forma de um ex-voto, a capela estudada não foi construída por esse motivo de graça alcançada. No entanto, sua finalidade no aspecto religioso não se diferencia por não ser uma construção de um ex-voto, e continua sendo simbolismo de adoração de uma figura religiosa (ALCÂNTARA, 2017, p. 284).

Como aponta Alcântara (2017) em seu artigo, o que de fato continua sacralizando um local são as práticas de fé lá exercidas, não sendo necessário que a ereção de um determinado templo seja fruto de um pagamento de promessa. Essas novas espacialidades sagradas são, segundo Edianne Nobre (2010), resultados de um ato de crença, uma vez que essa crença atua como uma organizadora de práticas que sacralizam um determinado

local, deixando este de ser apenas uma territorialidade comum (NOBRE, 2010, p. 24). No caso do Coxá, Francinilton Rodrigues aponta em seu depoimento que seu motivo de promover a fundação do espaço sagrado, junto com seu irmão, foi o fato de sentir a necessidade de o local ser demarcado com a imagem de um santo que tem tudo a ver com a história da localidade. Ao invés de ser dedicado a outro santo que, mesmo canonizado e conhecido (São Francisco de Assis), não tem o mesmo peso na história do Coxá como também na devoção sertaneja como o Padre Cícero. Uma demarcação territorial sagrada se deu não somente com o rompimento do espaço comum (profano) mas também com a “posse” das terras por aquele que as possuiu.

O culto aos santos popularmente canonizados, seja o conhecidíssimo Padre Cícero Romão Batista ou os sujeitos de menor visibilidade, como as crianças que morreram de forma trágica no Seridó potiguar ou os três adultos que se tornaram santos populares no Sertão dos Inhamuns cearense, é o que faz acontecer o surgimento de novos espaços sagrados no interior nordestino, estando isto embasado no ato de crer, de se permitir crer no desconhecido. Segundo Michel de Certeau (1994, *Apud* NOBRE, 2010, p. 24) “ a crença organiza práticas, mas essa ‘crença’ não é o objeto do crer (um dogma, um programa, etc.), mas o investimento das pessoas em uma proposição, o ato de enunciá-la considerando verdadeira”.

Amparadas no ato de crer, essas práticas se fazem presentes na capela do Serrote, fato evidenciado pela narrativa de nossos depoentes e por aquilo que pudemos vislumbrar quando de nossas vistas ao santuário, como observado na imagem anteriormente exposta (Imagem 15), é notável a caracterização do local, observado já alguns possíveis ex-votos e diversas imagens e terços no local depositado. A fé depositada no “Padim”, enquanto verdadeiro santo dos sertanejos, teve como resultado a materialização e espacialização dessa fé. Sobre a devoção no Padre Cícero, o senhor Manoel Ferreira diz:

Quando é nos dias vinte lá é bem animado viu, animado demais! Eu mesmo vou, vou rezar o terço pra meu padim Ciço, agradecer a graça que ele me deu e rezar por todos né, de minha família... meu padim Ciço é milagroso, você tiver aperreado e se valer de meu padim Ciço, é válido... nós somos romeiros aqui de meu padim Ciço. Hoje a qualquer momento, se você se valer de meu padim Ciço você é atendido, meu padim Ciço é um santo! (MENDONÇA, M.F, 2021).

Uma vez concebidos como uma verdadeira fonte de bênçãos e milagres, esses locais passam a receber um maior quantitativo de peregrinos a medida em que vão sendo

conhecidos. Um dos principais fatores desse conhecimento é que um certo número de devotos passa a fazer promessas e, uma vez atendidos, passam a depositar os ex-votos nesses locais sagrados como uma forma de materializar os milagres alcançados. Conforme a quantidade de relíquias sagradas vai aumentando no interior desses espaços sagrados, mais confiança no santo popular é depositada, fazendo aumentar o número de novas realizações e pagamentos de promessas, celebrações religiosas, como missas ou terços, acendimento de velas, lançamento de fogos de artifício e peregrinações, é um ciclo que não cessa facilmente. A crença, aliada às ações desempenhadas pelos principais desenvolvedores dos projetos de edificação em Coxá, se mostraram presentes numa importante prática que é costumeira entre os devotos do padre de Juazeiro, as ações voluntárias. E é sobre elas que vamos discutir a seguir.

3.2 Trabalho voluntário: o exercício da devoção

Depois de demonstrarmos que práticas como realização de promessas e o pagamento da graça alcançada pelo depósito de ex-votos nos locais de devoção, dão um caráter simbólico de sagrado ao local, vamos discutir mais uma importante prática neste processo: o trabalho voluntário.

Como demonstrado no capítulo 1 deste trabalho, as primeiras sacralizações de espaços advindos das práticas de romeiros do Padre Cícero começaram em Juazeiro, quando ele ainda era vivo, devido ao incessante fluxo de peregrinos que recebia dia após dia. Esse trabalho era amparado na relação de reciprocidade, em que o sacerdote dava apoio material aos seus “afilhados” e estes trabalhavam nas obras de construção ou como rendeiros nas terras do “Padim”. Trabalhar para o Padre Cícero era uma realização espontânea executada por seus romeiros, dando origem a alguns espaços sagrados, como a matriz de Nossa Senhora das Dores.

Hoje em dia ainda existem espaços sagrados surgindo pela ação dessa fé presente no imaginário dos devotos do Padre Cícero. No caso do Coxá, esse surgimento foi abraçado pela população local e das circunvizinhanças, o que resultou na ereção da capela que guarda a imagem do Padre Cícero no alto do Serrote do Diamante, hoje território sacralizado pelas práticas de fé dos seus visitantes. Esse exemplo de sacralização espacial na figura de Padre Cícero é uma demonstração de como símbolos de fé e devoção no santo surgem em outras temporalidades e espaços. Como aponta Durval Muniz de Albuquerque Jr. (2016, p. 248) “ as formas, os signos, também rompem as camadas de

temporalidade e afloram em outros tempos, em outros espaços”. Então, mesmo com dezenas de anos, na verdade mais de um século após as primeiras sacralizações espaciais ocorridas pelo trabalho voluntário dos romeiros em Juazeiro, é normal identificar exemplos contemporâneos, como o do Coxá. Não que as práticas sejam imutáveis, não que a fé seja representada da mesma forma. Mas essa fé, mesmo acompanhando as práticas do tempo ao qual é exercida, continua a promover fundação de espaços sagrados em honra à santidade e à memória do Padre Cícero, porque são tradições inventadas (HOBSBAWM, 1997).

No sítio Coxá, as ações voluntárias foram acompanhadas pelo apoio material e financeiro da comunidade. O que dá a este exercício voluntário diferentes papéis aos sujeitos que o executam. Sobre as ações que deram início ao processo de edificação e que modificaram aos poucos o espaço sagrado no serrote, José Ernandes falou que:

Nós conseguimos comprar outra estátua no Juazeiro do Norte, onde a estátua foi mil e duzentos reais, essa estátua grande que é de um metro e sessenta, hoje. Aí foi, nós construímos a capela, eu saí pedindo ajuda ao pessoal das comunidades... que aqui não é só minha nem só sua, é da comunidade, aqui foi tudo através da comunidade que nós conseguimos esse recurso pra fazer essa capela (SOUZA, J.E, 2021).

Evidencia-se uma cultura de fé presente nas ações dos moradores do Coxá, uma vez que, segundo nosso depoente, a comunidade de modo geral se mostrou apta às doações necessárias para a construção do monumento religioso. Isso reforça uma identidade católica presente na cultura local, fator que molda também as identidades coletivas da localidade. Sobre identidades, Emerson José F. Sousa (2021) aponta que estas existem em dois níveis:

[...] existem primeiramente a nível pessoal para então, depois, definirem dimensões mais amplas das pertenças. Elas produzem a coletividade comunitária sem, no entanto, perder o lado subjetivo. Em outras palavras, definimos que as identidades coletivas constituintes das espacialidades locais existem a partir da agregação das formas pessoais de pertencer e de significar as comunidades (SOUSA, 2021, p. 203).

Assim, percebemos essas doações e os trabalhos voluntários exercidos por alguns sujeitos do Coxá como uma forma de pertencer à comunidade e à religião católica, evidenciando-se assim uma identidade coletiva a partir das ações individuais de cada um que participou de forma direta ou indireta da constituição dessa materialidade no Serrote do Diamante.

Com o apoio financeiro, necessário para um mundo movido pelas ações do mercado capitalista, foi conseguida a edificação da capela para abrigar a estátua de maior porte, adquirida em Juazeiro do Norte. Essa ajuda monetária, seja pelas doações diretamente realizadas em dinheiro, seja pela compra de cartelas nos bingos promovidos para arrecadar recursos, ou mesmo as quantias depositadas diretamente no cofre dedicado a doação de dinheiro presente no interior da capela. São ações que também fazem parte do que chamamos de trabalho voluntário, pois são ações que ajudam a edificar os locais sagrados por meio daqueles que ajudam de forma direta (pedreiros, serventes, etc.) nesse processo de construção do espaço.

Os Sujeitos que subiam o Serrote com os materiais para a construção da capela de padre Cícero lembram os devotos do “Padim” que, em Juazeiro, subiam a Serra do Horto para a construção da igreja que o padre tanto sonhava, sonho que a diocese não o deixou realizar. Satisfeitos em apenas serem abençoados pelo Padre Cícero, os romeiros subiam a serra com tijolos, madeira e outros materiais. Subiam a pé, pois não havia transporte de cargas que chegasse ao topo da serra naquela época, sem cobrarem nada, apenas desejosos de servirem e de terem consigo a recompensa da proteção espiritual (RAMOS, 2014, p. 129).

São diferentes práticas em diferentes tempos, mas, pelo que pudemos perceber em nossas pesquisas de história oral, são movidas por um fator em comum, a fé no Padre Cícero. O senhor Manoel Ferreira nos relatou que:

Sim, assim, a gente ajuda no que pode, né? Cada um dá a contribuição e eu o que for do meu alcance e o que precisar, lá pra meu Padim Ciço pra o Serrote do Diamante, eu tô à disposição. Se eu não puder contribuir muito, contribuo pouco do jeito que eu puder e que minha condição der, mas eu não deixo de contribuir (MENDONÇA, M.F, 2021).

Essas práticas se inscrevem em uma vivência religiosa que, seja no imaginário ou na memória local, tem no Padre Cícero sua referência de fé. Tal processo pode ser classificado como uma reprodução cultural, que segundo Bourdieu (1970) “refere-se à tendência da sociedade em geral de se reproduzir inculcando valores do passado na geração que desponta” (*Apud* BURKE, 2012, p.113). Estes valores advindos do passado e reforçados no presente são exemplos das reproduções advindas das identidades culturais formadas em cada espacialidade, como na comunidade rural do Coxá, tipicamente católica e de fé efervescente no Patriarca de Juazeiro.

Segundo Sandra Pesavento, o imaginário é construído e remodelado a cada época pelos valores vigentes na sociedade que a molda, comportando crenças, mitos, ideologias e valores e sendo um construtor de identidades e exclusões (PESAVENTO, 2014, p. 43). Assim, a santidade do Padre Cícero também é um imaginário remodelado a cada época, visto que os devotos de hoje, embora tenham fé, obviamente não agem da mesma forma que os do fim do século XIX e início do XX, pelo fato dos referenciais e demandas serem outras. Não temos somente uma alteração no imaginário de representação da figura do patriarca, mas também nas mudanças sociais, econômicas e no tratamento da questão pela Igreja, hoje bem mais próxima da causa do Padre Cícero para não perder fiéis para outras religiões, por exemplo. Assim, poderíamos descrever as ações voluntárias dentro dessas colocações de reconstruções culturais que fazem parte de um imaginário e memória coletiva que se remodela a cada geração ou a cada época pelos sertões.

3.3 Coxá e catolicismo: fé e tradição na constituição cotidiana

Cabe-nos, portanto, destacar que o culto prestado ao Padre Cícero possuiu (ou de fato, ainda pode possuir) duas vias de interpretação: a de seus devotos e romeiros, que o consideram um santo; e a da Igreja Católica Apostólica Romana, que o considerou um sujeito que foi de encontro aos dogmas e diretrizes institucionais. Sobre essa questão, Luitgarde Oliveira C. Barros (1988) afirma que:

Tentávamos entender a radicalização da Igreja em considerar “obras do demônio” todas as manifestações religiosas de Juazeiro, condenando inclusive a veneração que os matutos tiveram ao padre Cícero vivo e o culto que lhe fazem após sua morte. Isto nos pareceu, antes de tudo, um caso claríssimo de decodificações opostas de um mesmo símbolo (BARROS, 1988, p. 167).

É a prevalência desses dois pontos de vista que fizeram ocorrer a Questão Religiosa de Juazeiro, fato que levou a proibição do exercício das ordens sacerdotais de Padre Cícero e a sua excomunhão em 1917. Porém, cabe observar que as práticas interpretadas como fanatismo por parte da Igreja não estão fora do que se pode considerar como catolicismo. O que há são formas marginais de se expressarem e praticarem essa fé católica, formas diferentes de religiosidade dentro da religião. Um fato que mostra este pertencimento das massas populares a religião católica é o de fazerem peregrinações ao “Precioso Sangue de Cristo” na época em que as visitas a Maria de Araújo estavam em voga, como também os trabalhos prestados à construção de templos religiosos, como a supracitada matriz de Nossa Senhora Das Dores. São práticas que indubitavelmente põem esses fiéis como crentes do catolicismo, mesmo não percorrendo os trilhos da ortodoxia institucional.

No sítio Coxá, esses costumes em comum na comunidade, que instituíram uma tradição religiosa (HOBBSAWM, 1997), são advindos principalmente do fato de ser a mencionada comunidade estritamente católica. O que podemos constatar através do depoimento de Dona Cecília Alves, catequista local que conhece cada casa. Ao perguntarmos sobre suas impressões quanto a uma possível diversidade religiosa em Coxá, ela nos relatou: “Não, cem por cento católico aqui né, no Coxá! Onde a gente mora é cem por cento católica... Já apareceu pessoas [de outras religiões] né, pessoas já foram chamadas assim, mas não foi, permaneceu no catolicismo” (ALVES, C.S, 2021).

Segundo nossa depoente, haveria no Coxá uma unidade religiosa em torno do catolicismo. Este fato pode ser agente decisivo na constituição cotidiana da localidade, sendo também mais um motivador para o apoio popular na materialização da fé no Serrote do Diamante. Ao mesmo tempo, essa abrangente fé no catolicismo é uma propulsora na realização de atividades e costumes ligados à religiosidade católica, como pudemos averiguar na caracterização da capela ou nos relatos de nossos depoentes acerca da realização das peregrinações até a serra quando da ocorrência de eventos religiosos, como a inauguração, a participação na missa ou nas cavalgadas realizadas no local. Indícios sobre essa predominância da fé católica na comunidade também podem ser encontrados no depoimento de José Ernandes, quando ele defende que: “sim, e no Coxá todo mundo tem muita fé no Padre Cícero, todo mundo já veio pra cá já veio aqui, todo dia vinte tem muita gente e eu acho que o Coxá tá de parabéns!” (SOUZA, J.E, 2021).

Se, segundo Michel de Certeau (1998), o espaço é construído pelas práticas humanas, então podemos constatar que o serrote adquire *status* de espaço sagrado a partir das práticas provenientes da cultura católica desenvolvidas no cotidiano do Coxá. O que mostra aspectos ligados a uma reprodução de costumes e crenças. Sobre o conceito de cultura, Sandra Pesavento define-o “ainda como uma forma de tradução da realidade que se faz de forma simbólica” (PESAVENTO, 2014, p.15). Assim, a fé no catolicismo e no Padre Cícero poderiam ser interpretados aqui como a simbologia de uma fonte de bênçãos, da resolução de problemas de diversas naturezas. Soluções que aparecem como materializadas na forma dos pagamentos de promessas que os ex-votos evidenciam nos locais sagrados, assim como na serra do Coxá.

Além destes costumes apresentados, outros exemplos de práticas católicas que perpassaram gerações podem ser observados em Coxá. Um deles é a ornamentação dos chamados “altares domésticos”, em que cada casa possui um local, geralmente a parede que fica em frente a porta de entrada, em que se penduram imagens de santos em forma de quadros na parede ou numa pequena mesa:

Todas as... como é que diz... todas as famílias têm o seu oratório né, tem o seu altarzinho onde a imagem do Coração de Jesus, que é a principal né, e todas aqui na nossa comunidade, as famílias têm uma mesinha que chama o altar né, cada família! Eu acho que só as famílias mais jovens é que não têm, porquê as vezes a gente não quer trocar... eu aconselho até assim: “não troquem o altar de Deus pela televisão”!
(ALVES, C. S, 2021).

Sobre a presença deste tipo de ornamentação, Francisco Régis Lopes Ramos aponta que este tipo de altar passou a abrigar a imagem de Padre Cícero nas casas dos devotos, já que ela não pode ser posta no interior de igrejas e capelas pelo fato de o sacerdote não ser canonizado pelo Vaticano. Segundo o autor, esses espaços domésticos de oração são costumeiros do catolicismo que se desenvolveu aqui no Brasil, não ficando restrito aos sertões (RAMOS, 2014, p. 155). No sítio Coxá, não é diferente. Os altares domésticos costumam abrigar a imagem do patriarca de Juazeiro. Inclusive, outras estátuas do padre podem ser encontradas no interior da capela do serrote, além da principal e da primeira (a da fundação).

Ainda analisando o depoimento da catequista e coordenadora da Capela de Nossa Senhora da Conceição, padroeira da comunidade, temos evidência da importância dos chamados “tempos sagrados” no cotidiano local. Ao interrogarmos-la sobre a presença de tradições católicas festivas em Coxá, ela nos narra:

A gente aqui, a gente passou, é... assim, fora da pandemia [de Covid-19] né, a gente tem quatro tempos fortes, é... a Semana Santa né, que é no início do ano... e temos a quaresma... ah, assim... porque primeiro vem a quaresma né, aliás, vamos dizer... dois tempos fortes mesmo né. Primeiro é a quaresma, que é os quarenta dias, depois vem o advento, mas além dessas duas que são mais fortes tem por exemplo a festa da padroeira que vai ser agora, vai ser um movimento, né? E também a Semana da Família, sempre quando tem a Semana da Família a gente também tem movimento, por isso que eu costumo dizer que aqui tem quatro tempos fortes (Id.).

O que nossa depoente classifica como “tempos fortes” faz referência às épocas do ano em que as práticas católicas são mais efervescentes na comunidade. O que acaba gerando um maior movimento nessas práticas que já esboçamos. Sobre este “tempo forte”, Mircea Eliade (1992) o conceitua como “tempo sagrado”, períodos festivos para a Igreja Católica:

Há, por um lado, os intervalos de Tempo sagrado, o tempo das festas (na sua grande maioria, festas periódicas); por outro lado, há o Tempo profano, a duração temporal ordinária na qual se inscrevem os atos privados de significado religioso. [...] Toda festa religiosa, todo Tempo litúrgico, representa a ritualização de um evento sagrado que teve lugar num passado mítico, “nos primórdios” (ELIADE, 1992, p. 38).

Assim, os “tempos” fortes descritos por Dona Cecília Alves são uma referência às memórias dos santos aos quais homenageiam, seja o nascimento de Jesus (advento), a sua morte (páscoa), a festa da padroeira da comunidade (que tem sua culminância em 8 de dezembro) ou mesmo a prática de subir a serra nos dias vinte de cada mês, dia que o qual faz referência a morte de Padre Cícero, ocorrida em 20 de julho de 1934.

Neste “tempo sagrado”, rituais católicos são praticados nos espaços sagrados da comunidade, como as missas na capela da padroeira ou a realização de terços e

peregrinações em direção ao Serrote do Diamante. Diversas são as práticas de manipulação do sagrado por meio das camadas populares. Além destes exemplos, podemos mencionar outros, como a prática das renovações, atos que acontecem nas casas uma vez por ano para glorificarem ao “Coração de Jesus”, imagem que é tida como a principal em um altar doméstico. Nessas renovações, atos como o de cantar louvores e cânticos ao “Padim” são mais exemplos da memória de santidade constituída sobre ele:

O canto é uma forma de expressão da linguagem que possui um caráter ritual. Para o grupo, ele se torna representação de práticas que são desempenhadas no sentido de afirmar e tornar válido aquilo que alimenta a crença de um povo. Portanto, ele faz parte do conjunto de elementos que constituem a memória local (ALMEIDA, 2017, p. 231).³⁴

Os cantos bradados nos eventos festivos comunitários durante os tempos sagrados ou nas renovações diante dos altares domésticos são, pois, exemplos de práticas católicas presentes nos costumes do Coxá. São um conjunto de práticas coletivas que enraízam representações do sagrado para as camadas populares quando do exercício de sua fé, constituindo o que se pode chamar “comunidade de crença” (BURKE, 2012, p. 147).

Além dos exemplos práticos presentes nos costumes do Coxá, que pudemos identificar em nossas entrevistas, outro fator nos chamou a atenção. Aurora se apresenta como uma terra propícia à materialização de espaços sagrados sem a interferência decisiva da Igreja nas edificações. Dona Cecília, com seus conhecimentos sobre as atividades religiosas desenvolvidas no município de Aurora, Ceará, nos fala que não é apenas em Coxá que ocorreu uma espacialização da fé pela própria comunidade, mas sim, que Aurora contém diversos outros espaços sagrados popularmente construídos:

A capela da Mártir Francisca, a capela que é dos milagres que foi construída pela comunidade... A Bom Jesus também, que é em Aurora também, na cidade de Aurora, foi feita também pela comunidade. A Rosa Mística também, foi feita pela comunidade, essas que eu sei, que sempre no início eu sempre participava das reuniões e eu ouvia, o povo

³⁴ ALMEIDA, Ana Luzia L. Representações Do Padre Cícero Nos Cânticos De Renovação. Crato: Anais do IV Simpósio Internacional Padre Cícero: E... Onde está ele? Universidade Regional do Cariri (Ed.), 2017.

falava. E tinha as comissões né, porque tem a Rosa Mística, eu mesmo já visitei, eu fiz muitas visitas, lá no... como é que fala... no Bom Jesus, no monte, como o povo fala, no Bom Jesus... e na Mártir Francisca também (Id.).

Seja em honra a santos beatificados pelo Vaticano ou aqueles que são santificados pelos próprios habitantes de um lugar (ou que venham conhecer dado lugar), o hábito de se construir capelas em Aurora é notável. Em um dos exemplos mencionados pela depoente aparece o nome “Mártir Francisca”, uma jovem assassinada em 1958 por seu ex noivo na zona rural de Aurora, uma ocorrência de crime passional e feminicídio³⁵. Segundo reportagem do jornal *Diário do Nordeste*, publicada em 08 de fevereiro de 2020 “seu túmulo, no Cemitério de Aurora, recebe algumas visitas que acendem velas e deixam flores, porém, é a capelinha erguida pelo pai há mais de 60 anos, que se tornou centro de devoção. O monumento é mantido pela comunidade que, após 30 anos do assassinato, ergueu uma capela maior para Nossa Senhora dos Milagres, em referência às "obras" da santa popular”.³⁶

O caso de feminicídio da santa popular de Aurora mostra mais um exemplo das devoções que mortes trágicas podem originar, como nos exemplos descritos por Maia (2010) e Oliveira e Andrade (2013). Foram pessoas santificadas pelo povo, por pessoas que acreditam ter recebido milagres e graças pela realização e pagamento de promessa, dando origem a novos espaços sagrados.

3.4 Serrote do Diamante ou do Padre Cícero: as reconfigurações de um espaço

Vimos no capítulo anterior que a iniciativa advinda da relação dos irmãos Rodrigues, aliada ao trabalho voluntário e às contribuições financeiras pelos devotos, fizeram com que o Serrote do Diamante passasse a ser categorizado na esfera do sagrado. Os espaços sagrados em seus vários exemplos que poderíamos verificar em pesquisas e expor aqui são fundações que se distinguem do espaço comum que o cerca, como diz Eliade (1992). As multiplicidades das espacialidades sagradas se dão porque o espaço

³⁵ Sobre o caso de Mártir Francisca, ver: PASSOS, 2016.

³⁶ Fragmento do texto de Antônio Rodrigues para o jornal *Diário do Nordeste*, edição de 08 de fevereiro de 2020. Disponível em: <<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/regiao/morte-de-martir-francisca-em-aurora-completa-62-anos-1.2208808>>. Acesso em: 28 fev. 2022.

sagrado pode mover-se, “não é homogêneo e não é localizável (em termos profanos) fisicamente, ele pode ser translado a qualquer momento” (NOBRE, 2010, p. 96). Assim, podemos entender como outros pontos de devoção ao padre se tornaram possíveis de serem constituídos, além de Juazeiro do Norte.

No sítio Coxá, percebemos que a fundação pela colocação da estátua no natal de 2012 iniciou um processo de reconfiguração espacial no alto do Serrote do Diamante, em que o território deixou de ser um espaço comum, de rochedos imponentes em seu topo nunca antes modificado³⁷ para se tornar uma montanha que atraía dezenas de pessoas aos dias vinte de cada mês e até centenas de pessoas quando ocorria algum evento festivo do catolicismo. Originou-se então um hábito de visitar a serra para rezar, realizar e pagar promessas ao Padre Cícero, o que já fez surgir certo número de ex-votos.

Para as pessoas as quais entrevistamos, o local aparece como um espaço sagrado, onde pode-se encontrar espiritualmente o “Padim”, transmitindo assim sensações de paz e benção:

Ah, quando eu chego lá não dá nem vontade de voltar pra casa viu, quando eu chego lá... olhe, você pode ir com a maior preocupação mas quando você chega lá, passa tudo aquilo viu. É uma coisa importante, você vai com aquela preocupação com aquele negócio ... e quando chega lá você sente como que tirasse toda coisa ruim que tem na cabeça da gente viu, é. Quando você chega lá e ver meu padim e reza o terço já tira tudo, viu (MENDONÇA, M.F, 2021).

Cada um a seu modo demonstra sentimentos de fé e alegria quando está no topo da serra para rezar ao padre:

[...] é um lugar que todo mundo que vem pra aqui se sente à vontade, reza, é um ponto de oração né... e... aqui o povo, a consideração do povo é de que aonde o padre Cícero está é aqui né?! Por que tem o padre Cícero e o pessoal vem rezar, tipo a fé do pessoal é de que é aqui que ele mora, né? Meu entendimento é esse (SOUZA, J.E, 2021).

³⁷ Aqui, já falamos de como as atividades de mineração modificaram a paisagem natural. Mas cabe lembrar que essas modificações não se estenderam até onde especificamente está localizada o ponto culminante do serrote. Até porque, os rochedos gigantes não dariam oportunidade para exploração e colocação de máquinas na parte onde se encontra materializada a fé.

Assim, o Serrote também pode ser considerado, como propõe Ramos (2014, p. 141), como “a casa do santo”, pois é naquele determinado local que se pode entrar em contato com a representação do Padre Cícero como fonte de graças e proteção. Não que o padre “vá ser encontrado” apenas na capela do serrote, mas porque, na dimensão simbólica espiritual, nos espaços sagrados são onde se pode ter contato com o protetor. Basta pegarmos o exemplo de Juazeiro e seus vários locais sacralizados, como o túmulo do padre na Capela do Socorro (e a própria capela também), ou o Horto, a trilha do Santo Sepulcro, enfim, nos locais que guardam a memória do patriarca enquanto santo popular. Ainda segundo Ramos:

Em simbiose com o sagrado, o corpo sente-se outro. Mas, estar fora do lugar de devoção não significa separar-se dos objetos de devoção. Mesmo distante de Juazeiro ou do altar doméstico, os romeiros carregam no pescoço o rosário que, quase sempre, contém uma medalha com a efígie do Padre Cícero e Nossa Senhora das Dores (RAMOS, 2014, p. 180).

Assim, os locais sagrados são propulsores também de uma fé que não sai do espírito do devoto a medida em que este se separa fisicamente do espaço sacralizado. Essa fé é presente no imaginário popular como algo que acompanha os devotos para casa depois de “reabastecerem” sua crença no espaço sagrado. *Sobre o imaginário*, René Barbier (1994) o conceitua como “a faculdade de criação radical de formas/figuras/símbolos, tanto psíquico quanto social-históricos, que se exprimem no representar/dizer dos homens” (BARBIER, 1994, p. 21). Assim, os espaços sagrados podem ser entendidos como a representação do lugar onde se encontra o santo e sua fonte de bênçãos, para onde se dirigem as massas de crentes que vão orar pela interseção de seu protetor.

No Serrote não é diferente. Representado como o “lugar onde Padre Cícero pode ser encontrado”, o serrote passou por um processo de reconfiguração que mudaria não só seu *status* profano para o de sagrado, mas também mudaria sua nomenclatura. No capítulo anterior, discutimos sobre uma possível explicação para o fato de a supracitada serra ser chamada Serrote do Diamante, quando na verdade (até onde se sabe) nunca foi encontrado nenhuma pedra valiosa desta natureza lá. Em nossas entrevistas, perguntamos sobre essa

mudança no modo de nomear a referida elevação, se as pessoas estavam se referindo ao local como Serrote do Diamante ou do Padre Cícero:

É serrote de meu Padim Ciço, viu. E tem, tem uns que chama de Serrote do Diamante, outros diz Serrote do Padre Cícero... “vamo lá pro serrote de meu Padim Ciço”, outro diz “vamo pro do Diamante, pro serrote do Diamante” ..., mas é o serrote de meu Padim Ciço, viu (MENDONÇA, M.F, 2021).

A alteração na nomenclatura de um espaço sagrado pode ser vislumbrada desde o exemplo de Juazeiro, em que diversos locais passaram a serem chamados por nomes que faziam referências a passagens bíblicas, dando a cidade uma representação ainda mais reforçada do que era um lugar sagrado. Ralph Della Cava aponta que essa reconfiguração espacial representava Juazeiro como uma “Nova Jerusalém” desde os primórdios, quando seu patriarca ainda se encontrava vivo e sofrendo as punições eclesiais:

A serra do Catolé foi rebatizada como serra do Horto e era identificada com o Jardim das Oliveiras onde Cícero, assim como tinha sido com Cristo, suportava seu martírio. Paralelamente, o caminho íngreme talhado na pedra, ligando a aldeia ao Horto, tornou-se conhecido como o Caminho do Calvário, [...] até o riacho de inverno, Salgadinho, que corre do Horto para os alagados, a oeste de Joazeiro, foi apelidado de rio Jordão (DELLA CAVA, 2014, p. 156).

Essas alterações visam fortalecer a imagem de um local como sagrado, de uma terra como santa e, conseqüentemente, do Padre Cícero como santo. Ver o Serrote como espaço sagrado foi algo afirmativamente relatado por nossos depoentes. Para essa coletividade, o serrote não é mais uma montanha isolada das demais com pedras significativas em seu topo e que um dia já foi jazida de exploração de cobre. Ela abriga a materialização da fé, o espaço sagrado no Coxá, onde Padre Cícero, antigo proprietário da comunidade, pode ser simbolicamente encontrado. Quanto ao simbólico, Pierre Bourdieu (1989) defende que “é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer um sentido imediato do mundo, e em particular, do mundo social” (BOURDIEU, 1989, p. 9). Então, a reconfiguração de um espaço para a esfera do sagrado provoca uma releitura de sua significação, passando a ser símbolo de uma fé que se

quer firmar e reafirmar, numa simbologia que busca classificar determinada espacialidade como santa, diferente de seus arredores, dos espaços comuns.

Para nossa depoente, a catequista Dona Cecília, o serrote é também uma montanha santa, um monte santo:

Então as famílias hoje vão subir ao monte também [serrote], porque padre Cícero também... hoje tem a estátua né, o Horto... ele também saía da sua casa e ia para o Horto né, subia ao monte... que antes só era árvore..., mas ele subia ao monte e ia rezar lá também. E aqui também já tem esse monte sagrado, a gente considera assim né... um monte sagrado para as orações das pessoas (ALVES, C.S, 2021).

A montanha como um lugar de oração é uma referência bíblica de quando Jesus subia aos montes para orar. Segundo Mircea Eliade (1992) “a montanha figura entre as imagens que exprimem a ligação entre o Céu e a Terra; considera-se, portanto, que a montanha se encontra no Centro do Mundo” (ELIADE, 1992, p. 25). Sendo o serrote vislumbrado como um monte sagrado, poderia também ser percebido como um “meio do mundo”, local onde se encontra o sagrado, mas que não se restringe geograficamente a apenas um ponto em específico. Há muitos “centros de mundo” pelo mundo a fora.

Podemos identificar que as reconfigurações espaciais no serrote, seja “do Diamante” ou “do Padre Cícero” acompanharam a lógica de sua esfera de pertencimento. Primeiro, conhecido como serrote do Diamante por fazer uma referência a uma jazida de minérios, mesmo que o diamante enquanto pedra preciosa nunca tenha sido (até onde se sabe) encontrado no local. Depois, vindo a ser mencionado mais como Serrote do Padre Cícero por conter em seu topo a capela que abriga estátuas, ex-votos, registros de escritos da história de sua construção. Espaço sacralizado pelas práticas lá desenvolvidas, como as missas, as cavalgadas, as peregrinações, as visitas nos dias vinte do mês e o principal: a fé que o local representa, a fé no padre canonizado pelo povo e que um dia já ostentou o título de proprietário do sítio Coxá de Aurora.

Evidencia-se que essa reconfiguração espacial é fruto das práticas que continuam sacralizando o Serrote, conjunto de ações que são definidoras de uma identidade cultural e socioreligiosa no sítio Coxá. O espaço sagrado edificado mostra a eficácia dessas práticas observadas pelo exercício efervescente do catolicismo popular. Ao debater as

identidades socioreligiosas construídas pelo roubo de santo³⁸ no interior da Paraíba, Emerson Sousa define que práticas religiosas comuns no interior são constituintes de identidades comunitárias que, para o autor, “são pertencimentos estabelecidos por meio de práticas em comum. O campo das práticas, especialmente centrado em táticas, em maneiras peculiares de fazer, afigura-se como o suporte desse sistema cultural local” (SOUSA, 2021, p. 168).

Assim, apropriando-nos das definições deste autor e pensando o exemplo em Coxá, entendemos que o espaço sagrado no Serrote do Diamante é fruto de uma identidade comunitária embasada em princípios católicos, nas suas formas populares de execução. Desse modo, as continuidades destas práticas confirmam cada vez mais essa cultura socioreligiosa presente no cotidiano do Coxá pelo processo de adesão:

Outro aspecto do rito religioso é o seu aspecto social, pois necessita da adesão dos fiéis para o estabelecimento de uma identidade social e, conseqüentemente, religiosa, tanto para os membros dessa como para os não membros. Daí a recorrência da designação do conjunto de fiéis sob o nome de comunidade (ANDRADE, 2011, p. 206).

Analisando Solange Andrade (2011), a forma de se chamar o Coxá de “comunidade”, vai além de uma definição físico-geográfica. Essa menção também pode ser entendida como um conjunto populacional que partilha de crenças e valores comuns, que formam as identidades comunitárias, discutidas anteriormente. Ao longo das narrativas de nossos depoentes e de nossas discussões, ficou claro que a espacialização, em sua materialidade presente no reconfigurado espaço do Serrote do Diamante, só foi possível por ser uma causa que teve adesão da população, que se identificaram enquanto pertencentes ao sítio, à religião e ao massivo grupo de devotos do Patriarca de Juazeiro, concretizando essa devoção e fé como uma identidade religiosa local.

³⁸ Ato de furtar uma imagem de santo (principalmente a de São José) da casa de um parente ou vizinho como forma de pedir pelo fim de uma estiagem. Alcançada a graça (chuvas) marca-se posteriormente uma data para que a imagem roubada seja devolvida (em procissão, oração) à casa de onde foi furtada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No primeiro capítulo, discutimos a biografia e a construção da hagiografia de Padre Cícero, como também o início e a continuidade da simbologia de Juazeiro do Norte como terra sacralizada, comparada às características bíblicas de Jerusalém. Analisar a trajetória de vida do Patriarca de Juazeiro nos permitiu identificar como seu protagonismo acabou aos poucos apagando da história do personagem da beata Maria de Araújo, mulher que teve escorrido em seus lábios o que se acreditava ser o “Precioso Sangue” de Jesus Cristo. Foi ela quem, de início, começou a ser venerada como santa, junto com o sacerdote, mas que posteriormente foi sendo retirada de cena. Notamos que a mitificação do padre ocorre mesmo antes de 1889, quando, segundo as testemunhas e apologistas dessa trama, aconteceu a transformação da hóstia em sangue pelo seu zelo como capelão e pelos conhecimentos agroecológicos passados aos populares do então distrito de Juazeiro. Mas, de fato, foi a partir de 1889 que aconteceu uma ruptura nas formas de enxergar Juazeiro. Foi a partir daquele ano que o território se consolidou como espaço sagrado, pelas hierofanias manifestadas.

Além da hagiografia, expomos e discutimos um pouco sobre a vida política do Padre Cícero que, devido sua influência e sua beatificação popular ainda em vida, acabou por se tornar um homem influente no contexto político do Cariri, do Ceará e mesmo em escala nacional. Este fator contribuiu significativamente para que o conflito eclesiástico com a Diocese do Ceará (e posteriormente com a de Crato) e com o Vaticano se agravasse significativamente, nunca chegando a uma conclusão amistosa. O que fez o padre perder suas ordens sacerdotais e até mesmo ser excomungado temporariamente. Fato é que o padre foi um homem de seu tempo, imerso na política oligárquica e no coronelismo.

Apontamos o início da relação Padre Cícero – Coxá, quando, em 1908, as terras que continham as famosas jazidas de cobre foram demarcadas, com a participação de Dr. Floro Bartholomeu e do Conde Adolphe Van Den Brûle. Este fato acabaria por eternizar a ligação do sítio Coxá com a figura de Padre Cícero, inserido no imaginário local como legítimo dono daquelas terras, tanto judicialmente (naquela época) quanto simbolicamente (até hoje). Foi essa posse que permitiu estabelecer uma referência de Padre Cícero como personagem da história de Coxá contemporaneamente.

Percebemos que seu personagem foi essencial para a constituição do Juazeiro do Norte como importante cidade do interior nordestino, em aspecto econômico, político, turístico e, principalmente, no tocante às práticas da religiosidade exercidas desde o início das romarias, nos fins do século XIX. Mostramos que essas práticas foram geradoras de diversos espaços sagrados dentro da terra sacralizada que é Juazeiro. Sacralidade materializada com sua culminância em alguns locais específicos, como o Horto, a Capela do Socorro, onde se encontra sepultado o padre em seu altar, ou o Santo Sepulcro, geossítio que abriga diversas representações religiosas, cujo nome claramente manifesta mais uma comparação do território juazeirense com a “Terra Santa”.

Finalizamos o primeiro capítulo mostrando como essa sacralidade nascida em Juazeiro se espalha pelos sertões, construindo outras espacialidades sagradas, dando nome (Padre Cícero) às praças e monumentos, a estabelecimentos públicos e privados, eternizando-se na arte, na literatura, no cinema, na cultura popular e, claro, nas práticas religiosas.

No segundo capítulo, entramos especificamente em nossa temática de pesquisa. Descrevemos e discutimos as duas esferas históricas do Serrote do Diamante, a natural e a sagrada, cujas se entrelaçam. Abordando o aspecto profano, expomos a história da mineração nas jazidas de cobre existentes em seu território. Primeiramente abordando suas origens, em 1908, pela investida de Dr. Floro e o Conde. E segundo analisando as falas de nossos depoentes, especialmente do sr. Manoel Ferreira de Mendonça, antigo mineiro que trabalhou para algumas empresas que exploraram o Coxá nos fins do século XX e na primeira década do século XXI.

No referido Capítulo, narramos a história da *espacialização da fé* no Serrote do Diamante, mostrando como a participação dos irmãos Francinilton e Francélio Rodrigues foi essencial para que uma ideia de fundar um local sagrado se realizasse. A ligação dos dois irmãos com a comunidade, desde o início dos anos 2000, foi crucial para que a sacralização do espaço no alto da pequena montanha fosse pensada, gestada e acolhida. A fé no catolicismo e em Padre Cícero (tanto dos irmãos como da comunidade) foram motivações indispensáveis para que os devotos abraçassem a causa e ajudassem aos coordenadores da ideia no processo de materialização do santuário e na modernização de sua estrutura ao longo destes quase 10 anos (2012-2022).

Através de nossas entrevistas de História Oral, nossa fonte principal, pudemos descrever como se deu todo este processo de ereção da capela, suas semelhanças e disparidades com as ações orquestradas em Juazeiro quando Padre Cícero estava vivo, suas dificuldades e a ajuda que recebeu dos que foram tocados pela causa. Foram essas ações que construíram a “casa do santo”, abrindo alas para o crescimento da sacralidade espacial no serrote. Constatamos que a materialidade alojada no alto do Serrote do Diamante contribuiu para que o conhecimento sobre sua história e seu espaço sagrado aumentasse significativamente, fazendo com que fosse cada vez mais reconhecido como espaço que abriga a memória e a santidade do “Padim”. Nosso segundo capítulo adquiriu tom mais narrativo, em que mostramos boa parte da história que se conhece sobre o Serrote do Diamante, algo extremamente necessário para que posteriormente pudéssemos discutir as bases desse processo sacralizante, como acontece, quais práticas o fundamentam.

No terceiro e último capítulo, analisamos as práticas da religiosidade popular e como elas originam e desenvolvem espacialidades sagradas. Dialogando com outros exemplos de espaços sagrados constituídos às margens do catolicismo romanizado, pudemos vislumbrar a regularidade que novos espaços de devoção são criados, tanto os que homenageiam o Padre Cícero quanto aos que eternizam a hagiografia culturalmente construída de sujeitos menos conhecidos na História, chamados de mártires. Apontamos como essa hagiografia é reforçada pela presença de ex-votos nos locais dedicados a esses santos populares, sinal da eficácia de intercessão pelas causas daqueles que os procuram para exercer este “contrato de fé”.

Apontamos como o trabalho voluntário, de forma direta e indireta, para que a construção do santuário no serrote fosse possível se mostrou um fator estritamente ligado à devoção ao Padre Cícero, à crença em sua santidade. Dialogamos com aspectos do presente e do passado, problematizando como as ações facultativas já eram exercidas pelos devotos do padre desde os tempos da gestação de sua hagiografia, ações que materializaram espaços como a matriz de Nossa Senhora das Dores, na cidade do Juazeiro do Norte.

Posteriormente, apontamos como o sítio Coxá abriga uma tradição religiosa alicerçada no catolicismo. A partir de relatos como os da catequista da comunidade se percebe uma uniformidade na religiosidade local, amparada estritamente na fé católica e contendo claramente os aspectos ambíguos que as práticas populares carregam em suas

peculiaridades e em seu embasamento no catolicismo milenar, bíblico. Mostramos como essa ambiguidade aparece na realização de alguns eventos acontecidos no Serrote do Diamante, como a missa celebrada em 2016 pelo então pároco de Aurora ou a cavalgada que levou a imagem de Nossa Senhora Aparecida (santa do catolicismo oficial) até a capela do serrote. A larga participação da população local, vislumbrada em falas e fotos, mostra como esses sujeitos mostram-se dispostos a exercerem os costumes católicos praticados na comunidade. Além da participação nos acontecimentos no serrote, outros fatores como o a efervescência da fé da população durante os “tempos sagrados” do calendário cristão também se mostra como mais uma confirmação da fé católica existente na cultura local.

Concluimos o capítulo mostrando as reconfigurações espaciais do Serrote do Diamante, quando este passou a ser amplamente mencionado também como “Serrote do Padre Cícero”. Nomenclatura que carrega um duplo sentido, tanto em referência ao espaço sagrado que continua se firmando no alto da serra, quanto ao fato de ser uma referência às terras que foram propriedade do padre. Mostramos como essa fé materializada pelas práticas locais continua sacralizando o espaço do serrote, fortalecendo sua representação de local onde se pode ter um contato espiritual entre o “Padrinho” e seus “afilhados”. É a continuidade dessa sacralização que mostra como o sítio Coxá se configura como lugar onde os símbolos da religiosidade católica estão amplamente presentes, em associação a seu cotidiano sociocultural.

Desta forma, concluimos que a *espacialização da fé* presente no Serrote do Diamante o constitui como espacialidade sagrada porque é fruto do exercício de práticas da religiosidade católica popular amparada na figura de Padre Cícero. Essas práticas, gestadas a partir de 2012, ganharam fôlego ao longo dos anos seguintes, fazendo com que iniciativas autônomas (em relação à Igreja) provocassem uma estruturação e configuração de um templo sagrado para abrigar as estátuas e a memória do Padre Cícero na comunidade do Coxá. As práticas descritas só foram e são passíveis de execução porque a população se mostrou capaz de assumir uma identidade socioreligiosa fundamentada no catolicismo, especialmente no catolicismo popular.

Assim, o “Serrote do Padre Cícero” é fruto de uma forte identidade católica presente no cotidiano, na memória e no imaginário dos habitantes do Coxá. Como também, a existência e vivência deste espaço de devoção e memória continua a provocar o exercício de novas práticas, especialmente em todo dia vinte de cada mês. A

caracterização enquanto espacialidade sagrada, especialmente em sua capela, que já abriga diversos artigos religiosos e alguns ex-votos, mostra que as práticas dessa religiosidade têm se tornado frequente. O que pode indicar a continuidade e crescimento destas no referido espaço.

Nossa pesquisa abre perspectivas para se pensar como, mesmo mais de um século após a fundação do Juazeiro como terra sagrada, essa sacralidade continua se expandindo. O que mostra a perpetuação da imagem do Padre Cícero como santo do povo, como “padrinho” e protetor. Sendo tão recente, no tocante ao recorte temporal, nosso trabalho busca mostrar a importância de se trabalhar o contemporâneo e investigar sua relação com o passado. Buscamos mostrar como a escrita da história é possível, mesmo com poucas fontes e referências escassas.

É importante destacar que cada história e cada espaço físico e temporal guarda suas peculiaridades, principalmente na recepção do Padre Cícero como santo, fato que no Coxá aparece claramente aceito. Por último e não menos importante, é necessário frisarmos que, ao mostrarmos e discutirmos as práticas exercidas na religiosidade católica do Coxá, não intencionamos engessar imagens de uma realidade uniforme em relação às práticas do catolicismo pelo interior nordestino, pelos sertões, mesmo que elas apareçam constantemente enquanto um costume bastante comum nessas regiões. Regiões que acompanharam a marcha do tempo, mas que preservaram muitos hábitos e tradições. Porém, todo cuidado é pouco, ao pensarmos as representações do que seria o interior, o Nordeste, os sertões, para a não haver a concepção de imagens estereotipadas, distorcidas, anacrônicas. Mas essa, já é outra história.

FONTES

Online:

CINETEATRO SÃO LUIZ FORTALEZA. **Padre Cícero: Os Milagres de Juazeiro**. Direção: Helder Martins. YouTube, 28 de maio de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yNKIus86-n0> . Acesso em: 15 nov. 2021.

DIÁRIO DO NORDESTE. **Morte de "Mártir Francisca", em Aurora, completa 62 anos**, 08 de fevereiro de 2020. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/regiao/morte-de-martir-francisca-em-aurora-completa-62-anos-1.2208808>> Acesso em: 28 fev. 2022.

FERREIRA, Luiz N. **Passeio Turístico às Minas do Coxá - AFA 2015**. YouTube, 25 de julho de 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ys6tjhXJrpc> . Acesso em: 23 nov. 2021.

SILVA, José C. Aurora, Padre Cícero e as Minas do Coxá: Uma história que não quer calar! (Primeira parte). *In: Seminário Cariri Cangaço*, 2014. Disponível em: <http://cariricangaço.blogspot.com/2014/07/aurora-padre-cicero-e-as-minas-do-coxa.html> . Acesso em 23 nov. 2021.

_____. Aurora, Padre Cícero e as Minas do Coxá: Uma história que não quer calar! (Parte final). *In: Seminário Cariri Cangaço*, 2014. Disponível em: http://cariricangaço.blogspot.com/2014/07/aurora-padre-cicero-e-as-minas-do-coxa_8.html . Acesso em 23 nov. 2021.

VIEIRA, Francinilton R. Biografia do Beato Roque Pinto de Miranda. *In: Instituto Cultural e Social Beato Roque Pinto de Miranda*, 2017. Disponível em: <http://roquebeatodopadrecicero.blogspot.com/2017/07/biografia-do-beato-pinto-de-miranda.html> . Acesso em 20 nov. 2021.

Orais:

ALVES, C.S. **Cecília de Souza Alves**: depoimento [nov. 2021]. Entrevistador: Cícero Alves Pereira. Aurora, 2021. 1 arquivo mp3 (29 min 01s). Entrevista cedida para elaboração de trabalho de conclusão de curso do entrevistador.

MENDONÇA, M.F. **Manoel Ferreira de Mendonça**: depoimento [nov. 2021]. Entrevistador: Cícero Alves Pereira. Aurora, 2021. 1 arquivo mp3 (27 min 40s). Entrevista cedida para elaboração de trabalho de conclusão de curso do entrevistador.

SOUZA, J.E. **José Ernandes de Souza**: depoimento [nov. 2021]. Entrevistador: Cícero Alves Pereira. Aurora, 2021. 1 arquivo mp3 (16 min 40s). Entrevista cedida para elaboração de trabalho de conclusão de curso do entrevistador.

VIEIRA, F.R. **Francinilton Rodrigues Vieira**: depoimento [nov. 2021]. Entrevistador: Cícero Alves Pereira. Juazeiro do Norte, 2021. 1 arquivo mp3 (01h 07min 32s). Entrevista cedida para elaboração de trabalho de conclusão de curso do entrevistador.

REFERÊNCIAS

ALBERT, V. O lugar da história oral: o fascínio do vivido e as possibilidades da pesquisa. In: _____. **Ouvir Contar**: textos em história oral. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 13-31.

ALBUQUERQUE JR., D. M. Sertão: um museu a céu aberto. In: COSTA, C. B.; RIBEIRO, M. E. S. R. C. (org.). **Fronteiras móveis**: territorialidades, migrações. 1. ed. Belo Horizonte: Fino Traço, 2016. p. 231-252.

ALCÂNTARA, J. E. P. O Fiel Imaginário Da Representação Do Padre Cícero Romão Batista Na Capela Da Pedra Redonda Na Cidade De Farias Brito – CE. In: Simpósio Internacional Padre Cícero, 9., 2017, Crato, **Anais [...]** Crato: URCA, 2017.

ALMEIDA, A. L. L. Representações do padre Cícero nos cânticos de renovação. In: Simpósio Internacional Padre Cícero, 9., 2017, Crato, **Anais [...]** Crato: URCA, 2017.

ALONSO, L. S. O corpus documental em história oral: teoria, experiência e transcrição. **Revista Observatório**, Palmas, v. 2, n. 1, p. 54-75, 2016.

AMADO, J. O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral. **História**, São Paulo, n 14, p. 125-136, 1995.

ANDRADE, Solange R. de. O culto aos santos: a religiosidade católica e seu híbrido mo. **Revista Brasileira de História das Religiões**, Maringá, v. 3, n. 7, p. 131-145, 2010.

_____. Espaço sagrado e sacralização do espaço: aspectos da procissão de Corpus Christi em Maringá-PR. **Revista Brasileira de História das Religiões**, Maringá, ano 4, n. 11, p. 205-220, 2011.

ARAÚJO, R. D. **“O mistério da imagem”**: sonho, fé e medo na formação de um imaginário em torno do Padre Cícero (Cachoeira do Índios - PB). 2017. 61 f. Monografia (Licenciatura em História) - Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, 2017.

BARBIER, R. **Sobre o imaginário**. Brasília: Liber Livro Editora, 1994.

BARROS, L. O. C. **A terra da mãe de Deus**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

BRAGA, A. M. C. **Padre Cícero**: sociologia de um padre, antropologia de um santo. 2007. 419 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BURKE, P. **História e teoria social**. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

- CERTEAU, M. Práticas de espaço. In: _____. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Trad. Ephraim Ferreira Alves. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- DELGADO, L. A. N. **História oral: memórias, tempo, identidades**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- _____. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. In: Encontro Nacional de História Oral, 6., 2003, São Paulo **Anais [...]** São Paulo: ABHO, 2003.
- DELLA CAVA, R. **Milagre em Joazeiro**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- ELIADE, M. **O sagrado e o profano**. Tradução: Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FACÓ, R. **Cangaceiros e fanáticos: gênese e lutas**. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
- FERNANDES, R. F. **A devoção dos nordestinos em padre Cícero e os vários pontos de vista sobre uma figura emblemática e questionada na contemporaneidade**. 2017. f. Monografia (Licenciatura em História) - Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, 2017.
- FERREIRA, M. M. et al. **História Oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000.
- FERREIRA, T. C. Preceitos ecológicos do padre Cícero: uma visão agroecológica. **Polêmica Revista Eletrônica**, v. 13, n.4, 2014.
- FIORUCCI, R. História oral, memória, história. **Revista História em Reflexão**, Dourados, v. 4, n. 8, jul./dez. 2010.
- FORTUNATO, M. L. **O coronelismo e a imagem do coronel: de símbolo à simulacro do poder local**. Tese (doutorado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.
- FREITAS, S. M. **História oral: possibilidades e procedimentos**. 2. ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006
- HERMAN, J. História das religiões e religiosidade. In: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. (org.). **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- HOBSBAWM, E. Introdução: a invenção das tradições. In: HOBSBAWM, E.; RANGER, T. (org.). **A invenção das tradições**. Tradução: Celina Cardim Cavalcante. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. p. 9-23.
- LE GOFF, J. Documento/monumento. In: _____. **História e memória**. 3. ed. Campinas: Editora UNICAMP, 1994. p. 535-553.
- LIRA NETO. **Padre Cícero: Fé, Poder e Guerra no Sertão**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- MACHADO, M. F.; SANTOS, A. L. A comunidade do Caldeirão da Santa Cruz e a (re)significação da memória. In: Simpósio Internacional Padre Cícero, 9., 2017, Crato, **Anais [...]** Crato: URCA, 2017.

MAIA, M. F. **“Milagreiros”**: um estudo sobre três santos populares no Ceará (1929-1978). 2015. 270 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2015.

NOBRE, E. S. **O teatro de Deus**: a construção do espaço sagrado de Juazeiro do Norte a partir de narrativas femininas (Ceará, 1889-1898). 2010. 200 f. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.

OLIVEIRA NETO, A.; ANDRADE JÚNIOR, L. A construção de duas devoções no município de Jardim do Seridó-RN: aproximações e distanciamentos. *In: Simpósio Nacional de História*, 27., 2013, Natal. **Anais [...]** Natal: ANPUH, 2013.

PASSOS, Luiz Paulo. “Pelo amor que lhe tenho, você vai morrer”: uma análise de crimes passionais na cidade de Aurora (Ceará, anos 1950). Monografia (Licenciatura em História) UFCG/CFP - Cajazeiras, 2016.

PESAVENTO, S. J. **História e história cultural**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

PORTELLI, A. O que faz a história oral diferente. **Projeto. História**, São Paulo, v. 14, jan./jun. 1997.

_____. Memória e diálogo: desafios da história oral para a ideologia do século XX. *In: ALBERTI, V.; FERNANDES, T. M.; FERREIRA, M. M. (org). História oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000.

RAMOS, F. R. L. **O meio do mundo**: território sagrado em Juazeiro do Padre Cícero. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014.

SILVA, J. J. O olhar de Padre Cícero sobre as relações sociedade natureza e sua importância na formação de núcleos rurais no Cariri cearense. **Vozes, Pretérito & Devir**; v. 1, n. 1, 2013.

SOUSA, E. J. F. **“Experiências de inverno”**: a prática do roubo de santo e a sacralização de espaços sertanejos em comunidades rurais de Pombal-Paraíba (1950-2015) 2021. 219 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2021.

TOLOVI, C.; LIMA, M. J. Z. O poder da narrativa na construção do mito “Padim Ciço”. *In: Simpósio Internacional Padre Cícero*, 9., 2017, Crato, **Anais [...]** Crato: URCA, 2017.